



**CESUMAR – CENTRO UNIVERSITÁRIO DE MARINGÁ  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO  
PROJETOS EXPERIMENTAIS EM JORNALISMO**

**“PASSADO EM PRETO E BRANCO”:  
O FUTEBOL PROFISSIONAL MARINGAENSE EM  
RADIODOCUMENTÁRIO**

**JOSÉ CLAUDIO ORTIZ JÚNIOR**

**MARINGÁ  
2009**

JOSÉ CLAUDIO ORTIZ JÚNIOR

**“PASSADO EM PRETO E BRANCO”:  
O FUTEBOL PROFISSIONAL MARINGAENSE EM  
RADIODOCUMENTÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentado à disciplina de Projetos Experimentais em Jornalismo, do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Maringá - CESUMAR, como requisito parcial para cumprimento das etapas exigidas no regimento do TCC.

Coordenação de TCC: Profa. Dra. Renata Marcelle Lara Pimentel.

Orientação: Prof<sup>a</sup> Esp. Cibele Abdo Rodella

Co-orientação: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Paula Machado Velho.

MARINGÁ  
2009

JOSÉ CLAUDIO ORTIZ JÚNIOR

**“PASSADO EM PRETO E BRANCO”:  
O FUTEBOL PROFISSIONAL MARINGAENSE EM  
RADIODOCUMENTÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, apresentado à disciplina de Projetos Experimentais em Jornalismo, do Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Maringá - CESUMAR, como requisito parcial para cumprimento das etapas exigidas no regimento do TCC.

**BANCA EXAMINADORA**

**ORIENTADOR:** \_\_\_\_\_

**PROF<sup>a</sup>. ESP. CIBELE ABDO RODELLA**

**MEMBRO:** \_\_\_\_\_

**PROF. ESP. ANTÔNIO PAULINO DOS SANTOS JÚNIOR**

**MEMBRO:** \_\_\_\_\_

**PROF. ESP. ELIAS GOMES DE PAULA**

## DEDICATÓRIA

À Deus e aos apaixonados por futebol,  
Sem eles esse trabalho não teria motivo para ser realizado

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, José Claudio Ortiz e Maria Amélia Peres Franzoi Ortiz, que sempre me deram força, desde o começo da faculdade até os últimos dias do quarto ano.

À Rádio Universitária Cesumar FM, e para as pessoas que lá trabalham. Um agradecimento especial ao Elias Gomes de Paula, que me ajudou com a gravação das vinhetas e ao Wagner Colucci que conseguiu um CD com vários hinos dos clubes de Maringá e algumas narrações de gols antigos, que foram importantes na sonoplastia do documentário.

Aos integrantes do programa Arquibancada, que souberam entender a minha ausência, e que sempre me apoiaram independente do momento, sempre dando apoio ao meu trabalho.

Aos vários professores, em especial, a professora Esp. Cibele Abdo Rodella, que mesmo muito atarefada aceitou ser minha orientadora, depois que a minha antiga orientadora se transferiu da instituição, agradeço também à professora Patrícia Marcondes que participou da elaboração do projeto, com muitas ideias e sugestões. Ao Rafael Sampaio, que me ajudou na edição e gravação do radiodocumentário. Ao professor Cléverson, que me ajudou nas correções para a banca final. À professora Dra. Renata Lara, que me ouviu, me ajudou e colaborou para o resultado deste trabalho. À todos os amigos que estiveram presentes a cada entrega de versão, em cada correção.

À minha coorientadora professora Dra. Ana Paula Machado Velho, que me ajudou nos ajustes do produto, e mais que isso, me deixou um legado de me apaixonar pelo rádio.

Posso ter esquecido algumas pessoas, então queria agradecer a todos que tiveram uma participação direta ou indireta nesses quatro anos de curso e na realização deste trabalho.

## RESUMO

O futebol está envolvido de maneira direta ou indireta ao cotidiano das pessoas, e em Maringá isso não é diferente. O tema O PASSADO EM PRETO E BRANCO: O FUTEBOL PROFISSIONAL DE MARINGÁ tem como objetivo resgatar fatos históricos que aconteceram na cidade e mostrar como o futebol local já obteve títulos em nível estadual e nacional. Além disso, existem ainda histórias pouco conhecidas da população maringaense. Para isso foi utilizado o jornalismo como reconstrutor de história, e o veículo para divulgar isso para a população foi o rádio, devido à ligação que sempre existiu entre transmissões esportivas e o rádio. Pretende-se que com a elaboração desse documentário possa-se atingir jovens, que fiquem sabendo de eventos importantes no futebol que aconteceram em Maringá, e que afetaram a sociedade da época, e que afetam a sociedade local até os dias de hoje. E para finalizar, divulgar a história do futebol profissional da cidade junto à sua população.

**Palavras chave:** radiodocumentário, jornalismo esportivo, futebol.

## ABSTRACT

Soccer is involved either directly or indirectly in everyday life, and in Maringá that could not be different. The theme “The Past in Black and White: The History of Professional Soccer in Maringá” aims to rescue historical events that took place in this city and it shows how the local soccer team has obtained importance and nationwide recognition. Besides that, there are still unknown stories for the population of Maringá. For that purpose it was used a reconstructive process in Journalism history and to spread it to population, using radio as its link because there has always been a relation between radio and the sports broadcasting. The making of this documentary is intended to reach a young public, making them know important events in soccer that took place in Maringá and affected society at that time and influenced until then. To wind up, broadcast the history of professional soccer team of the city followed both by population and professionals involved.

Keywords: documentary in radio, sports journalism, soccer

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. O RÁDIO</b> .....	14
2.1 RÁDIO: UM VEÍCULO DE ALCANCE ILIMITADO.....	14
2.2 GÊNEROS E FORMATOS.....	20
2.3 JORNALISMO RADIOFÔNICO.....	22
2.4 O RÁDIO EM MARINGÁ.....	22
<b>3. JORNALISMO ESPORTIVO</b> .....	24
3.1 JORNALISMO ESPORTIVO: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO NO BRASIL.....	24
<b>3.1.1. A contribuição do jornalismo esportivo à imprensa no Brasil</b> .....	29
3.2 DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO ESPORTIVO.....	35
3.3 JORNALISMO ESPORTIVO E JORNALISTA ESPORTIVO.....	38
3.4 JORNALISMO ESPORTIVO E RESGATE DA HISTÓRIA.....	43
<b>4."PASSADO EM PRETO E BRANCO": A HISTÓRIA DO FUTEBOL PROFISSIONAL DE MARINGÁ</b> .....	44
<b>5. PROJETO EDITORIAL</b> .....	92
5.1 ASPECTOS EDITORIAIS.....	92
<b>5.1.1 Nome do produto e Justificativa</b> .....	92
<b>5.1.2 Sistema de transmissão</b> .....	92
<b>5.1.3 Público</b> .....	92
<b>5.1.4 Duração</b> .....	92
<b>5.1.5 Linguagem</b> .....	93
5.2 ESTRUTURA.....	93
<b>5.2.1 Blocagem</b> .....	93
<b>5.2.2 Apresentação</b> .....	93
5.3 ETAPAS DE PRODUÇÃO.....	93
5.4 PROJETO ACÚSTICO.....	94
<b>5.4.1 Vinhetas</b> .....	94
<b>5.4.2 Trilhas</b> .....	95
5.5 RECURSOS HUMANOS.....	95
5.6 RECURSOS TÉCNICOS.....	95
5.7 LINHA EDITORIAL.....	95

5.8 ROTEIRO.....	96
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
APÊNDICES.....	101

# 1 INTRODUÇÃO

Durante o curso, nesses quase quatro anos de vida acadêmica, algumas situações foram observadas através de trabalhos realizados na cidade de Maringá. Dentre esses, a inexistência de uma equipe de futebol profissional em Maringá. Outras cidades do porte de Maringá como: Cascavel e Ponta Grossa têm equipes de futebol e representam suas cidades nos principais torneios realizados no estado.

O objetivo desta pesquisa é a realização de um radiodocumentário que aborde a história do Grêmio Maringá e de outras equipes que surgiram na cidade. Algumas dessas equipes tiveram sua “vida” curta na cidade, enquanto outras como o Grêmio acabaram sobrevivendo por vários anos e conquistando títulos importantes e por isso sendo a parte principal do trabalho.

Não sendo da cidade de Maringá, alguns aspectos de sua cultura me chamaram a atenção, dentre esses encontra-se a correlação existente entre o crescimento da cidade e a ausência de uma equipe de futebol que represente a tradição, cultural e econômica, como costuma acontecer com centros de referência regionais no Brasil e no exterior.

Investigações, matérias e pautas durante o curso de jornalismo me mostraram que o passado do futebol profissional de Maringá foi rico em conquistas e histórias. Buscar essas histórias, resgatar esses momentos do futebol maringaense, tornou-se uma determinante interessante como tema para o trabalho de conclusão de curso.

“O PASSADO EM PRETO E BRANCO: O FUTEBOL PROFISSIONAL DE MARINGÁ, em uma alusão literal às cores que representaram o esporte profissional maringaense nas décadas de 60 e 70, do século passado. Os acontecimentos da época e posteriores tornaram-se uma incógnita a ser revelada através da pesquisa científica, procurando com isso estabelecer parâmetros que pudessem tanto me auxiliar quanto auxiliar a população maringaense na compreensão dos fatores responsáveis por esse aparente esquecimento. A partir das pesquisas bibliográficas que nos apresentavam a história do futebol, o tema tornou-se mais instigante, porque passaram a surgir histórias de jogadores das equipes maringaenses em seus momentos de glória. Associada à pesquisa bibliográfica, outras fontes começaram a surgir, principalmente aquelas fontes orais, ex-jogadores, dirigentes e ex-dirigentes, que se tornaram o ponto chave do trabalho, como as entrevistas com personalidades ligadas ao futebol de ontem e de hoje em Maringá, bem pela observação de uma

aparente obsessão dos torcedores pela recuperação de uma equipe que marcou época e desapareceu.

Como forma de apresentação dos resultados alcançados foi adotado o jornalismo como elemento investigativo para a recuperação da história daquele que se tornou o mito do profissionalismo futebolístico em Maringá – o Grêmio Esportivo Maringá – cuja trajetória ao longo de cerca de dez anos mexeu com o imaginário da população de Maringá e região. Os resultados desses anos são recordados com nostalgia pelas velhas gerações e sonhados por jovens que ora se iniciam no esporte. Essa idolatria por um passado marcado por conquistas de caráter regional, estadual e nacional sempre aflora quando, seja em transmissões de eventos esportivos, seja em entrevistas, é recordado o futebol profissional que marcou a cidade.

Em Maringá, como em qualquer outro lugar do mundo, o futebol é capaz de criar heróis e vilões, fazendo com que cidadãos normais se inflamem e “cantem” de forma vibrante os áureos tempos do futebol local desde seu surgimento na década de 1960.

Observei que a população maringaense, principalmente aqueles que se interessam pelo futebol, se ressentem pela ausência de uma equipe condizente com o atual *status* econômico e cultural que Maringá ocupa no cenário do Estado do Paraná e, também, com aquilo que ela já foi para o cenário do futebol nacional, vivendo por isso uma situação de nostalgia referente às conquistas do Grêmio Esportivo Maringá.

Dentre as personalidades esportivas ouvidas, como forma de recuperação desse passado, foram entrevistados: **Aldi César Mertz**, Presidente do Maringá Esporte Iguatemi; **Adoilson Costa**, jogador de profissional de futebol que atuou pelo Grêmio entre 1988 e 1990; **João Donizete Almeida**, jogador de futebol do Grêmio entre 1988 e 1991; **Itamar Antônio Bellasalma**, jogador de futebol do Grêmio entre 1977 e 1981; **Luiz Antônio Rocha**, jogador de futebol do Grêmio entre 1988 e 1996; **Nedson Fernando dos Santos**, jogador de futebol do Grêmio e do Maringá Futebol Clube nos de 1996 e 1997; **Reginaldo Ferreira de Lima**; jogador de futebol do Grêmio de 1976 até 1987; **Luis Heitor Linhares**, presidente do Engenheiro Beltrão(Maringá Cidade Canção Futebol Clube); **Maurício Gonçalves**; jogador de futebol do Grêmio de 1964 a 1972; **Roderley Geraldo de Oliveira**; jogador de futebol do Grêmio nos anos 60, atualmente atua como comentarista esportivo na

Rádio Atalaia; **Krienger Ramos – Zuring**; realizada através de telefone, jogador de futebol do Grêmio nos anos 1960; **Cláudio Viola**; entrevista por telefone com o jornalista esportivo que acompanha o futebol, desde 1989, como jornalista do Diário do Norte do Paraná e antes como torcedor.

Com o intuito de buscar a valorização e a preservação dessa matéria sobre o esporte maringaense, foi adotado o comportamento de utilizar o jornalismo como forma de recuperação da história e, dentre as diversas formas de radiojornalismo, irá se utilizar o radiodocumentário como veículo ideal para transmitir as descobertas e constatações ocorridas durante o trabalho de coleta de dados.

Apesar de pouco utilizado em nosso país, o radiodocumentário apresenta uma característica extremamente interessante, uma vez que, além de sua atuação impactante decorrente da forma de sua edição, também permite a mescla de outros elementos que não apenas a voz do apresentador. A ela se juntam as vozes daqueles que fizeram a história, bem como daqueles eventos fonográficos que marcaram essa mesma história.

O contato, através de entrevistas, com personalidades, sejam elas atletas da época, dirigentes ou repórteres esportivos, ligadas ao futebol de Maringá, me permitiu a demarcação das possíveis causas que levaram o futebol, outrora marcante e valorizado, à situação em que se encontra hoje, em descrédito e quase abandonado.

Enfim, através desse trabalho não se poderá estabelecer medidas que possam reerguer o futebol maringaense, mas nos será permitido compreender o valor e a idolatria que o antigo Grêmio Esportivo Maringá, principalmente, entre outros de valor semelhante, evoca na lembrança de “velhos” aficcionados do futebol profissional de Maringá.

Considerando o desenvolvimento do trabalho, apresenta-se um capítulo que irá refletir sobre o papel do rádio como elemento formador de opinião, divulgador da cultura regional e nacional, bem como elemento de fortalecimento do esporte. No segundo capítulo, o jornalismo esportivo se torna o foco de reflexão, analisando sua evolução e o papel que o mesmo desempenha como elemento capaz de auxiliar no resgate da história, no caso do presente trabalho, na história do Grêmio Esportivo Maringá e de outras equipes que tiveram uma visibilidade menor na cidade e como as diversas ocorrências de cunho econômico e profissional determinaram seu desaparecimento do cenário esportivo regional, nacional e internacional. O capítulo

destinado à história do Grêmio Esportivo de Maringá fará o resgate histórico da evolução e do processo de decadência que o marca, este capítulo é formado pelo roteiro do documentário e pelo próprio documentário, já que todas as falas do locutor e dos entrevistados foram decupadas, dando ao leitor/ouvinte a possibilidade de escolha entre ler o roteiro ou ouvir o produto.

A forma escolhida para o desenvolvimento do trabalho de pesquisa deverá revelar a história, e o que se passou com o futebol profissional em Maringá, bem como sua ascensão e decadência que marcam o imaginário popular.

O método de pesquisa foi através de entrevistas semi-estruturadas, que depois de gravadas, foram ouvidas, decupadas e editadas, na sua maioria feitas ao vivo, e só em alguns casos por telefone devido ao deslocamento ser difícil.

O documentário segue uma ordem cronológica, desde 1961 quando surgiu a primeira equipe de futebol em Maringá até o ano de 2009, que foi o ano de conclusão do trabalho, durante o documentário são inseridos arquivos sonoros do ex-narrador esportivo Antônio Paulo Pucca, que são mesclados à fala do locutor e as entrevistas que foram colhidas.

## 2. O RÁDIO

### 2.1 RÁDIO: UM VEÍCULO DE ALCANCE ILIMITADO

O rádio é um meio de comunicação massivo, e começou a ganhar esse espaço a partir da década de 1920, com o lançamento da Rádio Clube do Brasil. Historicamente o rádio passa a ocupar espaço como meio de comunicação durante os festejos do Centenário da Independência, a sete de setembro de 1922, quando transmite ao vivo o discurso do Presidente Epitácio Pessoa. No começo o rádio era basicamente constituído por discos e espetáculos. Segundo Ferrareto (2000), a busca por anunciantes fez com que o meio fosse massificado, atingindo assim o maior número possível de pessoas e criando nelas necessidades consumistas. Na década de 1930, com a liberação de 10% do horário para propagandas, o rádio começa a se tornar um negócio rentável para ir divulgando seus espetáculos e discos.

Ainda na década de 1930, as rádios começam a fazer um elenco fixo de artistas para suas produções, impulsionando os humorísticos, as radionovelas e os programas de auditório. Com tudo isso, ocorrido em duas décadas, o rádio acaba por se firmar como um veículo de comunicação de massa por excelência.

Segundo Ferrareto (2000), após décadas de papel preponderante como veículo de informação, às vezes dividida, mas sobressaindo por sua capacidade de interação quase instantânea com o acontecimento, ao entrar em “disputa” com a televisão principalmente a partir da década de 80, do século passado, a maioria das rádios passou a segmentar sua programação, atingindo de maneira mais direta seu público alvo e deixando claro que quanto mais segmentada for sua programação, mais fácil será para atingir o público que a rádio visa. Foi então que começaram a surgir as rádios musicais, informativas, esportivas e outras segmentações buscando apenas seu público alvo, partindo do pressuposto que englobando todos os ouvintes ela não conseguiria atingir realmente nenhum deles.

Pensando-se em instrumentos de comunicação, o rádio parece ser um dos mais ilimitados, porquanto estimule apenas um dos cinco sentidos humanos, mas talvez seja um instrumento ou veículo que mais exercite a imaginação do ouvinte, despertando sua sensibilidade.

Dentre os diversos veículos de informação e comunicação, o rádio é aquele que exerce um papel fundamental na interação entre o emissor e o receptor. É um

meio ágil, de simples operação e altamente atualizador, pois permite a informação ser transmitida quase que simultaneamente à sua ocorrência. A rapidez na informação conquista o ouvinte, por poder acompanhar um fato, através da notícia veiculada pelo rádio, no momento mesmo em que acontece. No entanto, exige certa participação ativa do ouvinte, pois o mesmo deve estar frente ao rádio no exato momento da transmissão, se essa lhe for interessante. Na transmissão o que importa é o raio de abrangência, e isso não depende apenas da potência dos radiotransmissores, e a mesma tende a atingir os mais diferentes usuários, independente de formação cultural, social e regional. De acordo com sua capacidade de penetração, o rádio, exerce um grande papel “civilizador”, pois, conforme já se afirmou acima, o noticiário quase que concorrente com o evento faz com que uma grande parcela da população tenha a informação imediata.

Dadas as características geográficas e sócio-econômicas do Brasil, o rádio exerceu e ainda exerce papel extremamente significativo na divulgação e mobilização da população a respeito dos grandes eventos nacionais. Segundo César (2005), em pesquisa realizada em 2004, mesmo as famílias mais pobres, e principalmente estas, possuem pelo menos um aparelho de rádio em casa, o que permite que o meio de comunicação esteja presente no cotidiano da maioria das pessoas.

Segundo César (2005), o rádio, além de exercer o papel de companhia, pode contribuir para melhorar a cultura, a saúde e a educação no Brasil, dando uma chance para que as pessoas, com uma ampliação de seu universo informativo, consigam uma qualidade de vida melhor, pois é capaz de desviar a pessoa de seus problemas e ansiedade, proporcionando relaxamento e lazer; reduzir o sentimento de solidão, por criar a sensação de companhia, e por estabelecer padrões de comportamento social, bem como modelos de identificação do ouvinte com o mundo e a sociedade que o cerca. Com relação à saúde, ainda levando em consideração seu considerável poder de penetração, o rádio pode tornar-se útil transmitindo as informações necessárias a respeito das campanhas realizadas em busca da erradicação de determinadas doenças, bem como pela utilização de programas que transmitam informações básicas quanto à forma de realizar as medidas preventivas contra determinadas epidemias que ainda assolam o território nacional.

De acordo com Ferrareto (2000), o rádio é um meio de comunicação que utiliza as emissões de ondas eletromagnéticas para transmitir suas mensagens

sonoras destinadas a um receptor. Por apresentarem comprimento diferente, as ondas do rádio são classificadas em ondas curtas de alta frequência e ondas largas de baixa frequência, o que influencia na capacidade de transmissão, podendo atingir distâncias maiores ou menores.

O sistema de radiocomunicação normal possui dois componentes básicos, que são o transmissor e o receptor. Essa aparente facilidade de utilização dos componentes faz com que o rádio seja, ainda hoje, um dos veículos de comunicação de maior penetração entre os habitantes de uma região, pois os baixos preços de um receptor de rádio tornam viáveis e bastante influenciadoras as emissões de rádio. Assim, considerando sua capacidade de identificação com a população, integrando-se à rotina diária dessa mesma população, o rádio apresenta um grande potencial de mobilização e divulgação. É neste sentido que o rádio assume o papel de veículo de comunicação de massas.

O sentido, às vezes, depreciativo do emprego da classificação como veículo de comunicação de massas é, na verdade, preconceituoso, uma vez que o mesmo é um meio frio, ou seja, não é ele quem determina o valor e abrangência da informação, mas sim o sistema que opera por trás dele.

Sendo considerado um veículo de comunicação de massa, o rádio tem uma audiência ampla e heterogênea, mas anônima. A mensagem depende da média do gosto e hoje o rádio tem um *feedback* muito grande, pois é o veículo pelo qual o ouvinte mais possui maneiras de interagir com o apresentador, por exemplo, por telefone. Na maioria dos casos de rádios, os recursos vêm dos anunciantes, tirando as rádios educativas e comunitárias que possuem características únicas, como, por exemplo, ter uma programação diferente, e devido à legislação não pode contar com propagandas apenas com apoio cultural. O rádio dá a opção de resposta imediata ao ouvinte uma vez que o emissor e o receptor, algumas vezes encontram-se separados por centenas de quilômetros e mesmo assim existem maneiras deles se comunicarem.

De acordo com as características específicas do meio de comunicação, principalmente por sua estrutura de comunicação à distância e aparente impossibilidade de permanência, o rádio necessita de algumas preocupações na hora de sua emissão. Alguns pontos são importantes na hora de emitir uma mensagem no rádio, e devem ser levados em conta. São eles: *capacidade auditiva*

*do receptor, a linguagem radiofônica, a tecnologia de transmissão e recepção, fugacidade, tipos de público e as formas de recepção.*

A *capacidade auditiva* é a ausência do contato visual que faz com que a interrelação entre o emissor e o receptor ocorra apenas no plano da audição, com isso a fala passa a ser base da transmissão de mensagem no rádio.

A *linguagem radiofônica* é outro ponto importante, pois o uso da voz humana, da música, dos efeitos sonoros e até do silêncio fazem parte dessa linguagem, dependendo da situação, o silêncio possui um significado, importante ou não. Todos esses elementos, juntos ou separados, interferem direta ou indiretamente na transmissão da mensagem. A eles pode se associar ainda a presença de “ruídos” que interferem diretamente na emissão e recepção da transmissão.

Outro ponto importante na emissão de uma mensagem radiofônica diz respeito à *tecnologia da transmissão e recepção*. Tal tecnologia consiste na maior ou menor quantidade e qualidade de recursos técnicos que influenciam na diminuição ou não da eficácia do processo. Não fica apenas como envio de mensagem, mas também pode interferir na interpretação dessa mensagem. A utilização de recursos sonoros que podem ajudar na assimilação da mensagem enviada é apenas um dos exemplos de recursos técnicos que podem ajudar no envio da informação.

Se considerar a emissão radiofônica como uma forma de intervenção “ao vivo”, ou seja, as características da mensagem e sua profundidade devem ser apreendidas no momento de sua recepção, a emissão é fugaz. A *fugacidade* nada mais é que a mensagem do rádio ser consumida no momento em que ela é enviada, não tem a mesma facilidade de um jornal que pode ser relido, no rádio isso é impossível. Portanto, a mensagem deve ser clara e não pode gerar dúvidas, pois não existe a possibilidade de se “ouvir” novamente o que foi dito, para eliminar a possível dúvida que a mensagem deixou no ouvinte. Em razão dessa fugacidade, pode-se identificar uma das desvantagens do rádio, a mensagem ficar “velha” com muita facilidade. Segundo Ferrareto (2000), as características de público também afetam diretamente a mensagem a ser enviada. O tipo de mensagem vai depender do nível social, cultural e econômico do indivíduo receptor, deixando assim transparecer que o rádio é um veículo que acaba por si só se segmentando automaticamente, destinando-se a faixas sócio-culturais diversas em uma sociedade.

As formas de recepção são as mais diversas. As mais comuns segundo Ferrareto (2000) são: *escuta ambiental*, *escuta em si*, *atenção concentrada* e *escuta por seleção*. Na *escuta ambiental* o que o ouvinte busca são palavras ou músicas, mas não consegue se concentrar no que está ouvindo. Na *escuta em si*, o ouvinte presta atenção, mas realiza uma atividade paralela, não dedicando 100% da sua atenção ao que está sendo veiculado. Na *atenção concentrada*, o volume é mais alto que o som ambiente e o ouvinte presta atenção no que está sendo veiculado. Já na *escuta por seleção*, o ouvinte já sabe o que quer ouvir e o horário, então ele sintoniza seu rádio e escuta alguma coisa que ele conhece e a que dedica toda sua atenção a escutá-lo.

Existem diferenças entre *ouvir*, *escutar*, *prestar atenção* e *compreender*. *Ouvir* nada mais é do que perceber o som, enquanto *escutar* requer certo grau de atitude ou concentração. *Prestar atenção* significa ter a intenção e *compreender*, é a combinação de todos esses apresentados anteriormente com a finalidade de assimilar a mensagem que estava sendo transmitida.

Se anteriormente se considerou a fugacidade da emissão radiofônica um elemento desfavorável para o rádio, segundo Ferrareto (2000), a abrangência é um ponto favorável do rádio, pois ele possui poucas limitações, apenas as legislativas e a potência dos transmissores. Mesmo assim, consegue chegar a lugares normalmente difíceis de atingir com o jornal impresso. Tem também capacidade de atingir a população analfabeta, coisa que o jornal impresso também não consegue fazer.

Ainda considerando o caráter da abrangência e das formas de recepção, o ouvinte não precisa dedicar 100% de sua atenção, ele pode realizar outras atividades e mesmo assim ouvir a mensagem que está sendo veiculada. O rádio também exerce um papel que alguns veículos de comunicação não conseguem dar conta, que é a regionalização da informação. O rádio é o veículo mais barato e que mais aproxima a população de sua região, seja sua cidade, grande ou pequena, seja sua casa perto ou longe da cidade, mas ele atinge toda a cidade inclusive a parte rural. Fazendo assim com que a regionalização fique presente, já que em alguns meios de comunicação, a notícia globalizada é o que impera.

Nas últimas décadas do século passado, o rádio passou por um momento difícil, principalmente a partir do momento em que a televisão, nos anos 70, com a cobertura da Copa do Mundo do México, começou a assediar suas principais

atrações. Com isso o rádio começou a perder espaço no mercado e para não ser esquecido, começou a apostar na informação e no esporte, uma vez que os mesmos não tinham ainda espaço definido na televisão.

É a partir desse encaminhamento ao esporte e da importância que o futebol tem na sociedade brasileira, principalmente nas últimas décadas do século XX, que o rádio conseguiu sobreviver, criando na população o costume de ouvir transmissões de jogos pelo rádio. Decorrente de sua facilidade de transporte, pois nem sempre é possível estar diante de um aparelho de televisão na estrada, mesmo as TVs portáteis, o rádio pode ocupar diversos espaços, principalmente, como no exemplo, em uma auto-estrada quando o rádio está no carro e por ele é possível inteirar-se de todas as informações que um torcedor queira saber. Diferente de TV que precisa de dois sentidos do ser humano, que é a visão e audição.

A parceria entre o rádio e o futebol foi benéfica para ambas as partes. Para o futebol, pois a divulgação radiofônica dos campeonatos e a transmissão de partidas fizeram com que o esporte se consolidasse ainda mais no país, porque o rádio era capaz de atingir os locais mais distantes do país e também pela questão da comunidade do ouvinte, que já não precisaria ir diretamente ao estádio para acompanhar o jogo, podendo ficar comodamente em casa para ouvir o jogo. Isso sem contar com o comportamento daqueles mais fanáticos, que além de presenciarem o jogo *in loco*, ouviam as narrações de seus locutores preferidos através dos famosos “radinhos de pilha”, conforme nos é permitido observar em documentários cinematográficos a respeito de partidas de futebol. A partir da importância que o futebol conquistou entre o público brasileiro, o rádio beneficiou-se também, pois foi através do esporte que se conseguiu a contribuição de anunciantes e favoreceu a permanência de sua audiência. O público mudou, mas o rádio continua até hoje mantendo sua audiência, em parte pelas notícias e pelo esporte, principalmente pelo futebol.

Ainda nos dias atuais, o futebol é um dos principais motivos de audiência das emissoras de rádio. São justamente as transmissões esportivas que servem como diferencial para algumas emissoras. Outro ponto a ser destacado é justamente o fato de que pelo rádio, você pode acompanhar qualquer evento esportivo ligado ao futebol, se for de seu interesse pode acompanhar o campeonato estadual do Amazonas, por exemplo. É interessante, ainda, observar a forma como futebol é narrado pelos locutores esportivos, que criam uma espécie de “suspense” a respeito

das jogadas que o mesmo observa em campo, bastante diferente da forma como é apresentado na TV, quando o comentarista **dedica-se** apenas a relatar, de forma comedida, os atos que ocorrem no interior do gramado.

## 2.2 GÊNEROS E FORMATOS

O gênero jornalístico é o instrumento de que dispõe o rádio para atualizar as informações de seu público, por meio da divulgação, do acompanhamento e da análise dos fatos. O gênero jornalístico radiofônico apresenta diversos formatos como o radiodocumentário, o rádiojornal, o debate ou a mesa redonda e a revista.

Os gêneros jornalísticos do rádio podem ser apresentados em três categorias segundo Ferrareto (2000): *informativo*, *opinativo* e *interpretativo*. No *informativo* o fato não possui muitos detalhes, não é muito aprofundado, é o gênero de noticiários e boletins. Já o *opinativo*, interpreta e opina sobre o tema, mas com ligações com outras temáticas sem ser apenas a temática apresentada, possui tratamento diferente. Já o *interpretativo* tem como objetivo prender a atenção do ouvinte e utiliza de recursos como sonoplastia, dois formatos que se enquadram nesse gênero é a reportagem em profundidade e principalmente o documentário.

Segundo Ferrareto (2000), o radiodocumentário não é muito utilizado no Brasil, mas é uma das formas de se abordar determinado tema ou assunto de uma maneira mais aprofundada. “Baseia-se na pesquisa de dados e arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante. Inclui ainda, recursos de sonoplastia, envolvendo montagens e elaboração de um roteiro prévio” (FERRARETO, 2000, p. 57).

O radiodocumentário é a verdadeira análise a respeito de um tema restrito ou específico, tendo como função aprofundar determinado assunto, sendo construído pela participação de um repórter condutor. (BARBOSA FILHO, 2003). A eficácia de um documentário define-se pela mescla da pesquisa documental, a medição dos fatos *in loco*, o comentário dos especialistas e envolvidos nos acontecimentos, a partir de uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual.

Os passos para sua realização prendem-se aos meios de montagem – edição final – do material produzido em áudio. Apesar de ser pouco utilizado na América Latina, esse tipo de transmissão deve ser ocasional, ligando-se diretamente à

ocorrência de um fato que mereça, por sua relevância, um tratamento diferenciado ou pela comemoração de uma data de importância histórica.

Assim, buscando a compreensão e reflexão sobre o tema tratado, o documentário radiofônico, ou radiodocumentário, tem como característica a mescla entre a fala dos jornalistas e de outras pessoas. E o aprofundamento que é proposto no documentário só é possível graças a opiniões distintas. As informações de um documentário vão além do *lead*, podendo ser aprofundadas pela variedade de fontes e de arquivos sonoros.

O material produzido deverá possuir em torno de uma hora de duração, possuindo ainda uma forma própria e uma história para contar. O seu processo de produção deverá levar em conta se haverá uma conclusão final da história ou se o que se quer mostrar é apenas uma série de imagens sonoras individualizada, adquirindo importância quando colocadas juntas num mesmo trecho gravado. Chantler e Harris (1998) advertem aos possíveis usuários do radiodocumentário sobre a necessidade de lembrarem-se que as palavras de outras pessoas causam mais impacto do que as suas próprias, de que há sons muito mais importantes do que as palavras e que essa é a essência do radiodocumentário.

A produção de um documentário é uma tarefa árdua, cabendo a mesma a um só jornalista, que precisará garantir o acesso às músicas e aos efeitos sonoros de que vai precisar. A atuação desse mesmo jornalista deverá ser impessoal, sem externar sentimentos, mas procurar arquivos de áudio que surpreendam o ouvinte, para fazê-lo compreender a importância do que está sendo transmitido e que não se distraia durante a apresentação.

Por suas características peculiares, permitindo a miscigenação de depoimentos de várias origens, somadas à fala do jornalista, o radiodocumentário apresenta-se como um instrumento extremamente eficaz na análise das causas da decadência do futebol maringense. A busca de depoimentos de atletas ligados às conquistas futebolísticas ocorridas nas décadas de 1960 e 1970, bem como de outros que atuaram como dirigentes, os “cartolas” do futebol, farão com que se possa elucidar os motivos que ocasionaram a perda de uma tradição tida como gloriosa pelo povo maringense.

### **2.3 O JORNALISMO RADIOFÔNICO**

O jornalismo, o esporte e prestação de serviço só aparecem de maneira mais destacada no rádio a partir de 1950, quando os espetáculos começam a migrar para a televisão. E para não perder seu espaço, o rádio abre as portas para as entrevistas, o esporte, o jornalismo e a prestação de serviços. Isso acaba por se consolidar entre 1960 e 1970.

As vitórias nas Copas do Mundo de 1958 e 1962 impulsionaram a cobertura das transmissões esportivas no país, com destaque maior para o futebol. Durante essa época cada brasileiro podia ouvir em sua casa, a transmissão do jogo, lance a lance, das competições esportivas do país, uma vez que a penetração de sua concorrente direta, a transmissão televisiva ainda era pouco difundida para o interior do país.

Segundo Ferrareto (2000), a reportagem esportiva no rádio ainda se aproximava da crônica esportiva, mas em 1970, a cobertura esportiva começa a se profissionalizar e deixa de ser opinativa e passa a ser objetiva, isso se deve também aos setoristas que começaram a acompanhar os clubes.

### **2.4 O RÁDIO EM MARINGÁ**

O começo da cidade de Maringá é marcado pelo intenso movimento migratório, coordenado pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, que com a fase de ouro do café, faz com que as terras do futuro município fossem divididas em terras destinadas principalmente ao cultivo do café. Tal forma de ocupação gera um grande número de propriedades que incentiva a migração de pessoas dos vários estados brasileiros, principalmente paulistas, mineiros e nordestinos. Aliada à forma de ocupação, a estrutura agrária que se instaura, leva à criação de pequenos povoamentos, sediados nas fazendas e que se apresentavam relativamente isolados uns dos outros.

Neste cenário torna-se de suma importância a presença do rádio, como forma de integração e mobilização das populações rurais para o desenvolvimento da cidade. A radiodifusão foi o elemento de ligação entre os vários setores que existiam no início da colonização do município, tornando-se, também, responsável pelo crescimento da cidade, ainda distrito de Mandaguari, quando da instalação da

primeira emissora de rádio na cidade. “Isso porque nos tempos modernos, nenhuma comunidade pode desenvolver-se sem que conte com os recursos dos veículos de comunicação social: imprensa e rádio principalmente”. (ALTOÉ, 2007, p. 70)

Mesmo começando com apelo mais publicitário e recreativo, a maior missão do rádio, segundo Altoé (2007), foi preencher as lacunas deixadas pela imprensa escrita, principalmente se considerar as dificuldades de divulgação da mensagem escrita, seja pelo difícil acesso da mesma, seja pela grande massa da população constituir-se de pessoas analfabetas. Outro fator a considerar sobre a importância do rádio nas comunidades nascentes é o caráter cultural oral das tradições brasileiras.

A utilização do rádio como veículo promovedor do progresso e pela facilidade de penetração que o mesmo possui nos mais longínquos e inacessíveis locais do interior. A essa facilidade deve se associar a dificuldade de acesso da imprensa escrita. Essa situação permite expressar com certa clareza a realidade da cidade de Maringá, quando o rádio chegou à cidade, local onde a energia elétrica não havia chegado.

Nessa fase, os jornais e rádios acabavam trabalhando juntos na construção da cidade que hoje se conhece. O rádio às vezes se antecipava à imprensa, justamente por possuir características de informação “perecível” e imediata, cumprindo de forma mais imediata a “missão” de informar e mobilizar a população a respeito de determinados aspectos.

No processo de integração da população maringaense, através da comunicação coletiva destacam-se homens como: Samuel Silveira, Mário Clapier Urbinatti, Helenton Borba Cortes, Francisco Rocamora, Joaquim Dutra e Ivens Lagoano Pacheco, entre outros tantos que ajudaram na consolidação da imprensa em Maringá.

A Rádio Cultura é a pioneira entre as emissoras de rádio de Maringá, lançada ao ar em 1951, praticamente junto com a transformação de Maringá em município. O responsável pelo seu lançamento foi Samuel Silveira, seguindo o surgimento das emissoras: Rádio Jornal, a Rádio Difusora e a Rádio Atalaia.

A Rádio Cultura tinha como um dos responsáveis, Francisco Rocamora, que além de locutor de estúdio, era também locutor esportivo. Na época, a falta de equipamentos adequados fazia com que as transmissões esportivas fossem feitas com muito esforço. Atualmente as transmissões esportivas contam com um “arsenal”

de meios que muito diferem da precariedade do começo da Rádio Cultura em Maringá, na década de 1950.

**Atualmente, na cidade de Maringá, ainda existem em torno de 13 emissoras de rádio, dessas, poucas ainda possuem equipes esportivas, mesmo que não façam transmissões esportivas com times profissionais de futebol, como é o caso da Cultura AM que cobre os campeonatos amadores de futebol de Maringá e região, para que seus ouvintes não fiquem distantes do futebol. Mesmo nessas, o assunto referente ao futebol profissional é sempre muito discutido, revelando a importância que esse importante segmento desportivo ainda possui para comunicadores e para a própria população. – PRECISAR DADOS, COLOCAR DADOS COMPLETOS (não possuo esses dados para fazer a adequação)**

Outras rádios decidiram abandonar a transmissão esportiva, desmontando suas equipes de esportes, como por exemplo, a rádio Atalaia e a CBN, que acabaram fechando as portas ao esporte local, graças à falta de uma equipe que consiga atrair investidores e público. Como se a esperar o surgimento, em Maringá, de uma equipe ou clube capaz de atrair o público e justificando o investimento em uma equipe esportiva.

Como forma de não desativar as equipes esportivas, algumas emissoras, dentre elas, a Ingamar, que apesar de não ser de Maringá, mas sim da região, decidiram modificar o foco de interesse de suas transmissões, fazendo hoje a transmissão sobre outros esportes, como por exemplo, a transmissão de jogos de futsal. Independentemente de qual esporte for. O futebol é sempre o carro chefe das transmissões esportivas, e a inexistência de uma equipe de futebol na Primeira Divisão Estadual deixa essa lacuna, na cidade, para que outros esportes sejam divulgados ou, então que o futebol amador ocupe o espaço deixado pelo futebol profissional.

### **3. JORNALISMO ESPORTIVO**

#### **3.1. O JORNALISMO ESPORTIVO: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO NO BRASIL.**

O jornalismo esportivo no Brasil começou não com a cobertura do futebol, conforme muitos pensam, mas com a utilização de pequenos espaços nas rádios, os quais eram disponibilizados ao esporte. No início do século XX, a prática desportiva que chamava a atenção dos comentaristas voltados para o esporte, era o remo, uma vez o futebol não haver atingido a importância que possui hoje entre os brasileiros. Pouca gente acreditava que um dia o futebol se tornaria referência num país como o Brasil.

O primeiro jornal a se dedicar à divulgação do futebol, que na época ainda não atraía multidões, foi o **Fanfulla**, que mesmo não sendo considerado um jornal de fato, mas apresenta-se ainda hoje como fonte de consulta a respeito das primeiras décadas do futebol brasileiro. Segundo Coelho (2008) apresenta sua reflexão sobre o **Fanfulla**, afirmando que na época também não existia algo que pudéssemos chamar de jornalismo esportivo.

Segundo Coelho (2008), tudo que se encontra de registro no começo do esporte e do jornalismo esportivo brasileiro foi feito a contragosto e muitas vezes no sentido oposto da opinião dos redatores, pois desde aquela época havia sempre alguém disposto a retirar uma linha da parte esportiva, por não achá-la muito relevante, comportamento que se mantém até os dias de hoje.

Em 1925, o futebol havia já se tornado o esporte nacional, decorrente isto da conquista do Bicampeonato Sulamericano, em 1919 e 1922. Nesta época, de acordo com Coelho (2008), não havia entre os jornais a mesma cultura dos grandes jornais de hoje, com cadernos inteiros dedicados ao esporte. Por isso, o esporte ocupava apenas um pequeno espaço, muito mais decorrendo a situação por falta de espaço do que por falta de interesse dos leitores.

Nos anos 1930, segundo analistas, entre eles Coelho (2008), nasce no Rio de Janeiro o **Jornal dos Sports**, primeiro diário dedicado exclusivamente ao esporte nacional.

A população brasileira apaixonou-se mesmo pelo futebol depois da primeira conquista da seleção brasileira. Já a partir de 1940, o esporte começa a ganhar mais notoriedade entre os leitores, nos diários cariocas, principalmente pela atuação de Mário Filho e Néelson Rodrigues.

Mário Filho foi o fundador do **Jornal dos Sports**, no início dos anos 30 do século passado, na mesma época em que o futebol começava a ganhar a feição de

esporte profissional no país. É através do jornal de Mário Filho que se acompanha a primeira grande crise do futebol brasileiro.

Entre as décadas de 1950 e 1960, a **Revista do Esporte** viveu também um período de auge, também no Rio de Janeiro. É somente em 1960 que os cadernos esportivos tomaram conta dos grandes jornais. Em São Paulo, o *Caderno de Esportes* deu origem ao **Jornal da Tarde**, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens no jornalismo esportivo nacional.

Já o mercado do jornalismo esportivo nacional é muito competitivo. Todas as semanas profissionais recebem *e-mails* de jovens profissionais que acabaram de sair da faculdade em busca do primeiro emprego. A cidade de São Paulo é o grande pólo do jornalismo brasileiro, pois é o local em que se encontram as melhores oportunidades de emprego, campo no qual existem mais oportunidades para o profissional mostrar seu trabalho.

A remuneração dos jornalistas esportivos também não é das mais atrativas, determinando com isso que alguns jovens jornalistas, interessados em jornalismo esportivo, se dediquem a outras editorias, fazendo do esporte uma alternativa secundária. Na maioria das vezes, os *focas* acabam indo para duas editorias, a de esportes ou cidades, chegando a elas com vontade de crescer na profissão. Isso é ótimo para quem quer se tornar jornalista em outra área e péssimo para o jornalismo esportivo e para o desenvolvimento desta área, uma vez que se dedicam à atividade aqueles que não possuem uma formação específica para o exercício do jornalismo esportivo.

Para Coelho (2008), não existe jornalista de esporte. Existe, sim, jornalista, que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidade, que se torna melhor quando é conhecedor de um assunto específico. Um jornalista especializado em basquete sabe muito mais a respeito do esporte do que jornalista de esportes, que é mais generalista.

O problema do jornalismo esportivo no Brasil é que ele só dá espaço para três especialidades desportivas: o futebol, o automobilismo e, algumas vezes, o tênis, esportes nos quais o país alcançou certa notoriedade nas últimas décadas. **Esse desinteresse das emissoras de televisão aberta para os demais esportes, faz com que sejam elevados à categoria de comentaristas esportivos os ex-atletas de esportes como o vôlei, o basquete e outros esportes olímpicos, revelando a precariedade e o descaso de alguns veículos de mídia para com a visão**

comprometida com o esporte enquanto atividade maior. Aquele que se aventura por estes esportes, aos quais é dedicada menor atenção na mídia, terá que brigar muito mais para alcançar sucesso no jornalismo.

As noções técnicas da profissão dão fundamentação para quem quiser trabalhar em qualquer área, no entanto, é preciso investir no conhecimento da especificidade daquele assunto em que o jornalista se especializa para alcançar os objetivos que se propõe atingir. No jornalismo, o cuidado com esses aspectos deve ser redobrado. O conhecimento específico das peculiaridades e a comprovação das informações são fundamentais para aquele que optou pelo jornalismo esportivo. Se, no entanto, não possui formação especializada na área e não sabe ser capaz de amar o esporte é preciso que o jornalista busque estabelecer parâmetros específicos sobre o esporte que deseja atuar e, assim, ser capaz de transmitir informações sólidas para o receptor, bem como ser capaz de realizar participações pertinentes com os adeptos do esporte que transmite. Em alguns casos segundo Coelho (2008), a experiência se alia ao conhecimento, e é essa a conjunção de fatos que estabelece a competência ou não de um jornalista. A experiência é um ponto a favor do jornalista, é ela que o vai ajudar a identificar a importância da informação colhida e qual o tratamento que deverá ser dado a ela.

Ainda segundo Coelho (2008), o jornalista esportivo sofre dois riscos. O primeiro é o de perder a paixão pela área, ou seja, deixar de ser aquele garoto de doze anos que era apaixonado pelo esporte e que o motivou a buscar a carreira de jornalista esportivo. O outro risco é o de se achar mais importante que o esporte, considerar sua imagem mais importante que as notícias merecedoras de serem veiculadas e, também, as informações que devem ser transmitidas. A falta de interesse pelo esporte ou considerar-se mais importante que a notícia, é um dos passos fundamentais para a derrocada profissional de um jornalista, seja ele esportivo ou não.

O conhecimento exigido por um piloto de Fórmula 1 ou um tenista é diferente do conhecimento exigido por um jogador de futebol, assim estes aceitam perguntas vagas, enquanto aqueles sabem muito bem quando o jornalista entende ou não de seu esporte.

Especializar-se nunca é demais. O fato é que, segundo Coelho (2008), nem sempre tal aprofundamento é garantia de concretizar sua especificidade, pois nem

sempre o esporte pode ser divulgado na grande mídia, por isso é necessário saber por que escolher determinada modalidade.

É necessário que sempre exista nas redações um repórter investigativo disposto a cobrir alguma crise política em algum clube de futebol. É necessário, também, existência de um repórter especializado em legislação para poder explicar e entender por que uma federação recebe mais verbas do que outra. Outro que saiba de táticas de futebol para conseguir manter um processo de comunicação de alto nível com um técnico de futebol de renome.

Jornalismo é muito mais que apenas apurar informações. É necessário, também, transmitir essa informação com qualidade ao receptor. Coelho (2008) critica a necessidade de se colocar um ex-jogador como comentarista, pois isso não é sinônimo de ganho de qualidade no repasse da informação. Essa necessidade passa totalmente despercebida pelos jovens de hoje.

No final dos anos 1970, ainda de acordo com Coelho (2008), as rádios davam *show* aos domingos nas principais capitais do país. Em São Paulo, por exemplo, havia as tradicionais Globo, Jovem Pan, Tupi, Record e Bandeirantes. Essa estratégia também funcionava no Rio de Janeiro, quando sete ou oito emissoras competiam pela audiência.

As emissoras de rádio da época possuíam um faturamento condizente com aquilo que faziam. Sempre havia um repórter junto aos principais clubes do estado nas viagens que essas equipes faziam. Para ele o esporte não era visto como notícia e foi a com CBN, por volta da década de 70, que isso mudou. Começou pela adoção do modelo italiano, o qual transmitia a rodada inteira do campeonato e não apenas um jogo, como acontecia no Brasil.

A preocupação com a preparação do profissional na área do esporte é praticamente nula, as únicas emissoras que acabam investindo na especialização de jornalistas são as emissoras de TV a cabo. Um dos principais fatores a ser observado é justamente a correção da informação errada, coisa que não era comum de acontecer com a velha-guarda, que errava e *fazia de conta que ninguém viu*. Hoje em dia, as correções acontecem sempre que alguma coisa errada vai para o ar ou para a impressão. Para Coelho (2008), no jornalismo a transpiração vale mais do que a inspiração, ou seja, é necessário haver a constatação correta do que vai ser informado.

Segundo Coelho (2008), o preconceito apresentado por outras áreas para com o jornalista que decidiu se aperfeiçoar no esporte sempre vai existir. Por isso, a melhor maneira de lidar com a situação é reverter toda a ajuda possível em benefício próprio. Além de torcer para que as redações sempre precisem de jornalistas bem informados sobre várias modalidades de esporte. São as únicas formas, segundo ele, de rebater os comentários pejorativos que são aplicados sobre os jornalistas esportivos em época de Copa do Mundo e Olimpíada os quais, segundo ele, são os únicos momentos que os homens comuns voltam seus olhares para o esporte de primeiro nível.

### 3.1.1. A contribuição do jornalismo esportivo à imprensa no Brasil

A imprensa esportiva no Brasil, em seu início não dava atenção nenhuma ao futebol, e seria até absurdo se pensar em falar desse esporte que não possuía nenhum reconhecimento no país. As poucas notícias de esporte que entravam nos jornais eram sobre críquete, turfe, remo e ciclismo. O futebol não fazia parte dos esportes da alta sociedade brasileira, e por isso não era notícia.

**Apontamentos históricos(FONTES)(não tenho dados)** indicam que o jornalismo esportivo brasileiro teria nascido em 1856 com *O Atleta*, que passava receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Em 1885, circularam *O Sport* e *O Sportman*. Em 1891, surge em São Paulo, *A Platea Sportiva*, um suplemento de *A Platea*, criado em 1888. Dez anos depois, surgia também em São Paulo, a revista *O Sport* e o jornal *Gazeta Sportiva*, que segundo o Coelho (2008) não tem nada a ver com o jornal *A Gazeta Esportiva*, que foi criado depois. Mas um fato curioso é que em nenhuma dessas publicações o futebol era prioridade, na maioria dos casos os esportes que tinham espaço era o turfe, regatas e o ciclismo.

Segundo Ribeiro (2007) foi através dos treinos que Charles Miller fazia entre a empresa que trabalhava (São Paulo Railway) e outras empresas (Companhia do Gás e London Bank) que um jornalista curioso viu o esporte e se interessou, Celso de Araújo, ficou tão surpreso com o novo esporte que decidiu escrever sobre o futebol para um amigo que morava no Rio de Janeiro.

**Cinco meses depois que chegou ao Brasil, em 1894**, Charles Miller conseguiu fazer o primeiro jogo oficial entre duas equipes de futebol: São Paulo Railway x Gás Work Team. Segundo Ribeiro (2007) não havia nenhum repórter ou fotógrafo presente no local, mas ainda segundo o autor, a nova “brincadeira” já era uma febre na capital paulista. Depois de seis anos, em torno de 1902, a cidade São Paulo já contava com cinco equipes organizadas: SPAC, Paulistano, Germânia, Internacional e Mackenzie. Com o crescimento do futebol na cidade de São Paulo, foram feitas arquibancadas no velódromo da cidade para que em pouco tempo as bicicletas fossem substituídas por 22 jogadores, uma bola e dois “gols”. No começo do século XX, os jornais paulistanos tinham mais com que se preocupar, era difícil emplacar uma pauta sobre futebol numa cidade que estava crescendo, mas também era um erro segundo o autor citado anteriormente, os principais jornais fecharem os olhos para o crescimento do futebol nos quatro cantos da cidade. Para o primeiro jogo realizado no país, há apenas uma pequena nota publicada na coluna “Sport” do recém-criado *Correio da Manhã*.

Mas o marco para a imprensa esportiva brasileira foi o ano de 1902, foi neste ano que o futebol passou a ser notícia importante nas páginas dos principais jornais de São Paulo. De acordo com Ribeiro (2007), no começo a informação tinha que ser divulgada de maneira objetiva dizendo apenas o jogo, o local e o resultado, o que acontecia no jogo não tinha importância nessa época. Outro fato que segundo Ribeiro chamava atenção é que poucas reportagens dessa época eram assinadas, a maioria usava pseudônimos para assumir a autoria do texto.

O dia 3 de maio de 1902 foi um marco principalmente para os repórteres que acompanhavam o nascimento do novo esporte. Neste dia foi disputada a primeira partida do Campeonato Paulista de Futebol.

No começo do século XX, o que era mais discutido não eram os jogos realizados, mas sim os benefícios e prejuízos que esse novo esporte poderia trazer para a sociedade. De acordo com Ribeiro (2007), os primeiros artigos sobre futebol deixavam bem clara a divisão do esporte, de um lado os filhos de boa família, e de outra os varzeanos humildes.

O *Guia de Foot-ball* escrito por Mário Cardim era utilizado pelos redatores que eram escalados para cobrir os jogos do campeonato. Em São Paulo, Mário Cardim e o *Estado* eram referência na imprensa esportiva no começo do século XX. Já no Rio de Janeiro não existia nenhum nome para impor seu estilo, porém na capital

fluminense um jornal percebeu a popularidade do futebol e decidiu tornar-se o “porta voz” do futebol do Rio de Janeiro.

O que os jornais não conseguiam esconder era distinção entre ricos e pobres no futebol. Os registros fotográficos e os artigos da época mostravam a diferença entre o público nobre das arquibancadas e a “gente pobre” amontoada nos morros que cercavam o estádio do Fluminense.

Em 1907, o povo decidiu participar da grande festa que era o futebol, mas para impedir o avanço dos “pobres”, os clubes da Liga Metropolitana decidiram proibir em seus estatutos a presença de pessoas de cor em seus clubes filiados. Mostrando como era o racismo na época, e como eles queriam que o futebol continuasse dividido em duas partes: ricos e pobres. Com o passar dos meses, o futebol passava a ser um dos assuntos mais noticiados nas páginas dos principais jornais do Rio de Janeiro.

Com o crescimento do futebol, surgiram vários jornais e revistas para tratar do esporte. E esse surgimento de jornais específicos começaram a surgir também notícias dos bastidores do esporte. Já em 1910, o “nobre esporte” trazido por europeus passava a dar destaque também para craques brasileiros que se destacavam nos novos clubes que eram criados na época.

A popularização do futebol dentro e fora dos campos havia mudado o cenário nas redações, fazendo surgir uma verdadeira corrida pela informação. Para defender seus clubes, sócios eram nomeados como “porta-vozes”, que no começo não eram remunerados e eram escalados apenas para elogiar a atuação de seus clubes, depois de algum tempo esse trabalho passou a ser do setorista, que cobre o dia a dia dos clubes, e que nem sempre apenas elogia a equipe.

Nesta época havia ainda uma guerra entre as imprensas esportivas das duas principais cidades do país.

Ainda longe de fazer coberturas nacionais e internacionais, o repórter esportivo, porém começava a se sentir prestigiado. Esse prestígio cresceu após a entidade que representava os jornalistas paulistas ganhar apoio político e um ano após sua fundação, a Associação dos Cronistas Esportivos, mostrou sua força ao conseguir impedir que o Palestra Itália fosse eliminado do futebol paulista.

Em 1919, o Campeonato Sul-Americano foi disputado no Rio de Janeiro e revelaria o primeiro herói. Fried marcou o gol do título e teve seus pés estampados

na capa do jornal *A Noite*. Pela primeira vez na imprensa esportiva um jornal estampava a foto dos pés de um jogador, com a manchete: “eis o pé da vitória”.

O futebol havia conquistado definitivamente a sociedade brasileira, com isso surgiam aos montes jornais e revistas especializadas, o futebol já substituíra as notícias do remo e turfe, que antes dominavam a imprensa esportiva do país. Apesar do sucesso, a cobertura esportiva no país ainda era precária. Em São Paulo, segundo Ribeiro (2007) a situação melhorou e pela primeira vez, os jornalistas esportivos tinham um lugar reservado dentro do campo, para fazerem seus registros. Este fato aconteceu na partida entre Corinthians e Paulistano, onde dois bancos foram colocados à beira do gramado apenas para os cronistas esportivos.

Com o crescimento do esporte, os termos estrangeiros passaram a ser “aportuguesados”, o maior problema nesse caso foi a palavra *foot-ball* que por pouco não virou “podosfera”, “balípodo” ou e ainda “bolapé”. Mas o *futebol* acabou vencendo.

Com seu crescimento o futebol ganhou mais torcedores com a realização da Copa do Mundo no Brasil, no ano de 1950, e nem mesmo o fracasso na Copa realizada em solo brasileiro afastou o torcedor do futebol. E essa paixão pelo esporte se devia também ao crescimento da imprensa esportiva. A televisão começava a ser usada para atrair ainda mais torcedores para a discussão em torno do futebol. Mas o que mais atraía o torcedor continuava sendo o jornal e o rádio. Com a concorrência grande, o tema esporte poderia ser um diferencial em alguns jornais para sair na frente da concorrência.

Algumas contribuições no jornalismo esportivo surgiram com o jornal *Última Hora*, que acabou publicando pela primeira vez na história da imprensa esportiva nacional uma foto colorida de um time de futebol estivesse na capa do jornal.

Ainda nos anos de 1950, no Rio de Janeiro surgiu a Rádio Continental que era uma “cópia” da paulista Panamericana, ou seja, uma rádio especializada em esportes. Mesmo sendo especialista em esportes, seu fraco sinal não chegava a atrapalhar muito as concorrentes cariocas.

Apesar do crescimento da imprensa esportiva brasileira na primeira metade do século XX, não existia nenhum serviço que concentrasse todas as informações sobre os eventos esportivos. Em 1954, foi criada a *Sport Press*, primeira agência de notícias esportivas do país. Além da primeira agência esportiva, outras novidades surgiram na imprensa esportiva como a *Gazeta Esportiva Ilustrada*, *Ídolos do*

*Futebol Brasileiro*, além da *Manchete Esportiva*. Além de todas essas surgia uma pequena revista *Vida de Crack*, que virou febre durante o período que conseguiu sobreviver, já que com o avanço da televisão e do rádio, as revistas passaram a ser dominadas por grandes corporações.

Mesmo com o avanço da televisão, quem ainda comandava os veículos de comunicação na década de 1950 era o rádio. E o rádio esportivo seria o responsável por transmitir o surgimento do “rei do futebol” e da primeira conquista de uma Copa do Mundo pelo futebol brasileiro, na Copa da Suécia.

Ainda na década de 1950, o prestígio na imprensa esportiva representava poder, especialmente nos bastidores políticos do futebol. Na Copa da Suécia, as transmissões da Bandeirantes foram um sucesso graças a rede de emissoras que recebiam a transmissão da Suécia. Essa operação acabou sendo chamada de Cadeia Verde-Amarela e teve índices de audiência espetaculares.

Nem na Copa de 1950, que foi disputada em solo brasileiro, a imprensa esportiva teve tanto espaço como na de 1958. A euforia contagiou os 64 milhões de habitantes. Segundo Ribeiro (2007) em 1958 existiam 708 estações de rádio, oito estações de televisão e mais de 252 jornais diários. Estes números eram considerados altos para a época.

Com a conquista do título, nunca jornais, revistas e rádios ganharam tanto dinheiro, já que era uma conquista inédita para o país. Segundo Ribeiro (2007) só o jornal *A Gazeta Esportiva* de São Paulo vendeu quase 400 mil exemplares no dia seguinte ao título mundial.

A conquista da Copa do Mundo fez com que indiretamente ocorresse uma mudança estética nos jornais da época. E o local para se fazer esse laboratório, era o caderno de esporte dos jornais, entre eles o *Jornal do Brasil*.

A televisão seduzia cada vez mais profissionais da imprensa esportiva, que estavam deixando o rádio e o jornal para partir para o novo meio, mas os “velhos” rádios e jornais ainda eram a porta de entrada para quem quisesse fazer carreira no jornalismo esportivo. A televisão seduzia os jornalistas pela vaidade, mas o rádio continuava a ser o veículo de maior alcance no país.

Em 1962, pela primeira vez desde a sua inauguração, a TV captava mais verbas publicitárias que seus concorrentes do rádio e no jornal. Em 1962 ainda o Brasil conquistava o bicampeonato mundial de futebol. Os jornais começaram a sentir na pele os reflexos do golpe militar e alguns anos depois muitos deles

acabaram fechados, como por exemplo, *O Esporte*, que já havia vendido 60 mil exemplares por dia. Mesmo com a crise que começava a assustar alguns jornais esportivos, *A Gazeta Esportiva* continuava com tiragens acima de 100 mil exemplares por dia.

Enquanto isso, a Panamericana passava pela pior fase da sua história, com uma grave crise financeira, já que as grandes verbas publicitárias já estavam nas televisões. Essa crise fez com que a Panamericana se transformasse em Jovem Pan, e a crise econômica era tão grave que nem equipe esportiva para trabalhar na Copa de 1966 a emissora tinha.

No final dos anos 1960, era comum ter reportagens polêmicas sobre o futebol, além da qualidade dos repórteres outra coisa que contava a favor destes era o patrão que normalmente dava suporte ao jornalista em caso de denúncias, caso contrário ficaria difícil a publicação de denúncias contra os cartolas do futebol brasileiro. A falta de liberdade de imprensa em diversas redações fazia com as seções esportivas fossem um espaço aberto para a criatividade e ousadia reprimidas em outras editorias dos jornais, rádios e televisões.

Em 1969, um marco para a imprensa esportiva brasileira foi a nomeação de um jornalista esportivo para o cargo de técnico da seleção brasileira de futebol. A notícia caiu como uma bomba nas redações de todo o Brasil, apesar do apoio da população ao novo treinador.

Em 1969, o homem pisava na Lua e em 1970 o mundo poderia ver ao vivo às transmissões da Copa do Mundo do México. Mas apenas alguns tiveram o privilégio de ver a transmissão ao vivo e a cores. Apesar de um passo largo, as deficiências técnicas nas transmissões fizeram de Léo Batista, o narrador do primeiro gol transmitido ao vivo para o Brasil, o jogo era entre Peru e Bulgária.

Já na década de 1970, uma das revoluções na imprensa esportiva brasileira foi o surgimento do caderno de esportes do *Jornal da Tarde*, a sessão de esporte tinha como missão romper com a linha editorial que existia na época e que era praticada há anos, e a primeira mudança era acabar com o “duplo emprego”, quem quisesse trabalhar no *JT* teria que trabalhar apenas no jornal e em nenhum outro lugar. Em pouco tempo, o *Jornal da Tarde* era uma referência no jornalismo esportivo e passou a vencer os principais prêmios destinados à cobertura esportiva na época.

Os jornais e revistas também faturaram alto durante a Copa do México, e a conquista do tricampeonato fez com que o jornal *A Gazeta Esportiva* atingisse a marca de 534 mil exemplares vendidos após o jogo da final contra a Itália. A recém criada revista *Placar* também estourou seus exemplares e vendeu 250 mil exemplares. Ainda em 1970, com a própria revista *Placar* que o torcedor brasileiro se acostumou com a Loteria Esportiva, que fez muitos ganhadores, mas também despertou a ganância de pessoas ligadas ao futebol.

A partir das transmissões da Copa do Mundo do México, em 1970, a televisão vai gradativamente conquistando o espaço que antes era ocupado pelo rádio. A difusão das torres retransmissoras de televisão pelo interior do país, bem como o aspecto chamativo de poder ver seus atletas preferidos em ação em uma competição esportiva fez com que grande quantidade de receptores de eventos esportivos através do rádio migrassem para a televisão. Assim, os grandes eventos esportivos, como Jogos Olímpicos, Copas do Mundo, Campeonatos de Fórmula 1 e outros se tornaram eminentemente televisivos, provocando em alguns desses esportes até mudanças de regras e nos horários dos eventos para se adequar à programação televisiva. Ao radiojornalismo esportivo restou um papel às vezes secundário, fazendo a cobertura de eventos menos importantes, apesar de muitas emissoras manterem suas equipes de cobertura esportiva ativa e atuando nesses espaços ocupados pela televisão.

Na Copa de 1998, na França, foi atingida a marca de 35 bilhões de telespectadores, mas ainda surgiu uma nova mídia que faria com que esse número aumentasse ainda mais depois da Copa da França. Essa nova mídia é a internet, que entrou para ajudar na cobertura dos eventos esportivos. Na década de 1990, surgiram ainda os primeiros sites especializados em notícias esportivas, entre eles o *Pelé.net* e o *Lancenet*, do jornal *Lance!*

O jornalismo esportivo brasileiro já tem mais de um século de existência e de lá pra cá passou por mudanças radicais em todos os aspectos. Segundo Ribeiro (2007) quem for escrever a história da imprensa esportiva no século XXI jamais deverá se esquecer de informar sobre a realidade de falcatruas, negociatas e precisam manter sempre uma maneira particular de entender os sentimentos dos jogadores de futebol, técnicos e dirigentes, esses sim os verdadeiros donos do espetáculo chamado futebol.

### 3.2. DESENVOLVIMENTO DO JORNALISMO ESPORTIVO.

O desenvolvimento das comunicações também atingiu o jornalismo esportivo e algumas das práticas que eram comuns na época áurea do rádio acabaram ficando ultrapassadas. De acordo com Barbeiro e Rangel (2006), uma dessas práticas é o chamado **Plantão Esportivo**, bastante comum ainda hoje em algumas rádios do interior. Na televisão, por exemplo, ele foi adaptado, ou seja, não existe mais esse plantão, mas as emissoras de televisão colocam os gols da rodada, à medida que eles vão ocorrendo, sempre aparecem os resultados dos demais jogos durante uma transmissão futebolística. Esta é uma maneira de prender a atenção do telespectador, que pode assistir a uma partida específica e ainda assim ficar sabendo dos demais resultados da rodada.

Era por meio desses Plantões Esportivo que algumas informações chegavam ao ouvinte de rádio ou até ao locutor esportivo, que se informava da série de vitórias, últimos confrontos entre as equipes, número de pontos no campeonato. Hoje em dia, tudo isso é facilmente resolvido com um computador, todos os sites possuem essa tabela e o histórico dos confrontos, coisa que décadas atrás era difícil de imaginar. Hoje estão a um clique do mouse do jornalista esportivo.

Com o desenvolvimento da tecnologia de informação e a quantidade de informações existente nos dias atuais, fica inviável manter um Plantão Esportivo para dar resultados, uma vez que hoje em dia você recebe informações por *e-mail*, mensagem de celular e até mensagem de voz.

O jornalista não é ator e deve ter convicção disso, pois ele apenas cobre um evento que está diretamente ligado ao entretenimento, como é recordado por Barbeiro e Rangel (2006).

Durante muito tempo, as transmissões esportivas foram verdadeiros *shows*, quando o narrador parecia um artista, às vezes se considerando mais importante que o próprio espetáculo, Barbeiro e Rangel (2006) afirmam, ainda, que durante o auge do jornalismo esportivo no rádio, os debates possuíam personagens e não jornalistas, quando um fazia o papel de *bom moço*, enquanto o outro era torcedor de um determinado time, outro era o *vilão* da história, chegando muito perto de um teatro do que de um debate esportivo.

Já nos dias de hoje, segundo Barbeiro e Rangel (2006), o jornalista esportivo não deve confundir a cobertura alegre, descontraída e animada com programa de

humor. Não é necessário ser carrancudo para fazer-se um trabalho sério, o jornalista pode ser descontraído sem desprezar as regras e a ética da atividade jornalística. Segundo os autores acima citados, no jornalismo esportivo está presente com certa recorrência o uso do improviso, uma vez que em uma transmissão ao vivo, fica impossível de se antecipar ou escrever aquilo a ser dito, já que tudo irá depender da forma como o jogo transcorre. O jornalismo esportivo é dinâmico neste sentido, e um jornalista esportivo competente precisa saber utilizar o recurso do improviso, mas sem “enrolar” o ouvinte, sendo que esse comportamento poderá desprestigiar o trabalho realizado.

Os altos investimentos e a evolução dos equipamentos ajudaram de forma bastante significativa no desenvolvimento das transmissões esportivas e na qualidade final do produto apresentado. Na televisão, principalmente, a evolução foi enorme se comparada aos outros veículos de mídia, como o rádio, mas isso não significa que não ocorreram avanços no campo do radiojornalismo.

Um exemplo desse avanço foi a transmissão ao vivo da Copa do Mundo de 1970, no México. Além de ser transmitida ao vivo, existia ainda a opção do *replay* em câmera lenta, mostrando os detalhes dos movimentos dos jogadores, entre eles, Pelé.

Segundo Barbeiro e Rangel (2006), a evolução tecnológica ajudou na busca de pautas, com a riqueza de detalhes disponíveis nos dias atuais, com isso o número de pautas aumentou consideravelmente em relação a tempos anteriores.

Mas é necessário lembrar que a informação deve estar sempre junto com a tecnologia, não se pode utilizar da tecnologia para distorcer o fato ou dar-lhe uma interpretação totalmente diferente da real interpretação. Por isso, informação e tecnologia devem sempre estar juntas, uma complementando a outra. Essa tecnologia pode ainda criar uma espécie de nova área no jornalismo esportivo, uma área mais estatística, com número de chutes a gol, tempo de posse de bola, tudo isso graças ao desenvolvimento tecnológico presente nos dias de hoje.

Barbeiro e Rangel (2006) afirmam também que a velocidade da informação não pode de maneira alguma interferir na qualidade do jornalismo. A Internet é um meio ao qual o jornalista teve que se adaptar, ou seja, com um *notebook*, uma câmera fotográfica, um gravador e um editor é possível fazer a matéria e colocá-la no ar ali mesmo, no local onde ela foi produzida. Isso dá um novo dinamismo ao jornalismo esportivo.

Segundo os autores citados acima, a Internet tem as mesmas condições da TV e do rádio para transmissão de alguma informação, demonstrando que esses meios podem acabar se agrupando e fazendo uma parceria para prestar um serviço de melhor qualidade ao ouvinte/telespectador/navegante.

O jornalista esportivo deve saber avaliar a relação que o esporte possui com a economia e com os setores públicos e privados da sociedade. Os jornalistas possuem uma obrigação com a profissão e com a sociedade no sentido de ser um fiscalizador dessa relação, uma vez que os bastidores do mundo dos esportes ainda são desconhecidos pelo público, e são poucos os jornalistas que se dedicam à cobertura crítica do mesmo.

É importante alertar que, além de uma prática social, o esporte é um negócio gerador de renda e que movimentava milhões de dólares apenas no Brasil e bilhões em todo o mundo. Por isso o jornalista deve saber bem **a respeito do conjunto de circunstâncias em que se envolve**, conhecer bem o meio, para não ser corrompido pelo meio no qual se encontra.

De acordo com Barbeiro e Rangel, ao longo da história o esporte sempre esteve muito perto dos interesses do Estado, desde a época da Grécia nas Olimpíadas. Em Roma, com o conhecido *panis et circensis* (*pão e circo*). E mais recentemente, na Alemanha nazista de 1936, durante os Jogos Olímpicos, e no nosso país em 1970, com a conquista do Tricampeonato mundial de futebol, na época da ditadura militar.

### 3.3. JORNALISMO ESPORTIVO E JORNALISTA ESPORTIVO

O jornalismo esportivo normalmente é confundido com o puro entretenimento. Mas esse tipo de jornalismo tem suas especificidades. De acordo com Rangel e Barbeiro (2006), para se entender tal modalidade de jornalismo é preciso antes compreender o que é esporte, de forma clara e inequívoca. Ao contrário do que possa parecer, a competição esportiva deve ocorrer entre seres humanos e suas habilidades. Assim os principais componentes do esporte são: desenvolvimento físico, regras definidas e competição.

Para desfazer a imagem negativa que ainda existe com relação ao jornalismo esportivo, é preciso não confundir pequenos boletins informativos com reportagem

esportiva. O jornalista esportivo está muito mais bem preparado hoje do que estava a dez ou quinze anos atrás, assim ao iniciar o trabalho em uma redação, rádio ou televisão o mesmo já traz consigo um conjunto de valores que lhe permite atuar de forma mais eficaz e profissional. “Este novo jornalista esportivo também exibe um conhecimento mais amplo de todas as modalidades esportivas e tem em geral menos resistência a fazer matérias tanto de futebol quanto dos chamados esportes olímpicos” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p20)

As entrevistas apresentam um grande potencial profissional, ajudando a tirar o jornalismo esportivo da situação que ele se encontra. Através delas se pode conseguir uma informação exclusiva, um *furo*, ou até um *gancho* para novas matérias.

O jornalista esportivo deve saber que quando está fazendo uma entrevista, na verdade ele é o público, e uma pergunta bem feita instiga o ouvinte ou telespectador como se ele fosse o próprio público. Na entrevista, o jornalista passa a ser milhões de torcedores que gostariam de perguntar alguma coisa para o técnico de seu time de coração. Para eles o sucesso e o fracasso de uma equipe estão a apenas 3 ou 4 jogos, portanto o jornalista não deve julgar um jogador, técnico ou dirigente apenas por um espaço de tempo curto, para que se realize os comentários sobre a performance, deve ser feita uma análise de toda a temporada. Deve se tomar cuidado para não endeusar ou demonizar o entrevistado. A intenção é apenas de compreender sua situação.

Outro cuidado que se deve ter nas entrevistas de rádio, observado em Rangel e Barbeiro (2006), é com relação ao tempo das entrevistas no rádio, pois as mesmas podem ficar cansativas e sem muita informação relevante para quem está ouvindo o programa ou a entrevista. A tietagem deve ser esquecida se o entrevistador quiser passar alguma informação com credibilidade, por mais fã que o mesmo seja de seu entrevistado, o torcedor deve ficar em casa, apenas o jornalista deve trabalhar. Em palestra realizada em São Paulo, em março de 2009, Paulo Vinicius Coelho (PVC), comentarista do canal esportivo ESPN Brasil, afirmou que jornalista não possui amigos e sim fontes, e deve saber a fronteira entre eles, para não acabar confundindo as coisas.

O uso de perguntas longas e complicadas acaba atrapalhando o entrevistado e também o ouvinte ou telespectador. Portanto, deve se fazer perguntas curtas e

objetivas para ser o mais claro possível para o entendimento das mesmas, seja para o entrevistado seja para o ouvinte ou telespectador.

A edição de conteúdo, seja no rádio seja na TV, ajuda a fazer a carreira de um jogador, o qual pode se tornar herói ou vilão, dependendo das imagens ou entrevistas que são usadas pelos meios de comunicação explicam Rangel e Barbeiro (2006). Um exemplo, dado por Mauro Beting em uma palestra, foi a do atacante Edmundo, que sempre aparece na mídia envolvido em confusão, nunca se fala no atleta colocando em destaque seus gols ou suas jogadas de efeito.

Em nenhuma outra área do jornalismo, a informação e o entretenimento estão tão próximos. A emoção é a própria alma do esporte, não tem como não ser atingido por ela. A questão abordada é até que ponto a emoção pode afetar o jornalista. O jornalista não precisa torcer com o torcedor e muito menos pelo torcedor, sua função é a de transmitir informações que ajudem a compreensão do fato esportivo e seus desenvolvimentos.

A linguagem no esporte é outra coisa a que Rangel e Barbeiro (2006) chamam atenção. Quando se iniciaram as transmissões esportivas, as narrações eram pura emoção, diferente das narrações européias, que eram mais informativas e menos empolgantes. **Nos dias de hoje, a linguagem está bem caracterizada de acordo com o veículo utilizado, apresentando linguagem e comportamentos próprios – DE QUE TIPOS?(não tenho dados).** O jornalismo esportivo ainda sofre algum tipo de preconceito, mas a prestação de serviço que existe no mesmo é a idêntica à que existe em qualquer outra editoria, sendo esportiva ou não. A sintonia entre repórter e redação é importante para que ele possa complementar o que foi apurado na redação.

**Retomando o que é afirmado por Rangel e Barbeiro (2006), no passado os narradores esportivos eram identificados como *showmen*, justamente por fazer do espetáculo esportivo uma peça, muitas vezes quase dramática, em razão dos momentos de suspense ou de “exagero” na forma de narração. Toda a equipe esportiva girava em torno desse apresentador, responsável pela existência mesma do grupo, uma vez que era em função dele que a audiência ocorria ou não.** A transmissão esportiva que mais se saiu bem no Brasil foi a irradiação de partidas de futebol, que era, e ainda hoje é, o esporte mais assistido e procurado pelo brasileiro. O distanciamento emotivo é algo importante na narração

esportiva, se o jornalista deixar transparecer seu entusiasmo pelo seu time do coração, provavelmente sua credibilidade estará comprometida.

As semelhanças entre narração de TV e de rádio, para Rangel e Barbeiro (2006), ficam na improvisação do narrador, mas o jornalista não deve confundir improvisação com “enrolação”. O rádio jornalismo esportivo precisa passar por uma série de mudanças, ainda hoje o modelo que mais se encontra nesse tipo de transmissão esportiva é o mesmo desde o começo das transmissões, e essa mudança depende da postura dos novos jornalistas que estão entrando no mercado.

Rangel e Barbeiro (2006), afirmam que a improvisação é necessária nesse tipo de transmissão, mas na dose certa, não se pode exceder o limite do bom senso e transformar uma partida de futebol em uma comédia ou em algo extremamente engraçado. Uma sugestão é a troca do apresentador “*showman*” pelo narrador esportivo, para buscar romper esse velho modelo de narração que ainda reina no cenário brasileiro, buscar novos enfoques, novos modelos e também manter a credibilidade que o velho modelo conquistou entre os ouvintes. Seria a conjunção do bom senso com a fidelidade e a ética do jornalismo esportivo. A descontração, o bom humor e sorriso não denigrem em nada a imagem do jornalismo com credibilidade, não precisa ter a cara fechada para ser um jornalista sério.

É importante ainda que as equipes de jornalismo esportivo se envolvam com a cultura do esporte, desenvolvam pesquisas, bibliografias, arquivos na internet. Não é necessário saber de tudo, mas é necessário saber aonde possa ter as informações necessárias para uma boa transmissão. É importante saber também que nenhum jornalista tem que “fazer média” com torcida ou dirigente de clube. É necessária ainda uma maior atenção na hora do jogo pelo narrador, pois como o esporte é uma coisa muito imprevisível, o jornalista deve estar sempre ligado no que está acontecendo no jogo.

No momento de externar suas opiniões a respeito do que ouve ou vê, caberá ao jornalista manter a isenção necessária para dar credibilidade a suas informações, mesmo quando isso envolva preferências pessoais.

Não é necessário reforçar que se torça por determinado time, mas também não é preciso negar que se tem um time para torcer. Para Coelho, reforçar pode dar a impressão de que o comentário não é isento. Não reforçar não significa não dizer no ar, mas dar explicações fora da “telinha”.

Como ser humano inserido num universo de informações, no qual o homem tem que estabelecer escolhas diariamente, o jornalista também deve possuir suas simpatias, suas preferências. Não é vergonha um jornalista possuir suas preferências, mas é vergonhoso o jornalista, de qualquer área, não declarar sua preferência. O jornalista político tem todo direito de votar e o deve fazer. O fato de ser isento na cobertura que faz não o obriga a anular seu voto. Portanto jornalista esportivo não deve se envergonhar por torcer por determinada equipe, ele deve, sim, ter vergonha de passar a informação errada. Mas mentir sobre uma coisa que diz respeito à sua própria vida é esquecer o maior compromisso do jornalista: o compromisso com a verdade.

Com relação à fonte de informações é necessário que o jornalista saiba escolher os momentos para consegui-las. O contato mais fácil é sempre no centro de treinamento da equipe, logo após o treinamento. Quando uma declaração mais forte vira manchete, o atleta sempre tenta se isentar, tentando mostrar que não foi aquilo que quis dizer. Muitas vezes o repórter, atrás do “furo”, acaba por alterar as declarações, mesmo que não faça por má fé. Amizade entre fonte e jornalista pressupõe respeito ao trabalho alheio, mas Coelho (2008) afirma também que amizade não combina com jornalismo, mas por outro lado ajuda a conseguir informações antes que os demais colegas de profissão. O problema enfrentado por muitos jornalistas é justamente não saber separar o lado pessoal do profissional.

O melhor a se fazer com a fonte é trabalhar e manter contato, sempre que possível, tentando conseguir sempre informações em primeira mão, mas sempre deixando claro não se tratar de uma troca de favores, que nunca uma notícia será paga com um favor nas páginas de jornal ou em microfones.

Coelho (2008) afirma que nos dias de hoje não vale saber quem divulgou a informação em primeiro lugar, mas sim quem deu a informação com mais detalhes, com maior riqueza. Não importa para o leitor saber quem foi o repórter responsável pela informação, para ele importa saber apenas que a informação estava apenas em seu jornal. É próprio da profissão procurar uma informação exclusiva, procurar encontrar o que ninguém descobriu ainda. Manter contato com a melhor fonte, conversar com o maior número possível de pessoas são formas de conseguir-se as informações mais precisas e, muitas vezes, alcançar o “furo”. Não importa se o leitor se dará conta da qualidade do repórter, mas sim o compromisso entre este e a equipe. O editor vai saber que poderá contar com ele para as melhores matérias e

que poderá conseguir as informações em primeira mão. Quando conseguirem o furo, o repórter vai comemorar e a redação também.

Em alguns casos, dar certos tipos de furo é como fazer gol em campeonato que ninguém vê, como ser, por exemplo, artilheiro do campeonato do Piauí. Uma seqüência de grandes informações exclusivas é mais importante, mas extremamente difícil. O furo depende de fontes e não há repórter que consiga fontes em dez lugares diferentes ao mesmo tempo, também não há informações exclusivas disponíveis na mesma semana, no mesmo lugar.

Segundo Coelho (2008) é muito mais fácil associar uma boa matéria ao jornal que a publicou do que descobrir que um veículo de comunicação foi o único a divulgar determinada matéria. Isso quem sabe geralmente é o pauteiro do jornal. Esse tipo de constatação é desnecessária para quem quer apenas obter informações.

A pauta é a idéia que pode ou não ser executada, um risco nisso é virar “escravo” dela, e o maior risco é justamente virar “escravo” do dia, e não ter nenhuma idéia criativa quando a notícia não aparece de maneira clara para o repórter. Uma dica importante é pensar na primeira página do dia seguinte na véspera, não há problema em se pensar uma manchete e chegar com ela na cabeça quando estiver entrando na redação.

Com boas idéias a chance de o jornal chamar atenção no dia-a-dia será muito maior do que a dependência pura e simples ao furo de reportagem, pelo qual todo jornalista sempre lutará em todos os momentos da sua vida. O furo continua sendo o objetivo de todo repórter, mas não pode ser o foco da redação, sob a pena de perder o “trem da história”.

### 3.4. JORNALISMO ESPORTIVO E RESGATE DA HISTÓRIA

Apesar de, fundamentalmente, o jornalismo esportivo estar associado a uma cobertura *in loco* e ao vivo, suas técnicas podem muito bem ser utilizadas em reportagens investigativas, que busquem esclarecer um ponto, um fato em um determinado esporte. No presente caso, não ocorre nenhuma cobertura de evento esportivo, mas sim o resgate da história de um determinado momento da vida esportiva de uma cidade e região.

A utilização de entrevistas, próprias do jornalismo esportivo, faz com que fatos de um momento específico, esquecidos ou não conhecidos pela população de uma determinada região sejam recuperados, trazendo à tona situações que marcaram, no caso a história do futebol maringaense. A maneira como foram conduzidas as entrevistas, e o resultado das mesmas, que resultam de depoimentos, muito mais que simples respostas ao perguntado, complementam as informações resultantes de leituras de obras que tratam da história do futebol, na cidade de Maringá. É nesse momento que fatos, muitas vezes ocultados pela imprensa da época, podem vir à tona, revelando os valores que nortearam as grandes conquistas da cidade no futebol.

As posturas dos entrevistados, atletas que defenderam os times de Maringá que alcançaram notoriedade nos anos 60 e 70 do século passado, aprofundam as informações conseguidas através de fontes bibliográficas, traçando um perfil mais claro e mais preciso do universo do futebol profissional de Maringá nesse período.

#### 4 “PASSADO EM PRETO E BRANCO”: A HISTÓRIA DO FUTEBOL PROFISSIONAL DE MARINGÁ

DATA		REDATOR	ASSUNTO	TEMPO	LAUDA
14/09		Zuba Ortiz	Documentário História do Futebol de Maringá		

[OFF 1] BEM VINDO OUVINTE/ HOJE NOSSA TRANSMISSÃO SERÁ UM POUCO DIFERENTE/ NÃO IREMOS TRANSMITIR NENHUMA PARTIDA// HOJE VAMOS CONTAR UM POUCO DA HISTÓRIA DO FUTEBOL PROFISSIONAL DE MARINGÁ//

[SOBE SOM]

**[OFF 2]** VAMOS RELEMBRAR CONQUISTAS DO PASSADO  
E OUVIR HISTÓRIAS QUE ACONTECERAM NO FUTEBOL  
MARINGAENSE//

**[VHT DE ABERTURA]**

**[OFF 3]** A CIDADE DE MARINGÁ FOI ELEVADA A  
MUNICIPIO EM 1951 E FICOU SEM UM TIME  
PROFISSIONAL POR QUASE 10 ANOS//  
ESSA ESPERA ACABOU COM O SURGIMENTO DO GRÊMIO  
ESPORTIVO MARINGÁ/ QUE DISPUTOU O SEU PRIMEIRO  
CAMPEONATO ESTADUAL PROFISSIONAL EM 1962//

**[TRECHO DO HINO DO GRÊMIO]**

**[OFF 4]** SUA ESTRÉIA PROFISSIONAL FOI NUMA  
PARTIDA AMISTOSA// O TIME VENCEU A EQUIPE DE  
NOVA ESPERANÇA POR 2X1// FOI A PRIMEIRA  
PARTIDA E A PRIMEIRA VITÓRIA DO GRÊMIO/ QUE  
TINHA AS CORES PRETO E BRANCO EM SEU  
UNIFORME//

AINDA EM 1962/ FOI INAUGURADO EM MARINGÁ/ O ESTÁDIO WILLIE DAVIS/ QUE NA ÉPOCA ERA CONHECIDO COMO ESTÁDIO DOS EUCALIPTOS// ISSO PORQUE ERA CERCADO POR ARVORES DESTA ESPÉCIE//

**[SOBE SOM]**

**[OFF 5]** A PRIMEIRA PARTIDA CONTRA UM TIME DE RENOME NACIONAL FOI UM AMISTOSO CONTRA O VASCO DA GAMA// O JOGO REALIZADO EM 1962 TEVE O PLACAR DE 3 A 0 PARA O VISITANTE// PELO ESTADUAL/ A PRIMEIRA VITORIA DO TIME MARINGAENSE FOI APENAS NA QUINTA RODADA/ COM O PLACAR DE 5 A 0 SOBRE ASTORGA//

NO ANO SEGUINTE/ O GRÊMIO COMEÇOU BEM E VENCEU OITO JOGOS CONSECUTIVOS/ CONQUISTANDO O 1º TURNO EM UMA VITÓRIA SOBRE O LONDRINA/ NO CHAMADO/ CLÁSSICO DO CAFÉ// O PLACAR FOI 2X1 PARA A EQUIPE MARINGAENSE//

NO COMEÇO DE 1964/ O GRÊMIO DISPUTOU O TRIANGULAR CONTRA FERROVIÁRIO E CAMBARAENSE// E NO DIA 29 DE MARÇO/ EMPATOU COM O

FERROVIÁRIO/ NA CAPITAL PARANAENSE// O  
ARTILHEIRO GAROTO MARCOU O GOL DE EMPATE AOS  
45 MINUTOS DO SEGUNDO TEMPO//

**[AUDIO DO GOL - NARRAÇÃO PAULO PUCCA]**

**[OFF 6]** ASSIM EM DOIS ANOS DE ATIVIDADE/ O  
GRÊMIO ALCANÇOU O DEGRAU MÁXIMO DO FUTEBOL  
ESTADUAL//

EM 1964/ CHEGARAM REFORÇOS PARA A EQUIPE  
MARINGAENSE/ ENTRE ELES/ TRÊS NOMES QUE  
FICARIAM MARCADOS NA HISTÓRIA DO FUTEBOL  
LOCAL: MAURICIO/ RODERLEY E ZURING//

O EX-ZAGUEIRO RODERLEY LEMBRA COMO CHEGOU AO  
GRÊMIO MARINGÁ//

**[SONORA 01]** EU SOU ORIUNDO DO FUTEBOL  
PAULISTA/ DO NACIONAL ATLÉTICO CLUBE/ EM 63 ME  
TRANSFERI PARA A ESPORTIVA DE JACAREZINHO E NO  
MESMO ANO ME TORNEI JOGADOR DO GRÊMIO DE  
ESPORTES MARINGÁ// TIVE O PRIVILÉGIO E A  
FELICIDADE DE SER CAMPEÃO PARANAENSE PELO

GRÊMIO DE MARINGÁ// E EM 64/ COMO TITULAR  
ABSOLUTO DA EQUIPE DO GRÊMIO// ONDE FOMOS  
CAMPEÕES ESTADUAIS//

**[OFF 7]** A AMIZADE ENTRE O EX-ZAGUEIRO RODERLEY  
E O PONTA ESQUERDA KRIEGUER RAMOS/ CONHECIDO  
COMO ZURING/ TROUXE O ÚLTIMO PARA A CIDADE  
CANÇAO//

**[SONORA 02]** EU CHEGUEI ATRAVÉS DO MEU AMIGO  
RODERLEY/ E IDEGAR/ QUE TINHA ASSINADO  
CONTRATO COM O GRÊMIO/ ELE VIERA DO  
JACAREZINHO E NÓS JOGAMOS JUNTOS EM SÃO PAULO/  
NO NACIONAL DE SÃO PAULO/ ONDE DISPUTAVA A 1ª  
DIVISÃO EM 1959// DEPOIS NÓS RODAMOS POR AÍ/  
EU FUI PRA OUTROS CLUBES// E EM 1964/ EU TINHA  
CHEGADO DO CHILE/ E EU FUI VER O TREINO DO  
NACIONAL DE SÃO PAULO/ EU MORAVA EM SÃO PAULO  
E ENCONTREI O RODERLEY LÁ/ AÍ ELE ME DISSE QUE  
ESTAVA EM MARINGÁ E TAL// MAS EU FALEI: "COMO  
QUE É LÁ/ MARINGÁ? ONDE FICA ISSO?" "É PARANÁ  
RAPAZ/ LÁ TÁ FORMANDO UM TIME/ FOI CAMPEÃO E  
TÃO FORMANDO UM TIME BOM ASSIM/ ASSIM E TAL/

UM TIME ESPETACULAR/ CIDADE NOVA" "ONDE FICA?"  
ELE FALOU PRA LÁ DE LONDRINA// LONDRINA NA  
ÉPOCA ERA CONHECIDA NA ÉPOCA/ MARINGÁ ERA  
MENOS// E EU ESTAVA SEM CLUBE/ ELE FALOU/ VEM  
PRA CÁ/ E EU FUI// ENTÃO EU CHEGUEI EM MARINGÁ  
EM 1964// E ASSINEI CONTRATO AÍ/ AÍ NÓS  
FORMAMOS UM SENHOR TIME/ JÁ TINHA UM TIME BOM  
NÉ/ AÍ TEVE UMA REFORMA DE JOGADORES/  
JOGADORES NOVOS/ CONTRATATOS/ AÍ NÓS FOMOS  
BICAMPEÕES PARANAENSE EM 64// FOI EM 65/ 66/  
NÓS FOMOS TRICAMPEÕES/ QUE ANTIGAMENTE JOGAVA  
NORTE/ TRICAMPEÃO DO NORTE/ AÍ FICAMOS VICE  
CAMPEÃO DO ESTADO//

**[VINHETA DE PASSAGEM]**

**[OFF 8] :** E O ANO DE 1964/ AINDA GUARDAVA MAIS  
EMOÇÕES PARA A TORCIDA MARINGAENSE// O TIME  
MAIS UMA VEZ FEZ UMA ÓTIMA CAMPANHA/ E CHEGOU  
AO TRIANGULAR FINAL PELA SEGUNDA VEZ  
CONSECUTIVA//

NO COMEÇO DE 1965/ O GREMIO VENCEU O SELETO DE  
PARANAGUÁ EM MARINGÁ E CONQUISTOU O  
BICAMPEONATO ESTADUAL/ FAZENDO A FESTA DA  
TORCIDA MARINGAENSE// QUE GANHOU UM APELIDO DA  
IMPrensa LOCAL COMO SE RECORDA O EX-PONTA  
ESQUERDA ZURING//

**SONORA 03** - EU NÃO SEI QUAL FOI O CARA QUE  
INVENTOU E BOTOU O NOME DE TORCIDA GUERREIRA E  
CRAVOU NA TORCIDA GUERREIRA/ QUE SE TORNOU  
AQUELA TORCIDA QUE FOI ANGARIANDO E A PESSOA  
SE ORGULHAVA DE SER DA TORCIDA GUERREIRA/  
ATRAVÉS DE NOSSAS CONQUISTAS DENTRO DE CAMPO//  
ATRAVÉS DE NOSSAS CONQUISTAS/ NÓS FIZESSEMOS  
QUE ELES SE TORNASSEM A MAIOR TORCIDA DO  
ESTADO/ NAQUELA GERAÇÃO QUE FOI DE 63/ 64 ATÉ  
1969/ QUE NÓS ESTAVAMOS NA CRISTA DA ONDA//

**[OFF 9]** O TIME CONSEGUIU UM FEITO QUE NÃO  
SERIA ALCANÇADO POR NENHUMA OUTRA EQUIPE  
LOCAL/ ENTRE AS TANTAS QUE SURGIRAM DEPOIS DO  
GRÊMIO DE 1961/ A CONQUISTA DE UM BICAMPEONATO

ESTADUAL// O ZAGUEIRO RODERLEY PARTICIPOU COMO TITULAR NESTA CONQUISTA//

**SONORA 04** - O GRÊMIO DE MARINGÁ FOI FUNDADO EM 1961// EM 1963/ ELE FOI BICAMPEÃO DO NORTE DO PARANÁ E BICAMPEÃO DO ESTADO// EM 1965/ ELE FOI TRICAMPEÃO DO NORTE E VICECAMPEÃO DO ESTADO// ENTÃO/ UMA CRIANÇA QUE NASCEU GRANDE E ADULTA/ ELA SÓ PODE TER UMA RESPOSTA/ O GRANDE ESPÍRITO PROFISSIONAL/ A GRANDE COMPETÊNCIA/ A GRANDE CAPACIDADE/ A GRANDE HONESTIDADE E A GRANDE VONTADE DE FAZER DE MARINGÁ UMA CIDADE RESPEITADA NO CENÁRIO DESPORTIVO/ NÃO SÓ DO PARANÁ/ DO BRASIL E DO EXTERIOR// E ISTO É GRANDE RESULTADO/ VITÓRIAS/ VITÓRIAS E VITÓRIAS//

**[OFF 10]** EM 1965/ NO ANIVERSÁRIO DE MARINGÁ/ A EQUIPE FEZ UM AMISTOSO CONTRA O SANTOS DE PELÉ/ A EQUIPE TERMINOU O 1º TEMPO PERDENDO POR 3X1/ MAS AO FINAL DO JOGO/ DERROTA POR

11X1// O EX-PONTA ESQUERDA/ ZURING/ PARTICIPOU DA PARTIDA E RELEMBRA O EPISÓDIO//

**SONORA 05** - O PELÉ QUANDO VEIO JOGAR AÍ NA FRENTE DO HOTEL BANDEIRANTES/ AÍ TINHA QUATRO A CINCO MIL PESSOAS NA CHEGADA DO SANTOS// O PELÉ FOI BEM RECEBIDO AÍ/ TOMAMOS DE 11 DO SANTOS/ ELE TEVE QUE SAIR ANTES QUE A TORCIDA QUERIA PEGAR ELE/ ENFIM ESSA IDOLATRIA/ E ELE ERA MOLEQUE AINDA/ QUE TAVA NO ESPLENDOR DA CARREIRA/ NÃO ERA AQUELE HOMÃO TUDO QUE É ATÉ HOJE// NÓS TOMAMOS DE ONZE/ MAS FOI UM ESPETÁCULO PRO PÚBLICO/ MARCANTE NA ÉPOCA//

**[OFF 11]:** OUTRO JOGADOR QUE PARTICIPOU DO JOGO E RELEMBRA DA PARTIDA É O EX-GOLEIRO MAURICIO GONÇALVES:

**SONORA 06** - EU ACREDITO QUE AQUI EM MARINGÁ FOI MAIS MARCANTE MESMO/ FOI QUANDO A SELEÇÃO BRASILEIRA IRIA DISPUTAR O CAMPEONATO/ A COPA DO MUNDO DE 66 E NÓS JOGAMOS COM O SANTOS/ ONDE O SANTOS VENCEU A EQUIPE DO GRÊMIO POR 11X1//

**[OFF 12]**: NO MESMO ANO/ O GRÊMIO CONQUISTOU PELO 3° ANO CONSECUTIVO O CAMPEONATO DO NORTE DO ESTADO// MAIS UMA VEZ/ O GRÊMIO DISPUTOU A FINAL ESTADUAL// E O ADVERSÁRIO ERA O FERROVIÁRIO DA CAPITAL// PORÉM/ ANTES DA FINAL/ O TIME FEZ ALGUNS AMISTOSOS INTERNACIONAIS// NO PRIMEIRO/ A VITÓRIA FOI POR 4X3 SOBRE O RAPID VIENA// NO 2° JOGO/ UM MARCO HISTÓRICO PARA O FUTEBOL MARINGAENSE/ O TIME VENCE A SELEÇÃO DA UNIÃO SOVIÉTICA/ QUE NA ÉPOCA CONTAVA COM O GOLEIRO YASHIN/ CONHECIDO COMO ARANHA NEGRA/ E CONSIDERADO POR MUITOS O MELHOR GOLEIRO DO MUNDO NA ÉPOCA// PARA A SURPRESA DOS TORCEDORES QUE COMPARECERAM AO WILLIE DAVIDS/ O GREMIO VENCEU POR 3X2// O EX-JOGADOR ZURING/ QUE DISPUTOU O JOGO/ RELEMBRA A PARTIDA//

**SONORA 07** - ENTÃO FOI UM DOS GRANDES ACONTECIMENTOS E NÓS CONSEGUIMOS GANHAR E ELES

TINHAM ESSE FAMOSO QUE ATÉ HOJE NA HISTÓRIA DO FUTEBOLE MUNDIAL/ É O MAIOR GOLEIRO DE TODOS OS TEMPOS/ YASHIN/ NÓS GANHAMOS//

**[OFF 13]:** O EX-ZAGUEIRO RODERLEY/ TAMBÉM SE RECORDA DE FATOS QUE MARCARAM NÃO APENAS SUA CARREIRA/ MAS TAMBÉM A HISTÓRIA DO FUTEBOLE PROFISSIONAL DE MARINGÁ//

**SONORA 08** - PRÁ JUSTIFICAR A NOSSA PRESENÇA AQUI COMO PROFISSIONAL DE FUTEBOLE/ AJUDAMOS COM ESSAS CONQUISTAS DE CAMPEONATO PARANAENSE/ AJUDAMOS QUER QUEIRAM/ QUER NÃO/ A ESCREVER A HISTÓRIA DA NOSSA CIDADE/ HISTÓRIA ESSA QUE JAMAIS SEREMOS APAGADOS/ DESSA SEQUÊNCIA DE CONQUISTAS/ PRA QUE MARINGÁ NA ÉPOCA QUE DEFENDÍAMOS FOSSE RECONHECIDA A NÍVEL ESTADUAL/ NACIONAL E INTERNACIONAL/ JOGANDO CONTRA GRANDES ADVERSÁRIOS COMO A SELEÇÃO DA RÔMENIA, DA BULGÁRIA. RAPID DE VIENA/ E PRINCIPALMENTE A SELEÇÃO DA RÚSSIA/ QUE EM 1966/ NO MUNDIAL DA INGLATERRA FOI A QUARTA COLOCADA/ MAS QUE MESES ANTES DESSA COPA DO

MUNDO/ ELA SE CURVOU PERANTE O GRÊMIO DE MARINGÁ/ POR 3X2/ NO ESTÁDIO WILLIE DAVIDS/ ONDE NOS DEU ESSE GRANDE PRIVILÉGIO E ORGULHO DE DIZERMOS "VENCEMOS UMA DAS PRINCIPAIS SELEÇÕES DO FUTEBOL MUNDIAL//

**[VINHETA DE PASSAGEM]**

**[OFF 14]:** ALEM DESSES JOGADORES/ O EX-GOLEIRO MAURICIO TAMBÉM PARTICIPOU DA CONQUISTA DO BICAMPEONATO DE 1964// MAURICIO PARTICIPOU TAMBÉM DE OUTRAS COMPETIÇÕES PELO ALVINEGRO MARINGAENSE//

**SONORA 09** - O GRÊMIO FOI CAMPEÃO EM 63/ 64/ VICECAMPEÃO EM 65 E 67// TAMBÉM PASSOU PELO CAMPEONATO BRASILEIRO ROBERTINHO/ EM 1969// PORTANTO/ NÓS FOMOS BICAMPEÕES ESTADUAIS 63/64/ VICE 65/ VICE 67//

**[OFF 15]** COMO RECORDA O EX-GOLEIRO MAURICIO/ EM 1967/ O TIME MAIS UMA VEZ CONQUISTOU O VICE-CAMPEONATO ESTADUAL// DEPOIS DE PERDER A FINAL PARA O ÁGUA VERDE//

EM 1969/ O FUTURO RESERVAVA VÔOS MAIS ALTOS PARA A EQUIPE MARINGAENSE/ QUE VENCEU A COPA CENTRO SUL/ E GARANTIU O DIREITO DE ENFRENTAR O CAMPEÃO DA COPA NORTE NORDESTE/ O SPORT RECIFE// E O TIME PARANAENSE NÃO FEZ FEIO/ E MAIS UMA VEZ TROUXE O TÍTULO PARA MARINGÁ/ COMO RECORDA O EX-GOLEIRO MAURICIO//

**SONORA 10** - A PARTICIPAÇÃO FOI EXCELENTE/ PORQUE NÓS FIZEMOS JOGOS NO ESTADO DE SÃO PAULO/ PARANÁ/ SANTA CATARINA E RIO GRANDE DO SUL E FOMOS DECIDIR COM O SPORT/ NO RECIFE/ UMA PARTIDA AQUI E OUTRA LÁ/ AQUI 3 A 0/ LÁ 3 A 0/ ONDE O GRÊMIO SAGROU-SE CAMPEÃO DO ROBERTINHO/ QUE PRATICAMENTE ERA A SEGUNDA DIVISÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO//

**[OFF 16]**: COM A CONQUISTA DESTE TÍTULO/ O TIME GARANTIU A VAGA NA FINAL DO BRASILEIRO INTERCLUBES/ QUE SERIA DISPUTADO COM O CAMPEÃO DA PRIMEIRA DIVISÃO // NA EPOCA ERA O SANTOS DE PELÉ// SEGUNDO O EX-GOLEIRO/ A RECEPÇÃO FEITA PARA O GRÊMIO FOI FORA DO COMUM//

**SONORA 11** - FOI UMA RECEPÇÃO DE CUNHO NACIONAL/ PORQUE A CONQUISTA DO GRÊMIO DE MARINGÁ FOI

EXCELENTE/ PORQUE É UMA CONQUISTA DE SEGUNDA DIVISÃO/  
NA ÉPOCA UM POUQUINHO MAIS VALORIZADA DO QUE HOJE//

**[OFF 17]:** O EX-GOLEIRO MAURICIO RECORDA AINDA COMO  
FOI A DISPUTA ENTRE O GRÊMIO E O SANTOS/ QUE NA ÉPOCA  
ERA A EQUIPE QUE ERA SENSACÃO NO MOMENTO//

**SONORA 12** - EXISTIA TAMBÉM UM ACORDO PRA QUE O  
CAMPEÃO DA SEGUNDA DIVISÃO E O CAMPEÃO DA PRIMEIRA  
DIVISÃO/ QUE NA ÉPOCA FOI O SANTOS/ DISPUTASSE DUAS  
PARTIDAS PARA VER QUEM SERIA O CAMPEÃO BRASILEIRO//  
NÓS FIZEMOS DUAS PARTIDAS COM O SANTOS/ 2 A 2/ 0 A 0/  
AÍ NÃO HOUE MAIS INTERESSE NA DISPUTA E O GRÊMIO  
FICOU PRATICAMENTE COMO CAMPEÃO BRASILEIRO/ AO LADO  
DO SANTOS EM 1969//

#### **SOBE SOM**

**[OFF 18]:** NA DÉCADA DE 70/ O TIME NÃO COMEÇOU MUITO  
BEM// ISSO FEZ COM QUE A TORCIDA NÃO SE EMPOLGASSE  
COM O TIME QUE HAVIA SIDO BI CAMPEAO ESTADUAL E  
CAMPEAO DO ROBERTINHO// O FIM DE 1971 ENTROU PARA A  
HISTÓRIA DO FUTEBOL LOCAL, DEPOIS DE NÃO CONSEGUIR  
UMA FUSÃO COM O MARINGÁ ESPORTE CLUBE// O GRÊMIO

ESPORTIVO MARINGÁ PEDIU LICENÇA JUNTO A FEDERAÇÃO E NUNCA MAIS RETOMOU SUAS ATIVIDADES//

SEGUNDO O EX-PRESIDENTE DA EQUIPE, ELNIO SILVEIRA POHLMAN, UM DOS PRINCIPAIS MOTIVOS DA FALTA DE UMA EQUIPE PROFISSIONAL NA CIDADE FOI O ACOMODAMENTO DOS PRESIDENTES, QUE NO PASSADO CONTAVAM COM A AJUDA DOS PREFEITOS NA MANUTENÇÃO DA EQUIPE.

**SONORA 13** - O PRINCIPAL FATOR QUE NÓS NÃO TEMOS UM CLUBE COM DURABILIDADE, COM ESTRUTURAÇÃO PATRIMONIAL, É PORQUE O PASSADO NOS ENSINOU A MANTER TIMES DE CAMISAS PARA GANHAR TÍTULOS, PORQUE DESDE O PRIMEIRO MOMENTO, EM QUE O GRÊMIO SE ENVOLVEU COM O TIME DE FUTEBOL, ELE TINHA SEMPRE UM PADRINHO CHAMADO PREFEITO, E ESSE FOI O GRANDE MAL DO FUTEBOL DE MARINGÁ, PORQUE TODOS ACREDITAVAM NO MOMENTO

**[OFF 19]** SEGUNDO POHLMAN, O GRÊMIO CHEGOU A FAZER UM PROJETO PARA ARRECADAR SÓCIOS E MONTAR UMA SEDE PARA O CLUBE, MAS QUE O PROJETO NÃO TEVE CONTINUIDADE.

**SONORA 14** - O GRÊMIO ESPORTIVO MARINGÁ CHEGOU A EDIFICAR UM PROJETO, COLOCOU A MAQUETE NA PREFEITURA, PORQUE O JOÃO PAULINO ERA PREFEITO, E ELE ERA O

TESOUREIRO, VENDERAM DOIS MIL TÍTULOS PATRIMONIAIS NUMA ÁREA DE DOIS ALQUEIRES NO MARINGÁ VELHO A CEM METROS DA AVENIDA BRASIL E NÃO CONSTRUÍRAM, APENAS INICIARAM.

### **SOBE SOM**

**[OFF 20]** AINDA EM 1971/ SURGIA EM MARINGÁ UM NOVO CLUBE/ O MARINGÁ ESPORTE CLUBE/ QUE DIFERETE DO GRÊMIO/ TINHA AS CORES AZUL E BRANCO EM SEU UNIFORME// SEM O APOIO ESPERADO/ O TIME RESOLVEU MUDAR AS CORES PARA PRETO E BRANCO/ PARA RELEMBRAR O GRÊMIO BICAMPEÃO ESTADUAL E CAMPEÃO DO "ROBERTINHO"// O MARINGÁ ESPORTE CLUBE SE MANTEVE ATIVO ATÉ O FINAL DE 1973/ QUANDO A DIRETORIA ADMITIU QUE NÃO DISPUTARIA O CAMPEONATO DO PRÓXIMO ANO// FOI O SEGUNDO CLUBE MARINGAENSE A FECHAR QUE FECHA AS PORTAS //

### **SOBE SOM**

**[OFF 21]** EM 1974/ SURTIU O NOVO GRÊMIO/ DESTA VEZ INTITULADO "GREMIO DE ESPORTES MARINGA"//

**[TRECHO DO HINO DO CLUBE]**

**[OFF 22]** AS CORES E A SIGLA CONTINUARAM AS MESMAS DO TIME FUNDADO EM 1961// EM 1974/ A CIDADE DE MARINGÁ FICOU DE FORA DA DISPUTA DO ESTADUAL//

EM 1975/ O PRIMEIRO JOGO DE FUTEBOL FOI TRANSMITIDO PARA MARINGÁ/ MAS O PLACAR NÃO EMPOLGOU/ GOLEADA SOFRIDA POR 5X0 PARA O ATLÉTICO PARANAENSE//

PELO ANO SEGUINTE/ O GRÊMIO NÃO FEZ BOA CAMPANHA/ O QUE TORNOU O ANO POSITIVO PARA O FUTEBOL LOCAL É A FUSÃO DE DIVERSOS CLUBES QUE EXISTIAM NA CIDADE/ ENTRE ELAS: GRÊMIO DE ESPORTES MARINGÁ/ MARINGÁ ESPORTE CLUBE E SOCIEDADE ESPORTIVA E RECREATIVA MARINGÁ//

EM 1977/ O GRÊMIO COMEÇOU A PREPARAÇÃO PARA O ESTADUAL/ COM VITÓRIA SOBRE O CORINTHIANS PAULISTA POR 3X2/ NA INAUGURAÇÃO DOS REFLETORES DO ESTÁDIO WILLIE DAVIDS//

NO ESTADUAL DO MESMO ANO/ O TIME NÃO FOI BEM E DISPUTOU A REPESCAGEM/ QUE DAVA VAGA PARA UM CLUBE DISPUTAR O QUADRANGULAR FINAL CONTRA OS TIMES DA CAPITAL//

DURANTE ESSA DISPUTA CHEGOU A MARINGÁ/ O ATACANTE ITAMAR BELASSALMA// O JOGADOR JÁ TINHA PASSAGENS POR GRANDES CLUBES DO FUTEBOL NACIONAL/ COMO PALMEIRAS E SÃO PAULO//

**[VINHETA DE PASSAGEM]**

**SONORA 15** - EU CHEGUEI AQUI O GRÊMIO ESTAVA NA REPESCAGEM/ NÓS FOMOS CAMPEÕES DA REPESCAGEM/ QUE ERA UM TORNEIO ENTRE OS CLUBES DO INTERIOR E O CAMPEÃO DISPUTARIA O TÍTULO COM OS DA CAPITAL E NÓS GANHAMOS A REPESCAGEM/ GANHAMOS O PRIMEIRO TURNO DA PRIMEIRA DIVISÃO/ COM CLUBES DA CAPITAL E DECIDIMOS O TÍTULO COM O CORITIBA E FOMOS CAMPEÕES NA OCASIÃO EM 1977//

**[NARRAÇÃO ANTÔNIO PAULO PUCCA - GOL]**

**[OFF 23]:** O EX-ATACANTE ITAMAR/ FOI ARTILHEIRO DA COMPETIÇÃO/ MESMO CHEGANDO DURANTE A DISPUTA E FOI IMPORTANTE PARA A CONQUISTA DO TÍTULO ESTADUAL/ MARCANDO GOL NOS DOIS JOGOS DA FINAL CONTRA O CORITIBA//

**SONORA 16** - FIZ OS GOLS QUE O GRÊMIO FOI CAMPEÃO/  
TANTO AQUI QUANTO EM CURITIBA/ EU FIZ 1 A 0/ GOL DE  
CABEÇA// EM CURITIBA/ EU EMPATEI DE FALTA 1 A 1//

**[NARRAÇÃO DE GOL - ANTÔNIO PAULO PUCCA]**

**[VINHETA DE SAÍDA DE BLOCO]**

**[VINHETA DE ENTRADA DE BLOCO]**

**[OFF 24]**: COM A CONQUISTA DO TRICAMPEONATO ESTADUAL/  
O TIME MARIGAENSE RECEBEU O CONVITE PARA DISPUTAR O  
CAMPEONATO NACIONAL//

**SONORA 17** - FOI UMA COISA FANTÁSTICA/ E NAQUELA  
OCASIÃO EM 1977/ O GRÊMIO MARINGÁ FOI CONVIDADO COMO  
CAMPEÃO A PARTICIPAR DO CAMPEONATO NACIONAL/ NÃO ERA  
COMO HOJE/ ERA CAMPEONATO NACIONAL/ ENTÃO VOCÊ JOGAVA  
COM TODAS AS EQUIPES GRANDES DO FUTEBOL BRASILEIRO//

**[OFF 25]**: NA DISPUTA DO NACIONAL/ O TIME AINDA  
ENFRENTOU OUTROS ADVERSÁRIOS DE RENOME DESDE AQUELA  
ÉPOCA/ COMO FLAMENGO/ CRUZEIRO E VASCO DA GAMA//

**SONORA 18** - NÓS TINHAMOS UMA EQUIPE BOA/ UMA EQUIPE  
QUE JOGOU CONTRA O CRUZEIRO EM BELO HORIZONTE/ 0 A 0/

O MELHOR JOGADOR EM CAMPO FOI O GOLEIRO DO CRUZEIRO// JOGAMOS NO RIO CONTRA O VASCO/ O VASCO PRECISAVA EMPATAR PARA PASSAR PRA PRÓXIMA FASE/ E NÓS JÁ ESTAVAMOS A QUATRO RODADAS CLASSIFICADOS// O VASCO EMPATOU AOS 48 MINUTOS DO SEGUNDO TEMPO/ E ASSIM VAI/ ENTENDE/ JOGAVA COM O CORINTHIANS E O CORINTHIANS SUAVA PARA EMPATAR COM A GENTE// O FLAMENGO GANHOU UMA VEZ DA GENTE AQUI EM MARINGÁ/ AOS 4 MINUTOS/ GOL DO VANDERLEI LUXEMBURGO/ QUE ERA LATERAL ESQUERDO/ ELES SAÍRAM VIBRANDO//

**[OFF 26]:** PARA O EX-ATACANTE ITAMAR/ A TORCIDA MARINGAENSE ERA UM DIFERENCIAL NOS JOGOS QUE ACONTECIAM DENTRO DE CASA/ E O WILLIE DAVIDS ESTAVA SEMPRE LOTADO POR TORCEDORES ALVINEGROS//

**SONORA 19** - NAQUELA ÉPOCA IA FAMÍLIA/ A MINHA FAMÍLIA/ COMO ATLETA IA/ FAMÍLIA DO DIRIGENTE IA/ DO TORCEDOR IA/ FAZIA-SE NA ÉPOCA AQUELE BOLÃO E ERA GOSTOSO/ PORQUE ERA UMA CONFRATERNIZAÇÃO// NO ESTÁDIO CHEGAVA/ O JOGO ÀS 16:00 HORAS/ VOCÊ CHEGAVA AS 15:00 HORAS SUBIA NO TÚNEL E OLHAVA O ESTÁDIO/ JÁ ESTAVA ENFURECIDO/ QUERENDO JOGO/ ENTENDE// ENTÃO ERA UMA

COISA GOSTOSA DE SE VER E PARTICIPAR E MOTIVAVA TAMBÉM A GENTE// ENTÃO A GENTE ESPERA QUE NUM FUTURO BEM PRÓXIMO TENHAMOS NOVAMENTE O FUTEBOL À ALTURA QUE FAÇA O TORCEDOR SENTIR AQUILO QUE NÓS TIVEMOS OPORTUNIDADE DE PARTICIPAR//

**[OFF 27]**: AINDA SOBRE O TÍTULO DE 1977/ ITAMAR REVELA UMA HISTÓRIA CURIOSA COM O TREINADOR CAPÃO QUE FOI CAMPEÃO COM A EQUIPE NO MESMO ANO E DEPOIS PASSOU POR MARINGÁ EM DIVERSAS OUTRAS OCASIÕES//

**SONORA 20** - EU CHEGUEI EM MARINGÁ NUM SÁBADO E ASSISTI O JOGO DO GRÊMIO/ VIM COM A MINHA FAMÍLIA PRA CONHECER A CIDADE/ A COLOMBO AINDA ERA TERRA/ ENTÃO VOCÊ VÊ QUE FAZ TEMPO/ O GRÊMIO NÃO TINHA MAIS TREINADOR NAQUELA ÉPOCA/ TINHA TROCADO/ TINHA SAÍDO O TREINADOR// E NA CONVERSA AINDA PERGUNTARAM: "ITAMAR, VOCÊ CONHECE ALGUM TREINADOR?" EU FALEI: "EU TIVE UM TREINADOR RECENTEMENTE NO MARÍLIA, MUITO BOM QUE ESTÁ PARADO"/ AÍ ME FALARAM "QUEM É?"/ FALEI: "WILSON FRANCISCO ALVES"/ QUE FOI NOSSO TREINADOR CAMPEÃO// E EU FUI PRA CASA, DEPOIS DAQUELE ACERTO COM A DIRETORIA E NO DOMINGO FUI EMBORA PRÁ ME APRESENTAR

NA QUARTA/ QUINTA-FEIRA DA SEMANA SEGUINTE/ COM A MUDANÇA/ JÁ COM A FAMILIA/ QUANDO EU AQUI CHEGUEI POR SURPRESA MINHA/ O WILSON FRANCISCO ALVES/ O POPULAR CAPÃO/ JÁ ESTAVA AQUI// O CAPÃO ESTAVA AQUI/ ELE PEDIU ALGUNS JOGADORES TAMBÉM/ TROUXE NIVALDO/ TINHA DIDI/ QUE ERA GRANDE JOGADOR/ DIDI/ QUE DEUS O TENHA/ JÁ FALECEU/ ENFIM/ ERA UMA EQUIPE BOA/ FALTAVA ENCAIXE E O DEDO DE ALGUÉM QUE PUSESSE A COISA NO CAMINHO E AÍ FEZ-SE UMA FAMÍLIA/ ONDE NÃO EXISTIA/ EU POR TER VINDO DO PALMEIRAS/ O DIDI TAMBÉM JOGOU NO PALMEIRAS/ NÃO EXISTIA CIÚMES/ EXISTIA SIM PRA GENTE VITÓRIA/ NÓS QUERIAMOS GANHAR// ENTÃO ISSO FOI IMPORTANTE/ O CAPÃO COLOCOU O TIME NO LUGAR CERTO// NA ESTRÉIA DELE/ EU ME LEMBRO BEM, NUM DOMINGO DE MANHÃ EM CORNÉLIO PROCÓPIO/ EU ESTREEI LÁ/ GANHAMOS DE 1 A 0/ EU FIZ O GOL//

**[OFF 28]**: OUTRO FATO CURIOSO FOI O SORTEIO DOS MANDOS DE JOGOS DA FINAL// POUCA GENTE SABE QUE ESSAS PARTIDAS NÃO FORAM SORTEADAS COMO SE RECORDA O EX-ATACANTE ITAMAR//

**SONORA 21** - HOUVE UM CONCENSO/ A DIRETORIA DO GRÊMIO REUNIU COM A GENTE/ IA HAVER UM SORTEIO/ O CORITIBA PREFERIA DECIDIR O TÍTULO LÁ/ NA SEGUNDA PARTIDA/ E NÓS/ COMO NÓS TINHAMOS CONFIANÇA NA GENTE/ NO GRUPO DE ATLETAS/ NÓS PEDIMOS QUE FIZÉSSEMOS O JOGO AQUI/ ENTÃO NÃO HOUVE NEM SORTEIO// A DIRETORIA FOI NA FEDERAÇÃO/ FALANDO/ O PRIMEIRO JOGO VAI SER EM MARINGÁ/ ENTÃO DEU CERTO/ GANHAMOS AQUI E EMPATAMOS LÁ E FOMOS CAMPEÕES//

**[OFF 29]**: AINDA NA FINAL DE 1977/ O EX-ARTILHEIRO ITAMAR RECORDA QUE JOGADORES QUE TINHA PAPEL FUNDAMENTAL NA EQUIPE/ FICARAM DE FORA DA GRANDE FINAL CONTRA O CORITIBA NA CAPITAL POR MOTIVO DE SUSPENSÃO OU CONTUSÃO//

**SONORA 22** - PRA VOCÊ VER QUANDO ESTÁ PREDESTINADA/ A VONTADE/ A QUALIDADE/ NÓS JOGAMOS LÁ SEM DUAS PEÇAS IMPORTANTÍSSIMAS/ NA ÉPOCA/ O DIDI/ QUE ERA NOSSO VOLANTE/ TODO MUNDO SABE E O FERRERINHA/ ERAM DUAS MOLAS PRINCIPAIS DO NOSSO TIME/ ELES NÃO PUDEAM ATUAR LÁ POR SUSPENSÃO E CONTUSÃO// JOGOU ASSIS E JOGOU JOÃO MARQUES// E FOMOS CAMPEÕES//

**[OFF 30]**: COM A CONQUISTA DO TRI CAMPEONATO ESTADUAL/  
PELO TIME MARINGAENSE/ A TORCIDA FEZ A FESTA PARA  
RECEBER A DELEGAÇÃO/ COMO RECORDA O ARTILHEIRO DO  
ESTADUAL DE 1977//

**[VINHETA DE PASSAGEM]**

**SONORA 23** - BOM/ NÓS SAÍMOS DE CURITIBA/ JÁ A FESTA  
ERA ENORME/ E NÓS PARAMOS NO CAMINHO/ NÓS PARAMOS EM  
PONTA GROSSA/ PRÁ JANTAR/ PRA DESCANSAR// CHEGAMOS EM  
MARINGÁ POR VOLTA DE SETE E MEIA/ OITO HORAS DA  
MANHÃ// NÃO TINHA COMO HOJE UM CARRO PRA TRAZER VOCÊ/  
DE BOMBEIRO/ NÓS VIEMOS NO ÔNIBUS E NO POSTO  
RODOVIÁRIO/ AQUI NA SAÍDA DE MARINGÁ PARA MARIALVA/  
JÁ TINHA UMA FILA DE CARROS ESPERANDO A DELEGAÇÃO  
CHEGAR// E ESSA FILA VEIO ATÉ O CENTRO DE MARINGÁ/  
QUE NOSSO ENDEREÇO ERA A PREFEITURA/ POR CAUSA DO DR.  
JOÃO PAULINO/ QUE ELE/ ERA O PRESIDENTE DE HONRA NO  
CLUBE/ O PREFEITO NA ÉPOCA//

**[OFF 31]**: EM 1978/ O TIME NÃO CONSEGUIU TER OS MESMOS  
RESULTADOS E APENAS CUMPRIU TABELA TANTO NO  
CAMPEONATO ESTADUAL COMO NO CAMPEONATO NACIONAL//

O ANO SEGUINTE COMEÇOU COM UMA DERROTA PARA A TCHELOVÁQUIA POR 2X1 JOGANDO NO WILLIE DAVIDS// NO ESTADUAL/ O GRÊMIO FOI O ÚNICO TIME DO INTERIOR A CHEGAR NA FASE FINAL MAS NÃO CONSEGUIU SEGURAR O CORITIBA/ QUE MAIS UMA VEZ CONQUISTA O TÍTULO ESTADUAL//

**[SOBE SOM]**

**[OFF 32]** EM 1980/ O GRÊMIO TROUXE UM DOS MAIORES IDOLOS DO RIVAL LONDRINA/ CARLOS ALBERTO GARCIA// O JOGADOR FOI RECEBIDO EM MARINGÁ COM GRANDE FESTA PELA TORCIDA//

NA TAÇA PRATA/ O TIME COMEÇOU COM 3 VITÓRIAS MAS DEPOIS PERDEU O RENDIMENTO/ MESMO ASSIM CONSEGUIU A CLASSIFICAÇÃO PARA A SEGUNDA FASE// NA SEGUNDA FASE/ O TIME NÃO FOI BEM E VIU A VAGA FICAR COM O RIVAL LONDRINA// PELO ESTADUAL, A 1ª FASE FOI IMPECÁVEL/ E O TIME TERMINOU NA 1ª POSIÇÃO/ PORÉM NA SEGUNDA FASE/ O TIME CONSEGUIU APENAS 2 VITÓRIAS E SE DESPEDIU DA COMPETIÇÃO//

EM 1981/ O GRÊMIO MONTOU UMA EQUIPE PARA TENTAR REVIVER AS CONQUISTAS DO PASSADO/ MAS O TIME FOI

ELIMINADO AINDA NA 1ª FASE DA TAÇA DE PRATA// MESMO COM PROBLEMAS EXTRA-CAMPO/ CONSEGUIU UMA DAS VAGAS NO QUADRANGULAR FINAL/ E DEPOIS DE VENCER O CORITIBA/ DECIDIU A FINAL DO ESTADUAL COM O LONDRINA/ E NA FINAL DISPUTADA POR DOIS TIMES DO INTERIOR/ O TIME LONDRINENSE FICOU COM O TÍTULO DEPOIS DE DUAS VITÓRIAS/ 3X2 E 2X1//COM O VICE CAMPEONATO/ O TIME CONQUISTOU UMA VAGA NA TAÇA OURO PARA O ANO SEGUINTE//

EM 82, O ANO COMEÇOU COM DERROTA PARA O INTERNACIONAL DE PORTO ALEGRE PELA TAÇA OURO// APESAR DE UMA CAMPANHA IRREGULAR/ O TIME VENCEU O INTER EM MARINGÁ POR 2X1/ E SE GARANTIU NA SEGUNDA FASE//

NESTE MESMO ANO/ UM ATLETA QUE COMEÇOU NAS CATEGORIAS MENORES CHEGOU AO TIME PROFISSIONAL// REGINALDO LIMA/ NÃO CONQUISTOU NENHUM TÍTULO/ MAS TAMBÉM PARTICIPOU DA HISTÓRIA DO FUTEBOL LOCAL// O EX JOGADOR/ COMEÇOU A CARREIRA EM 1976 AINDA PELAS CATEGORIAS JUNIORES//

**[SOBE SOM]**

**SONORA 24** - NA VERDADE EU JOGUEI/ EU VESTI A CAMISA DO GRÊMIO POR ONZE ANOS/ DESDE AS CATEGORIAS DE BASE/

DOS INFANTIS ATÉ O PROFISSIONAL/ ONDE JOGUEI POR CINCO ANOS// ENTÃO FOI DO FINAL DOS ANOS 70 ATÉ 1987/ FORAM ONZE ANOS VESTINDO A CAMISA DO GRÊMIO//

**[OFF 33]** PELA SEGUNDA FASE DO TIME NO ESTADUAL A CAMPANHA FOI DESASTROSA/ APENAS UMA VITÓRIA; UM EMPATE E 4 DERROTAS// POR ISSO, FICOU DE FORA DA PRÓXIMA FASE// NO FINAL DE 82/ O TIME DISPUTOU COM O OPERARIO DE PONTA GROSSA A VAGA DO ESTADO NA TAÇA PRATA// A VAGA FICOU COM A EQUIPE MARINGAENSE//

AINDA DURANTE A DÉCADA DE 80/ O TIME NÃO CONSEGUIU REPETIR OS FEITOS DO FINAL DA DÉCADA DE 70/ E COMEÇOU A ACUMULAR DÍVIDAS// EM 1987/ O TIME VENCEU O PINHEIROS E ESCAPOU DO REBAIXAMENTO NA ÚLTIMA RODADA DO ESTADUAL// REGINALDO ENCKEROU SUA CARREIRA NO ANO DE 1987/ MAS O EX-JOGADOR LEMBRA DAS DIFERENÇAS ENTRE OS DIAS DE HOJE E OS DO COMEÇO DE SUA CARREIRA//

**SONORA 25** - ERA OUTRA REALIDADE/ ERA UM TEMPO QUE NÓS/ OS GAROTOS DAQUELA ÉPOCA CRESCÍAMOS COM O SONHO DE JOGAR NO GRÊMIO// O GRÊMIO DE MARINGÁ ERA REFERÊNCIA DO FUTEBOL PROFISSIONAL DE TODA A REGIÃO// ENTÃO O SONHO DA GAROTADA/ E O MEU NÃO ERA DIFERENTE/

ERA DE VESTIR A CAMISA DO GRÊMIO/ JOGAR NO WILLIE DAVIDS/ FAZER CLÁSSICO DO CAFÉ/ ESSE ERA O GRANDE SONHO DA GAROTADA E AONDE TINHAMOS AQUI JOGADORES QUE TRÊS/ QUATRO ANOS ANTES TINHAM JOGADO EM TIMES GRANDES/ TINHAM SIDO CAMPEÕES BRASILEIROS/ QUER DIZER/ O FUTEBOL DE MARINGÁ/ LONDRINA/ TINHA MAIS OU MENOS O MESMO NÍVEL/ O MESMO VALOR DOS TIMES DA CAPITAL// ERA MUITO BACANA/ PORQUE EXISTIA UM EQUILIBRIO DE FORÇAS/ E NÓS TINHAMOS UMA TORCIDA QUE LOTAVA O ESTÁDIO/ APAIXONADA E ENTÃO TINHA ESSE SONHO DE JOGAR NO GRÊMIO E DE REPRESENTAR NOSSA CIDADE//

**[OFF 34]** O EX-JOGADOR/ REGINALDO LIMA/ RECORDA QUE PASSOU POR BONS MOMENTOS DEFENDENDO AS CORES DE MARINGÁ/ COMO EM JOGOS CONTRA FLAMENGO E CORINTHIANS//

**SONORA 26** - EU DIRIA QUE FORAM ALGUNS JOGOS// UMA VITÓRIA CONTRA O FLAMENGO/ VITÓRIA CONTRA O CORINTHIANS/ QUE EU TIVE A OPORTUNIDADE/ FOI UM GOL QUE FICOU MARCADO/ NÓS GANHAMOS DE 1 A 0/ EU FIZ O GOL/ NUM TIME QUE TINHA ZENON/ BIRO-BIRO/ LEÃO/ SOCRÁTES/ CASAGRANDE/ ERA UMA MÁQUINA/ ENTÃO MOMENTOS

ASSIM QUE A GENTE ÀS VEZES ATÉ HOJE É LEMBRADO NA RUA/ AQUELE GOL QUE VOCÊ FEZ/ EU ESTAVA LÁ/ AQUILO FICOU MARCADO/ E ISSO É MUITO BACANA/ ALGUNS CAMPEONATOS/ EU NÃO TIVE O PRIVILÉGIO DE SER CAMPEÃO/ ALGUNS GRANDES JOGOS/ GRANDES CAMPANHAS A GENTE PARTICIPOU/ MAS NÃO CHEGAMOS AO TÍTULO/ MAS EU ACHO QUE O QUE MARCOU MAIS IMPORTANTE É ISSO/ É VOCÊ REALIZAR AQUELE SONHO DE MOLEQUE DE JOGAR NO SEU TIME DO CORAÇÃO//

#### **VINHETA DE PASSAGEM**

**[OFF 35]** EM 1988/ CHEGARAM A MARINGÁ OS JOGADORES/ ADOILSON/ ALMEIDA E LUIZ ANTÔNIO// E O GRÊMIO COMEÇOU O PROJETO PARA RETORNAR AO CAMINHO DOS TÍTULOS// MAS O ANO DE 1988 AINDA FOI DIFÍCIL PARA A EQUIPE MARINGAENSE// COMO RECORDA O EX-JOGADOR ADOILSON//

**SONORA 27** - E NA ÉPOCA QUANDO CHEGUEI EM 88/ AQUI PELA PRIMEIRA VEZ/ O TIME ESTAVA NUMA SITUAÇÃO RUIM/ UMA SITUAÇÃO PARA CAIR PARA A SEGUNDA DIVISÃO// E A GENTE CONSEGUIU ENTRE OS ATLETAS QUE FORAM CONTRATADOS NA ÉPOCA/ A GENTE CONSEGUIU TIRAR O GRÊMIO DAQUELA SITUAÇÃO//

**[OFF 36]** EM 1989/ O TIME VOLTOU A TER UMA BOA EQUIPE/  
E OS JOGADORES QUE CHEGARAM FIZERAM COM QUE O TIME  
CHEGASSE À SEMI FINAL DO ESTADUAL, NUMA DISPUTA  
CONTRA O ATLÉTICO PARANAENSE//

**SONORA 28** - MAS EU ACHO QUE A COISA MAIS MARCANTE NA  
VIDA/ NÃO SÓ MINHA COMO NA DOS OUTROS JOGADORES QUE  
ESTAVAM AQUI FOI O TÍTULO DE 89/ ONDE A GENTE TINHA  
GANHO AQUI DO ATLÉTICO DE 1 A 0/ A GENTE TINHA  
CONDIÇÃO/ TINHA UM TIME PRA BRIGAR DE IGUAL PARA  
IGUAL/ E QUANDO A GENTE FOI LÁ PRA DECIDIR/ PRÁ IR  
PRA FINAL DO CAMPEONATO/ A GENTE/ NO LINGUAJAR DO  
FUTEBOL/ A GENTE FOI ROUBADO/ TIRARAM DA GENTE PRA  
DAR A VAGA PRO ATLÉTICO/ ENTÃO A GENTE FICOU TRISTE  
PORQUE A GENTE SABIA QUE SE A GENTE TIVESSE DENTRO DE  
UMA CAPITAL/ AQUELE GRÊMIO/ DE 89 TERIA SIDO CAMPEÃO/  
ENTÃO A GENTE FICA TRISTE POR ISSO/ DE SABER QUE A  
GENTE TINHA CONDIÇÃO NA ÉPOCA/ QUE A GENTE FEZ DE  
TUDO PRA CONSEGUIR ESSE TÍTULO PARA DAR PRO TORCEDOR  
DE MARINGÁ/ INFELIZMENTE POR FORA/ PROS BASTIDORES A  
GENTE NÃO CONSEGUIU ISSO//

**[OFF 37]** OUTRO EX-JOGADOR QUE PARTICIPOU DESSA SEMI FINAL FOI ALMEIDA// ELE ACUSA O JUIZ DE TER FAVORECIDO O TIME DA CAPITAL//

**SONORA 29** - NUMA SEMIFINAL MELHOR DE TRÊS PARTIDAS/ O ATLÉTICO JOGOU AQUI EM MARINGÁ O PRIMEIRO JOGO/ GANHAMOS DE 1 A 0/ GOL DO AIRTON/ AÍ/ DEPOIS FOMOS PARA CURITIBA/ FAZER DIOIS JOGOS EM CURITIBA PORQUE ELES TINHAM MELHOR CAMPANHA// NO SEGUNDO JOGO NÓS PERDEMOS DE 2 A 0/ AONDE FOMOS MUITO PREJUDICADOS/ ONDE O ÁRBITRO FEZ PRO GATO/ PASSOU A MÃO LITERALMENTE NA GENTE/ ROUBOU MESMO DESCARADAMENTE E NO TERCEIRO JOGO NÓS EMPATAMOS POR DOIS A DOIS/ COMO ELES TINHAM MELHOR CAMPANHA/ ELES FORAM PRA FINAL//

**[OFF 38]** PARA LUIZ ANTÔNIO/ QUE TAMBÉM DEFENDEU AS CORES DO GRÊMIO EM 89/ A INTERFERENCIA DA FEDERAÇÃO PARANAENSE/ BRECOU O CRESCIMENTO DOS TIME DO INTERIOR DO ESTADO//

**SONORA 30** - FOI ESSA DECISÃO MESMO COM O ATLÉTICO/ NÓS TINHAMOS/ ACHO QUE NAQUELE ANO DE 89/ A MELHOR EQUIPE NÃO DIGO SÓ DO PARANÁ/ MAS UMA DAS MELHORES EQUIPES DO BRASIL/ NÓS TINHAMOS TUDO PRA SER CAMPEÃO

PARANAENSE E CAMPEÃO BRASILEIRO// ENTÃO/ AÍ QUE VOLTO/ A FEDERAÇÃO TEVE TUDO PARA DEIXAR O INTERIOR FORTE/ SE AQUELE ANO O GRÊMIO DE MARINGÁ É CAMPEÃO PARANAENSE/ NÓS DISPUTÁVAMOS A SÉRIE B DO BRASILEIRO/ AQUELE TIME IA DAR CONTINUIDADE E O INTERIOR IA ACOMPANHAR O CRESCIMENTO DE MARINGÁ//

**[OFF 39]** O EX-JOGADOR ALMEIDA/ CONTA AINDA UM FATO CURIOSO/ QUE ACONTECEU DURANTE O ANO DE 1977/ QUANDO ELE AINDA ATUAVA PELO MATSUBARA//

**SONORA 31** - QUANDO/ POR EXEMPLO/ EM 77 EU JOGAVA PELO MATSUBARA/ E COMO O GRÊMIO ERA DO INTERIOR/ O NOSSO VICE PRESIDENTE/ DIRETOR E TREINADOR/ BOLÃO/ ELE PEDIA PRA QUE A GENTE TORCESSE PELO GRÊMIO MARINGÁ EM 1977// MAS A HISTÓRIA DO GRÊMIO ERA MUITO RICA/ PORQUE EU ACOMPANHAVA SEMPRE NO FANTÁSTICO QUE O GRÊMIO TINHA UMA GRANDE EQUIPE//

**[OFF 40]:** DEPOIS DE SER ELIMINADO DO ESTADUAL/ O GRÊMIO FEZ BOA CAMPANHA NO NACIONAL/ E CHEGOU À SEGUNDA FASE// PORÉM PELO SALDO DE GOLS/ A EQUIPE FOI ELIMINADA PELO OPERÁRIO DO MATO GROSSO//

AINDA EM 1989/ SURGIA EM MARINGÁ/ OUTRA EQUIPE DE FUTEBOL/ O MARINGÁ ATLÉTICO CLUBE// CONHECIDO COMO MAC/ O TIME TINHA EM SEU UNIFORME/ AS CORES DA BANDEIRA DE MARINGÁ/ AMARELO/ VERMELHO E BRANCO//

NO MESMO ANO/ O TIME FOI CAMPEÃO DA 2ª DIVISÃO E GARANTIU A 2ª VAGA DO FUTEBOL MARINGAENSE NA ELITE ESTADUAL//

#### **VINHETA DE PASSAGEM**

**[OFF 41]** E A DÉCADA DE 1990 FOI DIFERENTE PARA A CIDADE DE MARINGÁ, PELA PRIMEIRA VEZ NA HISTÓRIA/ A CIDADE TINHA DUAS EQUIPES PROFISSIONAIS NA PRIMEIRA DIVISÃO ESTADUAL// GRÊMIO MARINGÁ E MARINGÁ ATLÉTICO CLUBE//

O PRIMEIRO JOGO ENTRE AS DUAS EQUIPES MARINGAENSES NA 1ª DIVISÃO ESTADUAL TEVE VITÓRIA DO GRÊMIO POR 1X0. NO ANO SEGUINTE/ SEM PODER ARCAR COM SUAS RESPONSABILIDADES FINANCEIRAS/ O MARINGÁ ATLÉTICO CLUBE ABANDONOU O ESTADUAL DURANTE A DISPUTA// MAIS UM TIME PROFISSIONAL MARINGAENSE FECHAVA AS PORTAS DEVIDO AS DÍVIDAS//

---

EM 1993, O GRÊMIO CHEGOU A ÚLTIMA RODADA PRECISANDO  
GOLEAR O GOIOÊRE/ E CONSEGUIU// O PLACAR FOI 6X1 PARA  
A EQUIPE MARINGAENSE// COM O RESULTADO PERMANECEU NA  
1ª DIVISÃO ESTADUAL//

O ANO SEGUINTE/ FOI MARCADO PELO REBAIXAMENTO DA  
EQUIPE DO GRÊMIO/ QUE FICOU EM NONO LUGAR NA  
COMPETIÇÃO QUE CONTAVA COM APENAS 10 EQUIPES//

EM 1995, SURTIU O MARINGÁ FUTEBOL CLUBE// O TIME  
DISPUTOU A 3ª DIVISÃO // E COM BOAS VITÓRIAS CHEGOU À  
SEGUNDA DIVISÃO ESTADUAL//

NO ANO SEGUINTE/ DOIS TIMES MARINGAENSES NA MESMA  
DIVISÃO, DESSA VEZ NA 2ª// MARINGÁ FUTEBOL CLUBE E O  
GRÊMIO FORAM BEM E TERMINARAM EM 1º E 2º LUGAR//  
AINDA EM 1996, O GRÊMIO QUE HAVIA SIDO FUNDADO EM  
1974 ENCERROU SUAS ATIVIDADES DEVIDO À DIFICULDADES  
FINANCEIRAS//

MAS O MARINGÁ FUTEBOL CLUBE FEZ BOA CAMPANHA E  
CONSEGUIU LEVAR O NOME DE MARINGÁ DE VOLTA À PRIMEIRA  
DIVISÃO ESTADUAL// NESTE ANO ESTREOU PELO GRÊMIO  
MARINGÁ O EX-MEIO CAMPISTA/ NEDSON/ QUE ALÉM DO  
GRÊMIO TAMBÉM JOGOU PELO MARINGÁ FUTEBOL CLUBE//

---

**SONORA 32** - COMO PASSAGEM DE GESTÃO DA PRÓPRIA EQUIPE DA ÉPOCA O PESSOAL DEIXOU MUITO A DESEJAR COM A GENTE/ MAS A GENTE JOGAVA MAIS POR GOSTAR DA CIDADE/ POR SER DA CIDADE E POR NA ÉPOCA/ POR TER/ POR QUERER UM LUGAR NO SOL//

**[TRECHO DO HINO DO CLUBE]**

**[OFF 42]** EM 1997/ O MARINGÁ FUTEBOL CLUBE FOI MAL E SÓ GARANTIU A VAGA NA 1ª DIVISÃO NA ÚLTIMA RODADA/ DEPOIS DE UM EMPATE POR 0X0 COM O TOLEDO// AINDA SOBRE ESSA CAMPANHA/ O EX-JOGADOR NEDSON SE RECORDA DE UM JOGO QUE FICOU MARCADO PARA ELE//

**SONORA 33** - É DE UM CLÁSSICO QUE TEVE AQUI/ MARINGÁ/ O CLÁSSICO DO CAFÉ/ AS DUAS EQUIPES SEMPRE TIVERAM DIFICULDADES/ MAS TODA VEZ QUE SE ENCONTRAVAM ERA UMA RIXA MUITO GRANDE/ EU VINHA DE UM CAMPEONATO MEIO/ SABE/ NÃO MUITO CONSISTENTE E A IMPRENSA PEGAVA MUITO NO MEU PÉ/ E NUM JOGO CONTRA O LONDRINA/ EM ALVORADA DO SUL/ ESSE CLÁSSICO EU NÃO ME ESQUEÇO/ NÓS GANHAMOS DE 1 A 0 O CLÁSSICO QUE NA ÉPOCA O LONDRINA FEZ UM BAITA DE UM TIME PRÁ/ NA VERDADE NÃO CAIR PRA SEGUNDA

DIVISÃO/ EU LEMBRO QUE MAURÍCIO DO BOTAFOGO/ ALGUNS JOGADORES DA ÉPOCA DO CORINTHIANS/ AGORA NÃO VOU RECORDAR NOMES E NÓS GANHAMOS DE 1 A 0//

**[OFF 43]** O EX-MEIO-CAMPISTA NEDSON LEMBRA COMO ERA O APOIO DA TORCIDA/ JÁ QUE O TIME NÃO TINHA AS MESMAS CORES QUE O GRÊMIO E TINHA UM PRESIDENTE QUE NÃO CONSEGUIA AGRADAR A CIDADE//

**SONORA 34:** A GENTE TINHA UMA DIFICULDADE GRANDE/ PORQUE NOSSO PRESIDENTE/ NA ÉPOCA/ O NILTON SERVO/ ELE NÃO ERA MUITO BEM VISTO PELA IMPRENSA E NO CASO PELA TORCIDA// AÍ A COBRANÇA ERA MUITO GRANDE/ DEVIDO O GRÊMIO DE MARINGÁ TER SIDO TRICAMPEÃO PARANAENSE/ ENTÃO A COBRANÇA ERA GRANDE// PORÉM ERA DIFÍCIL/ A TORCIDA COMEÇAVA ATÉ A PRESTIGIAR/ MAS COM O TEMPO/ VINDO E VENDENDO QUE A EQUIPE NÃO TINHA RESULTADO ELA PARAVA DE PRESTIGIAR/ E NA VERDADE ELES VINHA MAIS PARA FALAR MAL DO PRESIDENTE DO QUE PRA DAR FORÇA PRÁ GENTE// MAS A GENTE SABIA QUE NO FUNDO/ NO FUNDO/ ELES GOSTAVAM DA EQUIPE//

**[OFF 44]** EM 1998/ O TIME DO MARINGÁ FUTEBOL CLUBE FOI MAL E PERDEU TODOS OS JOGOS DA SEGUNDA FASE DO

ESTADUAL/ E CAIU PARA A 2ª DIVISÃO// SURTIU EM MARINGÁ NO MESMO ANO/ UM NOVO GRÊMIO/ CHAMADO GRÊMIO MARINGÁ/ DEVIDO A PROBLEMAS COM OS OUTROS NOMES QUE JÁ HAVIAM SIDO DADOS AOS ANTIGOS GRÊMIOS QUE FIZERAM PARTE DA HISTÓRIA DO FUTEBOL LOCAL// NA DISPUTA DA COPA PARANÁ/ O TIME FICOU COM O VICE-CAMPEONATO DEPOIS DE PERDER OS DOIS JOGOS DA FINAL PARA O ATLÉTICO PARANAENSE//

NO ANO SEGUINTE/ O GRÊMIO FOI MAL NA DISPUTA DA 2ª DIVISÃO ESTADUAL E NÃO CONSEGUIU NENHUMA VITÓRIA// NO MESMO ANO PELA COPA PARANÁ/ O GRÊMIO CONSEGUIU O TÍTULO DEPOIS DE UMA VITÓRIA DE 2X1 SOBRE O LONDRINA NO ESTÁDIO WILLIE DAVIS// EM 2001/ O TIME COMEÇOU A SEGUNDA DIVISÃO BUSCANDO VOLTAR PARA A DIVISÃO DE ELITE ESTADUAL/ E NA FINAL VENCEU A PORTUGUESA DE LONDRINA NOS DOIS JOGOS/ PELOS PLACARES DE 2X0 E 2X1// CONQUISTANDO ASSIM/ DE FORMA INVICTA/ O TÍTULO DA SEGUNDA DIVISÃO ESTADUAL//

NO ANO SEGUINTE /2002/ O TIME FOI VICE-CAMPEÃO ESTADUAL// QUANDO O IRATI FICOU COM O TÍTULO// AINDA

EM 2002/ O EMPRESÁRIO MEXICANO/ AURÉLIO ALMEIDA/  
COMPROU O GRÊMIO MARINGÁ//

EM 2003 JÁ SOB O COMANDO DE AURÉLIO ALMEIDA/ O GRÊMIO  
FEZ UMA BOA PRIMEIRA FASE APESAR DO GRANDE N° DE  
EMPATES// NA 2ª FASE FOI ELIMINADO DEPOIS DE PERDER  
POR 1X0 PARA O PARANAVAÍ//

NO FIM DE 2004/ COM O REBAIXAMENTO/ O GRÊMIO PEDIU O  
AFASTAMENTO JUNTO A FEDERAÇÃO// NESTE MESMO ANO O  
ÁGUIA/ QUE ERA DA CIDADE VIZINHA/ MANDAGUARI/ MUDOU  
SUA SEDE PARA MARINGÁ/ MAS NÃO FEZ UMA BOA 2ª  
DIVISÃO/ E TAMBÉM PEDIU O AFASTAMENTO JUNTO A  
FEDERAÇÃO//

O ANO DE 2005 FOI MARCADO PELA FUNDAÇÃO E PELA  
PARTICIPAÇÃO DO GALO MARINGÁ NA 2ª DIVISÃO ESTADUAL//  
EM SEU PRIMEIRO ANO/ O TIME CONSEGUIU O TÍTULO DA  
SEGUNDA DIVISÃO E O ACESSO PARA A DIVISÃO DE ELITE DO  
FUTEBOL ESTADUAL//

NO FINAL DE 2006/ O GALO MARINGÁ SE FUNDIU COM A ADAP  
DE CAMPO MOURÃO/ SURGINDO ASSIM O ADAP/GALO MARINGÁ//

**[HINO DO GALO MARINGÁ]**

---

**VHT DE SAÍDA DE BLOCO****VHT DE ENTRADA DE BLOCO**

**[OFF 45]** AINDA EM 2006/ SURTIU EM MARINGÁ/ O MARINGÁ ESPORTES IGUATEMI/ TIME QUE ERA DA CIDADE DE PITANGA/ MAS QUE MUDOU SUA SEDE PARA A CIDADE CANÇÃO// COMO EXPLICA O PRESIDENTE DO CLUBE/ ALDI CESAR MERTZ/

**SONORA 35:** O MARINGÁ ESPORTE IGUATEMI É UM CLUBE BASTANTE JOVEM/ ESTAMOS EM ATIVIDADE HÁ TRÊS ANOS/ NESSES TRÊS ANOS NÓS JOGAMOS TRÊS CAMPEONATOS DA FEDERAÇÃO PARANAENSE DA SEGUNDA DIVISÃO/ A DIVISÃO DE ACESSO E DISPUTAMOS TAMBÉM TRÊS COMPETIÇÕES NAS CATEGORIAS JUNIORES E NESSE ÚLTIMO ANO NÓS ACABAMOS CAINDO PARA A TERCEIRA DIVISÃO//

**[OFF 46]** O TIME DISPUTOU A SEGUNDA DIVISÃO ESTADUAL/ E NÃO CONSEGUIU NENHUMA VITÓRIA COMO PROFISSIONAL/ MAS ISSO NÃO PREOCUPA O PRESIDENTE DO CLUBE//

**SONORA 36:** NA VERDADE NOS NUNCA TIVEMOS A RESPONSABILIDADE E O COMPROMISSO DE RESGATAR A HEGEMONIA E A PUJANÇA DO FUTEBOL PROFISSIONAL DE MARINGÁ/ NÓS SABEMOS QUE MARINGÁ É PRINCIPALMENTE O

TORCEDOR MARINGAENSE É SAUDOSISTA/ PORQUE NA DÉCADA DE 60 NÓS TIVEMOS UM GRÊMIO MUITO PODEROSO/ QUE ASSOMBROU O BRASIL TODO/ GANHANDO CAMPEONATOS E FAZENDO A GRANDE ALEGRIA DO TORCEDOR DE MARINGÁ E DE TODA A REGIÃO//

**[OFF 47]** EM 2007/ A FUSÃO ENTRE ADAP E GALO MARINGÁ DEU RESULTADOS POSITIVOS/ O TIME TERMINOU EM 1º LUGAR NA CLASSIFICAÇÃO GERAL/ PORÉM NA 2ª FASE/ O TIME FOI MAL E NÃO SE CLASSIFICOU PARA AS SEMIFINAIS//

NO ANO SEGUINTE/ A HISTÓRIA SE REPETIU/ UMA BOA PRIMEIRA FASE/ E UMA MÁ 2ª FASE DEIXOU O TIME DE FORA DA RETA FINAL// NO COMEÇO DE 2009/ O ADAP/GALO DECIDIU ABANDONAR AS ATIVIDADES PROFISSIONAIS E NÃO DISPUTOU O ESTADUAL// NO MESMO ANO/ O MARINGÁ IGUATEMI FOI REBAIXADO PARA A 3ª DIVISÃO ESTADUAL/ DEPOIS DE NÃO VENCER NENHUMA PARTIDA NA COMPETIÇÃO//

PARA 2010 EXISTE A POSSIBILIDADE DE TER 3 CLUBES PROFISSIONAIS NA CIDADE// ALÉM DO MARINGÁ IGUATEMI/ O ENGENHEIRO BELTRÃO ESTÁ MUDANDO SUA SEDE PARA MARINGÁ/ E O GRÊMIO MARINGÁ DO EMPRESÁRIO AURÉLIO ALMEIDA TAMBÉM PODE RETOMAR SUAS ATIVIDADES//

---

DOS TRÊS CLUBES APENAS O ENGENHEIRO BELTRÃO QUE ESTÁ TROCANDO DE NOME PARA MARINGÁ CIDADE CANÇÃO FUTEBOL CLUBE ESTARÁ NA 1ª DIVISÃO/ OS OUTROS DOIS DISPUTARÃO A 3ª DIVISÃO ESTADUAL//

SEGUNDO O PRESIDENTE DO MARINGÁ IGUATEMI/ ALDI CESAR MERTZ/ DOS TRÊS CLUBES QUE MARINGÁ TERÁ NO PRÓXIMO ANO/ O MARINGÁ IGUATEMI SERÁ O QUE MENOS TERÁ COMPROMISSO COM O PASSADO LOCAL//

**SONORA 37:** AGORA O TORCEDOR/ NÓS SABEMOS/ ELE É EXIGENTE// MARINGÁ PELAS GLÓRIAS/ PELA TRADIÇÃO/ PELO SAUDOSISMO/ ELE QUER TIME FORTE/ ENTÃO EU ACHO QUE TANTO O GRÊMIO DE MARINGÁ QUANTO O ENGENHEIRO BELTRÃO VINDA PRA CÁ TEM UMA RESPONSABILIDADE MAIOR QUE O MARINGÁ ESPORTE IGUATEMI/ MAS NÓS SONHAMOS TAMBÉM TER UM TIME COMPETITIVO/ MAS ISSO NA MEDIDA QUE NÓS CONSEGUIRMOS AGLUTINAR EMPRESÁRIOS QUE POSSAM AJUDAR FINANCEIRAMENTE/ PARA TERMOS UM TIME DE QUALIDADE//

**[OFF 49]** COM A CHEGADA A MARINGÁ/ O ANTIGO ENGENHEIRO BELTRAO JÁ FAZ PLANOS PARA 2010/ COMO EXPLICA O PRESIDENTE DA EQUIPE LUIS HEITOR LINHARES//

---

**SONORA 38:** OLHA/ 2010 É DE MONTAR UMA EQUIPE FORTE/ O PROJETO DA EQUIPE SERIA ALCANÇAR O NÍVEL DE CLASSIFICAÇÃO DA SÉRIE D/ ESSE É MEU OBJETIVO MAIOR/ PELA QUESTÃO DE CALENDÁRIO/ ISSO É MUITO IMPORTANTE PRO CALENDÁRIO NOSSO/ NOS TEMOS ESSA OPÇÃO ATÉ PORQUE NÃO HOVE COPA PARANÁ ESSE ANO/ ENTÃO A VAGA DA SÉRIE D/ QUE SERIA UMA SÓ NO CAMPEONATO/ ACUMULA COM A VAGA DA COPA PARANÁ/ ENTÃO FICAM DUAS VAGAS PARA O ESTADUAL//

**[OFF 50]** MESMO COM A CHEGADA/ O NOVO TIME MARINGAENSE AINDA BUSCA SUPORTE FINANCEIRO PARA SE MANTER EM BOM NÍVEL PARA A DISPUTA DA PRIMEIRA DIVISÃO ESTADUAL/ E TENTAR UMA VAGA NA SÉRIE D DO CAMPEONATO BRASILEIRO//

**SONORA 39:** AINDA HÁ UM POUCO DE INSTABILIDADE EM FUNÇÃO DE ESTAR EM TRÂNSITO/ ENTÃO ISSO AÍ CAUSA UM POUCO DE INSTABILIDADE/ MAS A GENTE TEM TIDO APOIO SIM/ NA QUESTÃO DA ALIMENTAÇÃO/ DE TRANSPORTE/ DE ALGUMAS OUTRAS COISAS/ MAS FALTA AINDA FECHAR/ AÍ/ DOIS PATROCINADORES PARA DAR UMA SUSTENTAÇÃO MAIOR/ VAMOS CONVERSAR COM O EMPRESARIADO/ O MOMENTO/ TAMBÉM/ DO PAÍS NÃO É DAQUELES MELHORES/ ENTÃO O

FUTEBOL DEVE SOFRER MUITO/ NÃO SÓ NÓS/ MAS TODA REGIÃO E ATÉ TODO O ESTADO/ AÍ// PORQUE REALMENTE ESTÁ MUITO MAGRO OS INVESTIMENTOS NO ESPORTE EM FUNÇÃO DISSO/ DESSA CRISE TODA QUE VEM AÍ//

**[OFF 51]** O FUTEBOL MARINGAENSE FOI ACOMPANHADO DE PERTO POR UM JORNALISTA LOCAL// CLAUDIO VIOLA TRABALHA COM O ESPORTE DESDE DE 1989//

**SONORA 40:** NA PRÁTICA MESMO FOI EM 1989/ EU SEMPRE ACOMPANHEI COMO TORCEDOR/ NÃO É/ OBSERVAVA/ IA A CAMPO DESDE CRIANÇA/ PORQUE SOU NATIVO// ENTÃO OS GRÊMIOS/ JÁ A PARTIR DE 68 SEMPRE ACOMPANHEI/ MAS TRABALHAR/ DE ME ENVOLVER MESMO COMO REPÓRTER ISSO ACONTECEU A PARTIR DE 1989/ COINCIDENTEMENTE/ QUANDO FUNDOU O MARINGÁ ATLÉTICO CLUBE/ O MAC/ QUE FOI AQUELE TIME QUE O ELNIO SILVEIRA POHLMANN FUNDOU PARA DISPUTAR A SEGUNDA DIVISÃO/ E A PRIMEIRA PARTIDA ATÉ QUE EU TRABALHEI FOI EXATAMENTE COMO ESSA/ FOI NO CAMPEONATO QUE O MAC SUBIU PARA A PRIMEIRA DIVISÃO/ 89/ CONTRA O LONDRINA/ ENTÃO ENVOLVIMENTO DIRETO É A PARTIR DE 1989/ QUE ACOMPANHAVA BEM DE PERTO MESMO/ DE ME ENVOLVER COM OS TIMES//

---

**[VHT DE PASSAGEM]**

**[OFF 52]** SEGUNDO VIOLA/ O MOMENTO MAIS MARCANTE DO FUTEBOL LOCAL FOI A CONQUISTA DO CAMPEONATO DE 1977// QUANDO O GRÊMIO CONQUISTOU O CAMPEONATO ESTADUAL NA FINAL EM CURITIBA CONTRA O CORITIBA//

**SONORA 41:** SEGURAMENTE FOI O ANO DE 1977/ ALIÁS A DÉCADA/ A SEGUNDA METADE DA DÉCADA DE 70/ QUE FOI A FUNDAÇÃO DO GRÊMIO DE ESPORTES MARINGÁ/ QUE FOI O RESSURGIMENTO DO GRÊMIO DE 74/ E ESSE TIME QUE FOI CAMPEÃO EM 77/ ENTÃO O ANO DE 77 FOI O MAIS MARCANTE/ FOI QUANDO VIERAM OS GRANDES JOGADORES PRÁ CÁ/ QUANDO A DIRETORIA TINHA CORAGEM DE FAZER INVESTIMENTO NA CONTRATAÇÃO DE GRANDES JOGADORES/ TIPO ITAMAR QUE ATÉ HOJE VIVE NA CIDADE/ DIDI/ NIVALDO/ FERREIRINHA/ FREITAS/ DEPOIS OUTROS JOGADORES COMO CAFURINGA/ JOÃO PAULO/ ENTÃO MUITOS GRANDES JOGADORES FORAM/ DEFENDERAM O FUTEBOL PROFISSIONAL DE MARINGÁ NESTA ÉPOCA DE 74 ATÉ 81/ FOI CAMPEÃO EM 77/ O GRÊMIO DE ESPORTES MARINGÁ/ DEPOIS DE 81/ FOI VICECAMPEÃO/ ESTAVA SEMPRE ALI/ DISPUTANDO/ É/ A CONDIÇÃO DE FICAR ENTRE OS QUATRO PRIMEIROS COLOCADOS//

---

**[OFF 53]** O JORNALISTA CLAUDIO VIOLA TAMBÉM FOI COMPOSITOR DE ALGUNS HINOS DOS CLUBES MARINGAENSES/ ENTRE ELAS: GRÊMIO MARINGÁ E MARINGÁ FUTEBOL CLUBE//

**SONORA 42:** ENTÃO/ FOI UMA COISA ASSIM/ O ANTÔNIO ROBERTO DE PAULA E EU COMEÇAMOS PELO MARINGÁ FUTEBOL CLUBE/ FOI O PRIMEIRO HINO QUE NÓS COMETEMOS/ POR ASSIM DIZER// ERA UM TIME TRICOLOR/ TAL/ E A GENTE ACHOU A IDÉIA INTERESSANTE/ MAS AÍ O TIME NÃO SOBREVIVEU/ TEVE AQUELAS DIFICULDADES TODAS E POR CONTA DE QUE NÓS TÍNHAMOS FEITO O HINO DO MARINGÁ FUTEBOL CLUBE/ QUANDO SE MONTOU O GRÊMIO NOVAMENTE/ ESSE NOVO GRÊMIO, O GRÊMIO PÓS-GRÊMIO DE ESPORTES MARINGÁ/ QUE O GRÊMIO DE ESPORTES MARINGÁ TEM O SEU HINO/ QUE É DE AUTORIA DE FRAMBEL CARVALHO/ O HINO QUE FOI COMPOSTO NA DÉCADA DE 70// É AQUELE "SALVE/ SALVE/ ALVINEGRO DO NORTE / A VOCÊ O NOSSO GRITO DE GOL"/ ESSE É O HINO CLÁSSICO DO GRÊMIO DE ESPORTES MARINGÁ/ DA AUTORIA DO TAMBÉM JORNALISTA FRAMBEL CARVALHO// NÓS FIZEMOS O HINO DESSE NOVO GRÊMIO/ QUE ACABOU SUCUMBINDO TAMBÉM E/ MAIS RECENTEMENTE/ DO GALO/ MAS PORQUE ISSO/ A GENTE FICOU CONCEITUADO COMO COMPOSITORES DE HINO/ MAS NÃO/ AS PESSOAS PROCURAM/

INCLUSIVE GENTE NOS PROCURARAM/ TINHAM VONTADE DE FAZER E FIZEMOS/ ASSIM COMO FOI RECENTEMENTE COM O DO GALO DE MARINGÁ/ MAS PRA NOSSO INFORTÚNIO NENHUM DOS TIMES QUE NÓS FIZEMOS O HINO CONSEGUIU SOBREVIVER/ A NÃO SER QUE O GRÊMIO/ ESSE QUE ESTÁ SENDO RESGATADO/ CONSIGA RESSURGIR/ MAS O ANTÔNIO ROBERTO DE PAULA E EU NÃO TIVEMOS MUITA SORTE COM NOSSOS HINOS OU OS TIMES QUE MERECEMOS NOSSOS HINOS NÃO TIVERAM MUITA SORTE E ACABARAM DESAPARECENDO//

**[OFF 54]** CLAUDIO VIOLA COMENTOU SOBRE A POSSIBILIDADE DE MARINGÁ TER 3 EQUIPES PROFISSIONAIS ATIVAS DISPUTANDO O CAMPEONATO ESTADUAL/ MUDANDO O CENÁRIO DE 2009/ QUE TEVE APENAS/ O MARINGÁ IGUATEMI//

**SONORA 43:** EU ACHO QUE É COMPLICADO/ AGORA DO JEITO QUE ESTÁ VOCÊ TEM QUE ESPERAR PRA VER/ NÃO É/ AS PROPOSTAS/ ESTÁ ACOMPANHANDO ESSA TRANSFERÊNCIA DO ENGENHEIRO BELTRÃO/ ME PARECE A COISA MAIS PALPÁVEL/ PORQUE O ENGENHEIRO BELTRÃO JÁ ESTÁ NA PRIMEIRA DIVISÃO E SE FIZER ESSA TRANSFERÊNCIA JÁ ESTÁ TRANSFERINDO UMA ESTRUTURA/ QUE JÁ ESTÁ MONTADA/ QUE JÁ EXISTE/ PALPÁVEL/ SE BEM QUE EU ACHE ATÉ QUE A

TORCIDA VAI TER DIFICULDADE PRA ASSIMILAR ESSA IDÉIA/  
MAS ASSIMILA/ ISSO É UMA QUESTÃO DE TEMPO/ PODE  
PASSAR UM ANO/ DOIS E DEPENDE/ É CLARO/ DOS  
RESULTADOS// ENTÃO/ É IMPORTANTE A ESTRUTURA JÁ  
EXISTE/ EU ACHO QUE É A COISA MAIS VIÁVEL// NO CASO  
DO GRÊMIO É TUDO MUITO/ MUITO/ DUVIDOSO/ MUITO/ UMA  
NÉVOA/ A GENTE NÃO SABE EXATAMENTE/ QUER DIZER/ A  
DIRETORIA ANUNCIA QUE VAI ESTABELEECER O TIME/ MAS NÃO  
TEM UMA REPÚBLICA/ NÃO TEM CAMPO PRA TREINAR/ NÃO TEM  
UMA CONVERSA PARA UTILIZAÇÃO DO CAMPO/ NÃO TEM NADA  
DE CONCRETO/ E TEM ESSA POSSIBILIDADE DO MARINGÁ  
ESPORTE IGUATEMI/ MAS A GENTE VÊ TAMBÉM QUE É UM TIME  
QUE/ NA VERDADE/ TÁ PREOCUPADO EM FORMAR AÍ SEUS  
JOGADORES/ NÃO TEM RESPONSABILIDADE NENHUMA// EU/  
PORTANTO/ DESSAS TRÊS PROPOSTAS QUE ESTÃO AÍ/ A QUE  
ME PARECE MAIS CONCRETA É A DO ENGENHEIRO BELTRÃO/  
NÃO QUE EU ESTEJA APOSTANDO NELA/ MAS EU ACHO QUE É A  
MAIS PALPÁVEL/ NÃO É/ A QUE VOCÊ SENTE/ QUE VOCÊ VÊ/  
PORQUE HÁ ALGUMA COISA DE CONCRETO/ AGORA OS OUTROS  
SÃO SÓ PROJETOS//

**SOBE SOM**

---

**[OFF 55]** COMO OUVIMOS/ APESAR DA FALTA DE UMA EQUIPE NA CIDADE QUE RELEMBRE OS FEITOS REALIZADOS NO ESTADO E NO PAÍS/ A ESPERANÇA DE TER UMA EQUIPE QUE FAÇA ESSE PASSADO RETORNAR SEMPRE EXISTE NO IMAGINÁRIO DO MARINGAENSE// É INEGAVEL QUE O PASSADO EM PRETO E BRANCO DAS EQUIPES MARINGAENSES DE FUTEBOL ESTEJA PRESENTE NA HISTÓRIA DE MARINGÁ//

ESTE DOCUMENTÁRIO É UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DO ALUNO JOSÉ CLAUDIO ORTIZ JUNIOR/ SOB A ORIENTAÇÃO DA PROF. ESPECIALISTA CIBELE ABDO RODELA E DA PROF DOUTORA ANA PAULA MACHADO// COM TRABALHOS TECNICOS DE RAFAEL SAMPAIO//

**VHT DE ENCERRAMENTO**

---

## **5 PROJETO EDITORIAL**

### **5.1 ASPECTOS EDITORIAIS**

#### **5.1.1 Nome do produto e justificativa**

O nome do produto é: “O passado em preto e branco” foi escolhido, pois ao mesmo tempo dá uma idéia de passado, com fotos em preto e branco e também relembra as cores dos times mais tradicionais de Maringá, que em sua maioria tinha o uniforme preto e branco.

#### **5.1.2 Sistema de transmissão**

O produto fica disponível na biblioteca da instituição para ser consultado quando necessário, e ficará disponível também nos arquivos sonoros da RUC FM. Além desses locais, o material teórico fica no Portal da Comunicação, no site do Cesumar. Cópias serão enviadas para a Secretaria de Esportes, pois é um registro da história do esporte na cidade.

#### **5.1.3 Público**

O público alvo do radiodocumentário será primeiro os ouvintes da RUC FM, depois serão as pessoas que gostam de futebol e viveram na época ou ainda pessoas que não viveram a época e queiram saber um pouco mais da história do futebol local.

#### **5.1.4 Duração**

O radiodocumentário terá a duração de 52 minutos, já que um radiodocumentário não pode ter menos de 30 minutos e um tempo menor que esse não conseguiria abordar o tema com a profundidade esperada.

#### **5.1.5 Linguagem**

A linguagem utilizada no produto será uma linguagem coloquial, já que o público alvo é mais amplo e não foi definida uma classe social ou etária. A linguagem será clara e simples, mas sem utilizar gírias para não dar uma perca de qualidade ao produto. Além da linguagem existem ainda outros elementos que fazem parte do documentário como, por exemplo, a trilha sonora, o ruído, a entonação e até o silêncio.

### **5.2 ESTRUTURA**

#### **5.2.1 Blocagem**

O programa terá 3 blocos, o 1º de 19 minutos, o 2º de 22 minutos e o 3º de 11 minutos, totalizando 52 minutos de programa. O documentário está em ordem cronológica, então o documentário começa com o surgimento do futebol profissional de Maringá em 1961 e termina com o ano de 2009 e os planos das equipes para 2010.

#### **5.2.2 Apresentação**

A locução do produto será feita apenas com um locutor para que o documentário fique menos cansativo, pois terá a também a utilização de sonoras das fontes, deixando o documentário mais dinâmico.

### 5.3 ETAPAS DE PRODUÇÃO

A primeira etapa a ser definida foi o tema, já que o esporte maringaense possui algumas histórias bacanas que poderiam render um documentário. Depois que o futebol foi escolhido, devido ao seu apelo junto a população e por ser um tema que poderia ser estudado com mais profundidade. Com a definição do futebol foi passada a melhor forma de pesquisar isso com uma linha teórica, que foi a escolha do jornalismo como construtor de história além da pesquisa sobre o meio escolhido para se fazer o produto, que foi o rádio. Depois disso foram colhidas as entrevistas e transcrito o texto que daria origem ao produto. Por último foram editados os textos gravados e as sonoras, para que fosse montado juntamente com a trilha sonora, o produto final que foi o radiodocumentário.

### 5.4 PROJETO ACÚSTICO

#### 5.4.1 Vinhetas

O projeto acústico conta com 3 vinhetas, uma de abertura, uma de saída de bloco e outra de entrada de bloco.

Vinheta de abertura:

- O passado em preto e branco: a história do futebol profissional de Maringá.

Para compor está vinheta foram utilizadas vozes que simulavam jogadores e treinadores, uma trilha mais rápida, ditando o ritmo do documentário.

Vinheta de fechamento de bloco:

- Recebeu Nivaldo, passou para Didi, tocou para Itamar, bateu pra fora. Estamos apresentando: O passado em preto e branco, a história do futebol profissional de Maringá.

Foi utilizada uma trilha relacionada com o futebol e alguns efeitos dando a impressão de uma tentativa de gol.

Vinheta de abertura de bloco:

- Tiro de meta, vai repor a bola o goleiro adversário. Bola em jogo. Voltamos a apresentar: O passado em preto e branco: a história do futebol profissional de Maringá.

Foi utilizada música rápida para mostrar o dinamismo do programa e simular uma narração esportiva.

#### **5.4.2 Trilhas**

As trilhas foram utilizadas em todos os momentos em que o narrador apresenta informações e dados. Além disso, durante o documentário foram inseridos hinos dos clubes de futebol local.

As trilhas foram produzidas pelo técnico de rádio, Rafael Sampaio, portanto não possuem um título. As narrações dos gols que também estão presentes no documentário são de Antônio Paulo Pucca.

### **5.5 RECURSOS HUMANOS**

Durante a produção, o trabalho ficou por conta do único elemento do grupo que fez tanto a parte de coleta de dados como a parte técnica, além disso, na edição/gravação foi necessária a ajuda de um técnico de rádio.

### **5.6 RECURSOS TÉCNICOS**

1 Microfone para a gravação da locução do produto

## 1 Gravador digital

Software: Sony Forge 8.0 e Sony Vegas 6.0

### 5.7 LINHA EDITORIAL

Como o produto é um documentário, o tema é mais aprofundado, e para isso é necessária a presença de várias fontes que possam trazer a realidade e o passado do futebol sob óticas diferentes e em épocas diferentes também.

No veículo rádio é possível se mesclar o tempo diferenciado e o tempo real, com isso o documentário deixa de ser apenas uma constatação dos fatos para se tornar um registro histórico do futebol de Maringá.

O documentário tem suas particularidades em relação aos outros formatos, a apuração e a composição do documentário são totalmente diferentes de uma matéria, por exemplo. Como o documentário é o resgate histórico é bom que se tenha pelo menos uma fonte de cada época para conseguir elucidar o que estava querendo transmitir ao ouvinte.

Atualmente o rádio, com a era da informação está atingindo diversas áreas através do podcast, por exemplo, mas isso apenas potencializa a característica principal que é levar informação ao maior número de pessoas possíveis em ambientes diversos.

### 5.8 ROTEIRO

Conferir no capítulo 4. O roteiro foi colocado como parte do trabalho escrito já que o produto é o resultado da pesquisa, e caso fosse feito um capítulo escrito diferente, o autor estaria com dois trabalhos, um livro-reportagem e outro produto que seria o radiodocumentário. Portanto, para não haver repetição do roteiro, foi decidido colocá-lo apenas no corpo do trabalho.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A produção de um trabalho de conclusão de curso começa na busca por um tema interessante e de minha identificação com o tema proposto. No caso de cursos como jornalismo, o trabalho de conclusão de curso pode gerar um produto, neste caso um radiodocumentário.

Neste trabalho, o processo de elaboração ocorreu de forma a colocar em destaque a preocupação com o futebol profissional de Maringá e os efeitos do espaço vazio deixado pela ausência de uma equipe forte e condizente com o desenvolvimento da cidade. O meio escolhido para divulgar o que foi encontrado recaiu sobre o rádio pela sua ligação direta com o futebol, devido aos meus interesses de pesquisador e pela forma como as informações encontradas podem ser repassadas para a população de maneira rápida e bastante acessível a qualquer segmento da população.

No aprofundamento do tema proposto foi possível ver como o futebol faz parte do cotidiano de Maringá, pois mesmo sem uma equipe na primeira divisão estadual, sempre existem notícias e especulações sobre novos times, times antigos que estariam regressando às atividades, mostrando a carência e a nostalgia que o torcedor maringaense tem pelo esporte, em especial, o futebol.

A análise da pesquisa e das entrevistas me revelou muito além do que se imaginava encontrar quando no início deste trabalho e, também, muito mais do que o eu esperava descobrir sobre o passado do esporte maringaense. Aquilo que se poderia, imagetivamente, chamar de porões do esporte revelou um conjunto de circunstâncias de caráter econômico e gerencial, extremamente agravantes e opositoras ao desenvolvimento do futebol profissional em Maringá.

Segundo depoimentos dos atletas ouvidos para a preparação deste trabalho e de jornalista ligados ao esporte, a visão empresarial de que se revestiu o futebol nas últimas décadas, associada a um ambiente de descaso das entidades representativas da área esportiva, especificamente do futebol profissional do interior, levaram as sucessivas associações esportivas de Maringá à bancarrota, decorrente do desaparecimento do incentivo econômico e social do poder público e das entidades empresariais da região.

Para isso também contribuiu o comportamento aventureiro de alguns dirigentes que, ainda segundo os depoimentos de personalidades ligadas à área, viram o futebol apenas como uma fonte de renda particular e geradora de dividendos políticos, sem qualquer outra valorização no plano esportivo e de lazer coletivo.

No trabalho de realização das pesquisas, pude descobrir mais sobre a história do futebol local. No caso deste trabalho, a pesquisa restringiu-se apenas à cidade de Maringá e à sociedade adepta do esporte, revelando como as conquistas que fizeram da cidade um nome respeitável nesta área e sempre presente nos principais campeonatos nas décadas de 1960, 1970 até a década de 1980 interagiram com uma população saudosista das conquistas do Grêmio de Esportes de Maringá e do Grêmio Esportivo Maringá.

A linha utilizada na pesquisa foi o jornalismo como fator de resgate histórico, já que foi feito um resgate das glórias e também das fases ruins que os times maringaenses enfrentaram, muitos inclusive encerrando suas atividades.

Ao ver como o jornalismo é uma forma de se resgatar a história através de entrevistas, o trabalho seguiu recolhendo depoimentos com pessoas ligadas ao futebol local.

Cheguei à conclusão de que o passado do futebol local acaba por interferir de maneira nem sempre positiva, já que os novos clubes surgidos na cidade sempre carregam a responsabilidade de ter que substituir uma equipe que foi vencedora em sua época. Essas equipes campeãs estão sempre na memória dos torcedores e das

peças que acompanham o futebol local, portanto o documentário é uma forma de disseminar isso entre os jovens que não puderam acompanhar essas campanhas que deixaram a cidade marcada no imaginário de muitas pessoas que conviviam com o futebol na época, e que de maneira direta ou indireta estavam interessados nas conquistas que Maringá obteve enquanto cidade do interior, que despontou de maneira surpreendente primeiro no cenário estadual e depois no cenário nacional.

## REFERÊNCIAS:

ALTOÉ, Geraldo. **O rádio em Maringá: pioneirismo, o alcance e a bela trajetória do mais ágil meio de comunicação social.** Maringá: Clichetec, 2007.

BARBEIRO, Herótodo; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo.** São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA FILHO, André. . **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas de áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.

CESAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção.** São Paulo: Summus, 2005.

CHANTLER, Paul; HARRIS, Sim. **Radiojornalismo.** São Paulo: Summus, 1998.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo.** São Paulo: Contexto, 2008.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro, Ed Jorge Zahar, 2005.

FRANCO, Hilário Jr. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

LIMA, Reginaldo Ferreira de; VIEIRA, Ortílio C.. **A história do futebol profissional de Maringá**. Maringá: Sthampa, 2005.

MCLEISH, Robert; SILVA, Mauro. . **Produção de rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. 2.ed. São Paulo: Summus, 1999.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo. Terceiro Nome. 2007.

VELHO, Ana Paula Machado. **A história do rádio em Maringá**. Disponível em: [http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd4/sonora/a\\_velho.doc](http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd4/sonora/a_velho.doc) - **ACESSO EM?**

**A história de Maringá**. Disponível em <http://www.malhanga.com/maringa/conteudo/historia.html> - **ACESSO EM?**

## **APÊNDICES**

**Apêndice 01****Entrevista: Aldi César Mertz,****Duração: 16:06****Data da entrevista: 04/09/2009**

**O senhor, que é presidente do Maringá-Iguatemi, queria que o senhor falasse um pouquinho da história desse clube, que é um clube novo, aqui em Maringá, foi fundado em 2006, queria que o senhor falasse sobre o Maringá-Iguatemi.**

Aldi – O Maringá Esporte Iguatemi é um clube bastante jovem, estamos em atividade há três anos, nesses três anos nós jogamos três campeonatos da Federação Paranaense da Segunda Divisão, a divisão de acesso e disputamos também três competições nas categorias juniores e nesse último ano nós acabamos caindo para a Terceira Divisão. De qualquer forma é um trabalho que vem sendo feito com a perspectiva, assim, de médio a longo prazo, e acreditamos que nesses três anos nos tivemos a condição de aprender bastante, buscando bastante experiência, e que no decorrer do próximo ano, 2010, nós poderemos ter assim, uma estrutura mais tranqüila, melhor e mais forte para participar das competições oficiais.

**Sr. Aldi, como o senhor vê a participação ou apoio da cidade em relação ao Maringá Iguatemi?**

Aldi – Bem, nós temos que ressaltar que a estrutura administrativa do futebol, hoje, ela é diferente daquilo que era no passado. Antigamente as pessoas da cidade, empresários e muitas vezes influenciados e tendo à frente o Prefeito Municipal constituíam uma diretoria de pessoas que poderiam contribuir mensalmente para se formar o clube de futebol e naturalmente também o prefeito ajudando dentro desse projeto. Hoje a estrutura administrativa mudou, hoje o futebol é denominado futebol-empresa, então todos os clubes que se constitui hoje é dentro desse formato administrativo. Então são empresas e o Maringá Esporte Iguatemi também não foge à regra, é uma pequena empresa de futebol, aonde nós constituímos nossa diretoria, que são os sócios dessa empresa e pagamos os custos e ficamos também com o lucro, se isso ocorrer e não é diferente com os grandes clubes, a nível nacional e internacional. O próprio Corinthians, o São Paulo, têm que comparar jogadores e vender jogadores com o objetivo do lucro. O próprio Milan, quando compra o Kaká, por exemplo, não compra como coisa final, eles paga 100.000.000,00 no Kaká, mas já está pensando: ele joga três anos aqui, depois vou vender por 200.000.000,00. Então o futebol hoje, ele é empresa, ele visa lucros, e diante disso a Prefeitura Municipal, o poder público não pode fazer muita coisa, ele não pode tirar dinheiro público para investir na iniciativa privada. O que a Prefeitura pode fazer, sim, é ter as praças esportivas, ter a estrutura de esportes em condições para ser usada por esses clubes profissionais.

**Sr. Aldi, três anos ai, queria que o senhor fizesse um balanço dessa participação do Maringá Iguatemi na segunda divisão do Paranaense.**

Aldi – Bem, na verdade nos nunca tivemos a responsabilidade e o compromisso de resgatar a hegemonia e a pujança do futebol profissional de Maringá, nós sabemos que Maringá e principalmente o torcedor maringense é saudosista, porque na década de 60 nós tivemos um Grêmio muito poderoso, que assombrou o Brasil todo, ganhando campeonatos e fazendo a grande alegria do torcedor de Maringá e de toda a região. Mas esse Grêmio, também, fundado na década de 60, durou só três anos, depois, por dificuldades financeiras, dificuldades econômicas, fechou suas portas em 71, depois se sucederam vários Grêmios, cada um com CNPJ diferentes, e nem todos tiveram aquele mesmo sucesso. Do Grêmio original. Diante do momento que Maringá ficou sem futebol, eu acho que o Maringá Esporte Iguatemi foi um momento bem vindo à cidade, nós demos continuidade, mantendo elo menos a

chama acesa do futebol profissional. Com a saída do (Briga A?) nós ficamos praticamente sozinhos como único clube profissional de Maringá e nesses três anos nós não procuramos a prefeitura no sentido de nos ajudar financeiramente, nem de ir buscar patrocínios, porque nós temos essa visão administrativa de futebol empresa, mas a prefeitura nos ajudou sim, na medida do possível, colocou o estádio Willy Davis à disposição, infelizmente nesse último ano o estádio estava em reforma, nós tivemos que mandar os jogos em Paranavaí e disputamos esse ano, também, o campeonato juvenil, de forma que sempre enfrentamos nesses três anos muitas dificuldades, mas aprendemos bastante, e acreditamos que pra 2010 a gente possa ter um trabalho melhor para o futebol profissional. E num momento interessante, neste momento nós estamos acompanhando aí que o Engenheiro Beltrão deverá mandar jogos aqui em Maringá, está inclusive tentando mudar o nome de Engenheiro Beltrão para Maringá, um outro nome, mas terá que recolher uma taxa de 200.000,00 na Federação pra que concretize isso, então são já as dificuldades imediatas, se fala também na volta do Grêmio, aquele Grêmio do Aurélio Almeida, esse Grêmio foi vendido na época da administração do Prefeito José Cláudio. O Grêmio tinha subido para a Primeira Divisão, foi vendido para o Aurélio Almeida, ficou um tempo fora, inativo, e agora com essa vacância de time, está falando em voltar também para disputar a Terceira Divisão. Então no momento não tinha ninguém, de repente nós poderemos ter três clubes profissionais em Maringá. O Maringá Esporte Iguatemi, o Grêmio e o Engenheiro Beltrão, que possivelmente, se conseguir recolher a taxa, também muda o nome, para Maringá, e aí eles vão definir isso aí.

**Sr. Aldi, o que falta para o futebol de Maringá voltar a ser destaque no cenário estadual?**

Aldir – É exatamente isso que a gente tem que fazer as diferenças, quer dizer, e esperar que se mobilize grandes empresários da cidade e pessoas influentes da cidade para formar um time de futebol, isso faz parte do passado. Isso não vai acontecer mais, hoje no futebol investe só aqueles investidores que acreditam no futebol, investe no futebol, acreditam que vendendo jogadores vai ter lucro, aqueles empresários de outros ramos, de supermercados, panificadoras e tal, que não são investidores do futebol eles vão ficar fora, ficar à parte, o máximo que pode acontecer é patrocínio de mídia, isso aí si, onde uma empresa põe seu nome na

camisa, paga um valor por mês e tudo bem, ele paga e tem o retorno da mídia, isso aí ainda pode acontecer, agora, reunir a comunidade em torno de um projeto desses, eu não acredito nisso, nós vamos depender de empresários do futebol. Eu, por exemplo, sou um pequeno empresário do futebol, eu acredito que o futebol é rentável, tem que ter determinação, tem que fazer algum investimento, mas ele tem o retorno, então eu sou um investidor em futebol. Da mesma forma que nós percebemos aí no Grêmio, que está se formando também, está envolvido investidores no futebol, pelas notícias, inclusive, investidores a nível internacional. Então o que tem a ser feito, o Maringá Esporte Iguatemi no primeiro momento, diante das dificuldades financeiras, eu também, não sou uma pessoa de posses, sou um bancário, assalariado, não consegui aglutinar investidores de futebol por enquanto, mas estamos nessa expectativa. Então só vai ter futebol forte na medida que o Maringá Esporte Iguatemi possa mobilizar investidores no futebol, isso é, aqueles que acreditam que o futebol dá retorno. Se não acontecer isso, nós vamos tocando da forma como estamos tocando, de forma bastante modesta, sem dar um passo maior que as pernas, indo com tranqüilidade mesmo que a gente tenha que disputar a terceira divisão. Se o Engenheiro Beltrão venha para cá, pra Maringá e o Grêmio conseguir aglutinar empresários que tenham uma condição financeira grande, naturalmente que tem condições de formar times mais fortes, formando times mais fortes então tem a atração, naturalmente, do público, com um time mais forte tem um retorno mais rápido porque desperta a atenção de grandes clubes do país e também de clubes do exterior, então quando você fala, quando que Maringá vai ter um futebol forte, isso não é uma preocupação do torcedor e da mídia, isso é uma preocupação do investidor. Eu, como presidente do Maringá Esporte Iguatemi, a ninguém interessa mais do que a mim ter um time forte e competitivo, porque se eu tiver um time forte, eu tenho renda, mais dinheiro para o clube, eu tenho a busca de investidores na mídia, eu tenho o interesse dos grandes clubes. Se o Maringá Iguatemi está forte é porque tem bons jogadores, então ninguém tem mais interesse em ter um clube forte do que o presidente do Clube. Então isso é válido para o presidente do Maringá Iguatemi, vale para o presidente do Engenheiro Beltrão, vale para o presidente do Grêmio, todos nós, presidentes, queremos ter time forte, basta saber se tem estrutura para bancar jogadores de qualidade. Então só vai ter futebol forte em Maringá na medida que o Maringá Iguatemi consiga aglutinar em torno de si investidores que invistam em futebol, da mesma forma que os outros clubes, se

conseguir montar-se time forte e o time forte interessa àquela diretoria, ou àquela empresa que está no momento disputando o campeonato.

**Sr. Aldi, como você vê a situação da torcida? Como o senhor falou, tinha só o Maringá Iguatemi e agora, do nada, podem surgir três clubes. Como vê acha que vai ser a recepção da torcida para os três clubes profissionais aqui em Maringá?**

Aldi – Eu particularmente, eu não vejo problema nisso, como o pessoal está falando muito, tem que unir tudo, isso não existe mais. A minha é uma empresa, a outra é outra empresa, são três empresas distintas. Aquele sonho de pôr um presidente que o prefeito indica, um presidente [que] monte uma estrutura, isso acabou, a forma administrativa hoje é a empresa, eu tenho a minha empresa, pode ser pequenininha, por exemplo um empresário do ramo de supermercado, vamos dizer assim, ele gostaria de pôr um big, vamos dizer que optasse por essa linha de comércio, mas eu não posso pôr um supermercado big, então vamos pôr um mercadinho lá no meu bairro, então um mercadinho pequeno e tem os grandes supermercados. Eu acredito no futebol, por enquanto a minha empresa de futebol é pequena, bastante modesta. Então o que o torcedor quer? O torcedor quer time que vença jogos, para poder ir ao estádio, ninguém quer ir ao estádio e ver o time perder, estão, naturalmente, quando se fala em um Engenheiro Beltrão, que está vindo na primeira divisão, ele tem um compromisso maior com o torcedor. O Grêmio, de tantas tradições, de tantas glórias, a responsabilidade e o compromisso é maior. O Maringá Esporte Iguatemi não tinha, quando nós viemos tinha o Galo, que estava na primeira divisão, disputando a série C, ele era o time de ponta do torcedor maringaense, acabamos ficamos sozinhos, mas nós não tínhamos essa responsabilidade esse compromisso, o que tem de fato é que nós queremos ter um time profissional, que nós temos totalmente regularizado na Federação Paranaense, na Confederação Brasileira. Eu poderia dizer que, neste momento, em termos de Maringá o que está regularizado é o Maringá Esporte Iguatemi, os outros ainda estão se ajeitando para se adequar às exigências da Federação Paranaense de Futebol. Agora o torcedor, nós sabemos, ele é exigente. Maringá pelas glórias, pela tradição, pelo saudosismo, ele quer time forte, então eu acho que tanto o Grêmio de Maringá quanto o Engenheiro Beltrão vinda pra cá tem uma responsabilidade maior que o Maringá Esporte Iguatemi, mas nós sonhamos também ter um time competitivo, mas isso na medida

que nós conseguirmos aglutinar empresários que possam ajudar financeiramente, para termos um time de qualidade.

**Sr. Aldi, você falou assim, que antigamente era, não mais fácil, mas tinha um comando superior, o presidente era indicado pelo prefeito e ele montava. Naquela época o senhor acha que era mais fácil fazer futebol do que é hoje?**

Aldi – Não, é que era uma forma diferente. Então, o que acontecia, quer dizer, geralmente era encabeçado pelos prefeitos que designavam o presidente, então o apoio do prefeito, daí a pouco já tinha uma facilidade de aglutinar pessoas influentes da cidade e formava-se uma diretoria, vamos dizer do ponto de vista financeiro, que geralmente eram empresários, fazendeiros, eram pessoas que tinham condição financeira de cada um ajudar um pouquinho, e se ajudava não com o objetivo do lucro, que naquele tempo não se tinha tanta comercialização de jogadores, o objetivo era formar um time forte mesmo, movimentar a cidade, pra ter essa satisfação do torcedor, da diretoria, o que acontecia, muitas vezes, se vendia um jogador, esse dinheiro ia para o clube, mas quando dava prejuízo quem tirava do bolso era a diretoria. Então muitos presidentes passaram por muitas dificuldades, grandes também aqui para tocar o futebol. O futebol não é fácil, nunca foi fácil antes e nem é fácil hoje. Hoje a diferença é essa, aquele que investe no futebol, está investindo porque ele acredita no retorno financeiro. Bem diferente da outra época, na outra época ajudava-se no sentido de ajudar mesmo, não tinha o objetivo de ver o retorno, colaborava e queria ver a alegria da cidade. Hoje não, hoje cada tostão que o Aldi coloca, ele está falando “Olha, estou colocando isso aqui, mas amanhã ou depois, vou vender um jogador, vou recuperar meu dinheiro, vou ter até um lucro”. E isso funciona para o Grêmio, para o Engenheiro Beltrão, para o Londrina, para o São Paulo, e é dessa forma que se mantém o futebol hoje.

**Sr. Aldi, para terminar, o que o torcedor maringense pode esperar do Maringá Iguatemi?**

Aldi – O Maringá Iguatemi é um time, como eu já disse que não veio com a responsabilidade de resgatar essa hegemonia, essa pujança do futebol profissional, mas eu sou um aficcionado, gosto do futebol, e acredito até que tenho conhecimento nessa área e seu do meu potencial, do ponto de vista econômico. Quer dizer eu

caminho de acordo com as minhas possibilidades. É óbvio que o torcedor gostaria que eu colocasse um time fortíssimo para disputar a segunda divisão, mas do ponto de vista financeiro eu não tinha essa possibilidade, então entre desagradar o torcedor e eu ter dificuldades terríveis, eu prefiro desagradar o torcedor e ter um time ajustado, sem dívidas que nem está o Maringá Iguatemi, sem dívidas, regularizadinho perante a Federação Paranaense de Futebol, sem fazer futebol com emoção, mas com a razão e o torcedor é pura emoção, a imprensa é pura emoção, então quem tem que ter essa responsabilidade sou eu como dirigente, quer dizer, a pretexto de gostar e me empolgar, ir pela emoção do torcedor e contrair dívidas e colocar o clube numa situação de dificuldades, quer dizer, eu fico dois anos, depois o clube morre, então nós temos que ter esse pé no chão. Por enquanto o Maringá Iguatemi está sólido, está consolidado, vamos ver para o ano de 2010, se nós conseguimos mais parceiros, investidores no futebol, e aí nós vamos gradativamente fortalecendo, e se não tive essa condição nós vamos tocando da forma como estamos, disputando as categorias de base, mesmo disputando a terceira divisão, no intuito de termos aí, esse clube profissional que nós acreditamos e que um dia seja forte igual ao Grêmio no passado.

**Apêndice 02**  
**Entrevista: Adoilson Costa**  
**Duração: 7:39**  
**Data da Entrevista: 04/09/2009**

**Adoilson, de quando a quando você defendeu as cores aqui do time de Maringá?**

Adoilson – de 1988 a 1990.

**Como foi essa sua passagem pelo time de Maringá? Como você classifica essa passagem pelo time de Maringá?**

Adoilson – Para mim foi válida. Eu acho que foi de onde realmente a gente começou a surgir no cenário brasileiro. Foi uma oportunidade boa que a gente teve. E na época quando cheguei em 88, aqui pela primeira vez, o time estava numa situação ruim, uma situação para cair para a Segunda Divisão. E a gente conseguiu entre os atletas que foi contratado na época, a gente conseguiu tirar o Grêmio daquela situação. E depois, a gente, já no retorno de 89, que a gente voltou de novo, a gente tem um time melhor, teve a oportunidade, a chance de ter sido até campeão, e só

alguns detalhes fora de campo que não deixaram a gente ser campeão. Mas eu acho que para mim foi válido, gostei muito de ter passado pelo Grêmio, gosto muito desse time até hoje. E espero que até antes de eu morrer esse time possa voltar e a gente ficar torcendo por ele.

**Como você vê a realidade do futebol hoje, comparado ao da época que você atuou aqui?**

Adoilson – É totalmente diferente. O Grêmio, quando a gente chegou aqui, por já ter passado por outros clubes do interior de São Paulo. A gente via um torcedor fanático, um torcedor que adora o Grêmio, acho que até hoje a maioria das pessoas pede para voltar um time. Eu acho que o que estragou o futebol, não só o Grêmio, mas o futebol de Maringá foi as pessoas que entraram no comando, pessoas que não tinham condição nenhuma de ser dirigente ou até mesmo presidente da equipe e aí conseguiram acabar com esse Grêmio. Mas eu sei que tem muita gente ainda competente, tem gente que quer entrar hoje de volta ao lado do Grêmio. Tenho certeza que vai erguer esse time, que esse time além de ter uma camisa forte, tem uma tradição e uma torcida muito bonita.

**Como você vê essa realidade da torcida, com a falta de uma equipe na primeira divisão do Paranaense, a falta desse Grêmio que foi tricampeão estadual?**

Adoilson – a gente fica triste nesse momento, e triste pelo torcedor. As pessoas que gostam de ter esse Grêmio e a gente cita sempre quando logo que chagamos a gente tinha três, quatro mil torcedores no dia de coletivo, que era no dia de sexta feira e na terça feira. Só pra assistir um treino. Em dia de jogos a gente [via] 20, 25 mil pessoas dentro do estádio e isso se você contar hoje, o Grêmio que leva mais torcida que qualquer um time da primeira divisão, que está disputando a Série A do Brasileiro, então é por isso, por respeito ao torcedor, por respeito à camisa do Grêmio. A gente sempre faz um apelo, que alguém pega esse Grêmio, mas é umas pessoas que tem dignidade, umas pessoas que vai entrar realmente porque gosta da cidade e gosta do time, pra que a gente possa de novo renascer, começar do zero, com os pés no chão, com tranquilidade, fazendo uma base forte, colocando as pessoas que realmente são do ramo pra trabalhar e pessoa que é influente, que gosta de Maringá, que gosta da cidade, que tenha respeito à torcida.

**E, na sua época, os times do interior eram mais fortes, Maringá, o Grêmio, o Londrina. O que aconteceu com os times do interior que acabaram perdendo essa força com relação aos times da capital?**

Adoilson – Eu acho que não, como eu disse, não só aqui, mas em várias outras cidades, como você falou, a gente tinha um clássico do café aqui, era um dos tradicionais, que era Grêmio e Londrina. Eu acho que não só aqui em Maringá como em outras cidades foi a perca do futebol, saiu do cenário e deixaram de fazer equipe forte, foi por causa dos dirigentes. Eu digo, você vê aí em outras cidades, como Cianorte, não desrespeitando ninguém, é claro, Paranavaí, Nacional de Rolândia, hoje tem equipe na primeira divisão e esses torcedores que hoje estão torcendo pra essas equipes dessas cidades, vinha torcer aqui pro Grêmio. Então a gente acha que no momento a gente tem que pensar mais aqui na cidade de Maringá e, principalmente, na torcida, uma torcida carente, torcida que gosta, uma torcida que está esperando a qualquer momento surgir um Grêmio, um Grêmio forte, mas não adianta vim, trazer time de fora, trazer pessoas de fora prá colocar aqui dentro de Maringá pra retornar o Grêmio, que não é dessa forma. A forma é aqui dentro, é as autoridades, é o prefeito, é a Secretaria de Esportes, todos juntos, criar um Grêmio aqui dentro mesmo da casa, com todo mundo aqui da casa ajudando, só assim vai renascer, esse negócio de trazer gente de fora, com outro time, com outro nome, prá colocar Grêmio, isso não vai levar a nada, que já tivemos aí, não uma nem duas vezes acontecer isso, já foi três, quatro, cinco vezes e a gente vê acontecer isso, isso só resulta zero, então eu acho que as pessoas daqui, que gostam de Maringá, que aqui vive em Maringá, atem que pensar nisso e fazer um time daqui, aqui tem grandes profissionais, a gente sabe que tem um monte de jogador que veio jogar aqui no Grêmio, na minha época ou até antes que largaram de jogar futebol e está morando hoje aqui em Maringá, isso não é por acaso, é porque gostaram da cidade, porque tiveram o respeito da torcida, a torcida até hoje alimenta esses jogadores que já passaram aqui. Então eu acho que a oportunidade tem de vim do pessoal que comando, que nem eu já falei, é o prefeito, é o pessoal mais forte, é as empresas que têm condição pra que você começa lá de baixo e você ergue o Grêmio novamente.

**Adoilson, qual que foi o principal momento seu defendendo as cores aqui do Grêmio de Maringá?**

Adoilson – Olha, eu acho que desde o momento que eu cheguei, certo. Eu cheguei aqui numa situação ruim, em 88, que nem eu te falei. E graças a Deus eu dei sorte, a gente vestiu a camisa com vontade, junto com os companheiros que veio, a gente fez um Grêmio forte, e eu, graças a Deus, sempre correspondi, sempre ajudei o time, sempre “tratei” de batalhar, fui um dos artilheiros do time, tanto em 88 como em 89 prá 90, sai daqui e fui vendido pra outra equipe grande que foi o Paraná Clube, já gerei alguma proporção de dinheiro aqui na época prá ajudar o Grêmio, então a gente fica feliz de ter colaborado, não só dentro do campo, mas fora de campo também. Então a gente sai com a cabeça erguida, com o respeito de muitos torcedores que eu tenho certeza, que quando viu a gente jogar aqui, tem respeito até hoje e pede prá que a gente possa estar ai no meio, ajudando o Grêmio de qualquer forma a voltar ser aquele grande que era, e a gente fica feliz por isso. A gente sempre está esperando a oportunidade, caso a gente veja que tem todas as outras cidades que a gente vê, os amigos que jogou com nós, que parou de jogar bola, que está nessa cidade, ele é um servidor, de alguma forma de uma secretaria de esporte ou que está trabalhando num clube. Só aqui em Maringá que a gente vê isso, esse lado de política, não quero fulano, não quero sicrano, não deixa o pessoal que realmente tem condição de estar hoje aqui dentro de Maringá trabalhar pra trazer pessoal de fora.

**Adoilson, e para terminar, qual a história desse tempo em que você ficou em Maringá, uma história que você guarde com carinho, algum momento seu, alguma história sua, algum jogo, alguma coisa que você guarde com carinho e que você contra para os seus filhos, para os seus netos, que história você contaria?**

Adoilson – olha, a gente teve bastante passagem, não só boa, como ruim. E a gente já sofreu bastante no futebol, principalmente aqui, na época Grêmio de 88, que foi uma época difícil. Mas eu acho que a coisa mais marcante na vida, não só minha como na dos outros jogadores que estavam aqui foi o título de 89, onde a gente tinha ganho aqui do Atlético de 1 a 0, a gente tinha condição, tinha um time prá brigar de igual para igual, e quando a gente foi lá pra decidir, prá ir pra final do campeonato, a gente, no linguajar do futebol, a gente foi roubado, tiraram a gente para dar a vaga pro Atlético, então a gente ficou triste porque a gente sabia que se a gente tivesse dentro de uma capital, aquele Grêmio, de 89 teria sido campeão,

então a gente fica triste por isso, de saber que a gente tinha condição na época, que a gente fez de tudo pra conseguir esse título para dar pro torcedor de Maringá, infelizmente por fora, pros bastidores a gente não conseguiu isso, mas a história é essa, acho que o mais importante de tudo foi aquilo que a gente sempre pregou aqui, era ir num treino, treinar e você sabe que lá tanto na terça até no domingo tinha torcida te apoiando, tinha torcedor indo lá no Brinco da Vila, no Estádio Willy Davis, estava sempre lá apoiando os jogadores.

**Apêndice 03****Entrevista: João Donizete Almeida (Almeida)****Duração: 12:15****Data da Entrevista: 04/09/2009****Almeida, de quando a quando você jogou aqui na equipe do Maringá.**

Almeida – Olha, cheguei em Maringá em 1988, no dia 4 de janeiro de 88, vindo da equipe do Bandeirante de Birigui e fiquei jogando no Grêmio de Maringá de 88 a 91.

**E como foi essa sua passagem pela equipe aqui de Maringá, foram três anos, como que foi sua passagem, o balanço que você faz de sua passagem aqui em Maringá.**

Almeida – Olha, na época, pra gente que vinha do interior de São Paulo, foi muito bom. Jogar num time grande do Paraná, porque o Grêmio, queira ou não queira, era um time grande. A gente tinha a felicidade encontrar muitos amigos do interior de São Paulo jogando aqui no Grêmio, por que o Grêmio de Esportes de Maringá sempre buscou jogadores no interior e montava sempre equipe muito fortes. Então eu acredito assim que minha passagem pelo Grêmio de Maringá já era pra ter sido bem antes de 88, porque eu tive oportunidade de vim, mas a minha equipe, o Comercial de Ribeirão Preto, não me liberou e eu tive oportunidade de jogar no Grêmio, fazer história dentro do Grêmio de Maringá, continuo na cidade até hoje.

**E você jogou o final da década de 80, como era a realidade do futebol de Maringá naquela época, o time já tinha sido tricampeão estadual. Como era a realidade na época que você atuava aqui?**

Almeida – Então, representando a equipe que é tricampeão paranaense e bicampeão do Robertinho, Roberto Gomes Pedrosa, na época de 67, 68, era uma responsabilidade muito grande. A equipe do Grêmio, com o presidente Otílio Bobinotti, montou uma grande equipe, buscou bons jogadores, jogadores de ponta e nós fizemos três, quatro anos campeonato brasileira, campeonato da série B, campeonato paranaense, os campeonatos foram muito bons, porque a nossa equipe era uma equipe de ponta, porque tinha grandes jogadores, haja visto que saíram muitos jogadores daquela equipe para jogar em times grandes. Então eu acredito

que o Grêmio era muito forte, por isso que todo mundo lembra daquele time de 88, 89, 90, 91.

**Almeida, como era a torcida daquela época, hoje a torcida maringaense está órfã de uma equipe de futebol. Como era na sua época, a torcida lotava o Willie Davids, como era a relação do time quando estava aqui com a torcida?**

Almeida – Olha, eu como, eu sempre fui um jogador muito dedicado, eu posso dizer que eu sempre fui um grande atleta. Não pode ser, pode não ter sido assim um craque de bola, como foi o Adilson, como foi o Luiz Antônio, mas eu era um atleta muito profissional naquilo que eu fazia. Eu tinha a torcida do meu lado, então quando pegava uma bola, quando eu fazia as marcações certas, hoje eu posso dizer que eu era considerado um Pierre do Palmeiras, dentro do Grêmio de Maringá, porque a torcida apoiava, a torcida ia a campo, sempre com 20, 25.000 torcedores dentro do campo e hoje a gente vê um estádio vazio, sem clubes, sem categorias de base pra revelar os grandes jogadores que tem dentro de Maringá, então a gente fica muito sentido com essa história que está chegando ao final.

**Almeida, surgiram várias equipes em Maringá depois do Grêmio, mas nenhuma deu certo, todas acabaram fechando as portas. Para você, o que foi definitivo, o que foi decisivo nesse fechamento desses clubes que surgiram aqui?**

Almeida – Olha, primeiro é uma falta de responsabilidade muito grande dos dirigentes que montam as equipes. Porque quando monta equipe, se não for o Grêmio de Esportes Maringá não vai ter apoio da população, e quando surgiu o Galo Maringá, com diretor, aliás, presidente fortíssimo, honesto como ele é, o Marquinhos Faleiros, o pessoal não deu muito valor a ele, porque ele bancava todo o time, gastava muito dinheiro e não tinha recompensa. Porque não deram oportunidade para os ex-jogadores de Maringá, como meu caso, o Adilson, Luiz Antônio, Nenê, Edson Garça, Laércio, Cleber, trabalhar em categorias de base, ser auxiliar técnico de um técnico que estivesse aqui trabalhando em Maringá, porque nós conhecemos a cidade, o povo de Maringá gosta dos ex-atletas que estão aqui em Maringá, porque a gente soube representar muito bem Maringá.

**O Grêmio foi bicampeão e teve aquele alvoroço e você chegou já no final da década de 80, como era a torcida? Ainda estava naquele clima do tricampeonato? Como estava isso?**

Almeida – Olha, quando, por exemplo, em 77 eu jogava pelo Matsubara, e como o Grêmio era do interior, o nosso vice-presidente, diretor e treinador Bolão, ele pedia pra que a gente torcesse pelo Grêmio de Esportes de Maringá, então eu comecei a gostar do Grêmio Maringá em 1977. Mas a história do Grêmio era muito rica, porque eu acompanhava sempre no Fantástico que o Grêmio tinha uma grande equipe. E foram por vários anos, sempre revelando grandes jogadores para jogar em times grandes e de uma hora para outra, de 92 pra cá o time foi só afundando em dívidas, ação trabalhista, não tinha recursos porque a cidade já não ajudava mais em nada, porque estava sendo enganada pelas pessoas que estavam chegando em Maringá então acredito que a derrotada do Grêmio foi a falta de organização.

**Almeida, a gente sabe que futebol tem aquele poder de criar o herói e de criar o vilão, na época em que você estava aqui, você presenciou a história de alguém que virou herói ou de alguém que virou vilão pra torcida aqui em Maringá?**

Almeida – Olha, herói eu acho que todos aqueles jogadores que disputou a semifinal com o Atlético Paranaense. Era um grupo de atletas que estavam imbuídos de ser campeão paranaense, mas nós fomos roubados descaradamente, porque a televisão não mostrava muita coisa na época e não tinha como provar que nós fomos roubados. Então esse grupo de 88, 89, 90 e 91, nós ficamos juntos quase quatro anos, então esse grupo eu acho que é um grupo que pode ser chamado de heróis. Agora eu não me lembro de algum atleta que jogou comigo que tenha sido vilão, porque naquela época a gente tinha a responsabilidade de levantar o nome da cidade.

**Qual foi seu principal momento defendendo as cores aqui do Grêmio Maringá. Aquele momento que te marcou mais defendendo as cores do Grêmio?**

Almeida – Quando eu cheguei em Maringá, em 88 até 91, jogando pelo Grêmio, eu acho que todos os momentos para mim foram marcantes, porque eu me dedicava de corpo e alma à equipe do Grêmio, treinava exaustivamente, ia para os jogos, me

dedicava cem por cento,ou cento e cinquenta por cento para ganhar as partidas. Então eu acho que os quatro anos que eu estive dentro do Grêmio para mim foram muito importantes dentro da minha carreira.

**Almeida, queria que você falasse algo teu, no mundo do futebol tem várias histórias, queria que você contasse uma ou duas histórias que te marcaram aqui. Um jogo ou partida decisiva, pode ser essa contra o Atlético, alguma outra partida que te marcou, que você sempre conta quando tem oportunidade numa rodinha de amigos, contando para seu filho, para seu neto. Uma ou duas, como você preferir, que você guarde na memória com muita saudade.**

Almeida – Olha, momentos bonitos nós sempre tivemos, o futebol proporciona muitas coisas boas, agora a que eu fico mais chateado, não revoltado, porque a pessoa que está de bem com a vida não pode ficar revoltado. Como eu estou sempre de bem com a vida, trabalho com muitas crianças, então eu sou privilegiado, graças a deus, mas aminha grande mágoa dentro do futebol foi quando eu mandei quatro ou cinco fitas de vídeo pra o Japão, através de um pai de um atleta e foi aprovado três, quatro garotos que levaram para o Japão e desses atletas, um é o Alex Santos que joga na seleção japonesa. Então o Alex vem aqui em Maringá, ele tem mais de cem apartamentos aqui em Maringá, e nunca deu uma bola para minha escolinha. Então isso eu fico magoado, porque um atleta que ganhou tanto dinheiro, que ganha tanto dinheiro poderia olhar para trás, ver as origens, onde ele começou, com quem ele começou, e dar um retorno, eu não quero dinheiro, mas eu gostaria que ele fosse na minha escolinha e olhasse as crianças que precisam comprar um tênis, comprar uma bola, para mim dar sequência no trabalho porque através do esporte a gente pode tirar as crianças das drogas.

**Almeida, eu queria que você falasse um pouquinho de como foi essa semifinal contra o Atlético. O que aconteceu, você disse que foram roubados descarados. Queria que você contasse como foi essa semifinal.**

Almeida – Olha, a gente tinha uma grande rivalidade com o Atlético, que o Atlético também buscava muitos jogadores no interior de São Paulo, então virou uma rivalidade. Numa semifinal melhor de três partidas, o Atlético jogou aqui em Maringá o primeiro jogo, ganhamos de 1 a 0, gol do Airton, aí, depois fomos para Curitiba,

fazer dois jogos em Curitiba porque eles tinham melhor campanha. No segundo jogo nos perdemos de 2 a 0, aonde fomos muito prejudicados, onde o árbitro fez pro gato, passou a mão literalmente na gente, roubou mesmo descaradamente e no terceiro jogo nós empatamos por dois a dois, como eles tinham melhor campanha, eles foram pra final, eu não me lembro com quem. Eles foram prá final. Então essa aí foi a passagem que eu tive dentro do Grêmio, que me magoou muito, porque nem a nossa diretoria conseguiu reverter a situação porque no Paraná, ainda é de fato, e a gente pode provar que a Federação Paranaense busca que os três times da capital – Atlético, Paraná Clube, Coritiba, ganhem os campeonatos e não os times do interior.

**Almeida, para terminar, os times do interior já foram mais fortes, Maringá, Londrina, o que aconteceu com esses times? Eles pararam no tempo, porque hoje a gente vê uma disparidade muito grande entre times do interior do Paraná com os times da capital. Tirando esse privilégio que todo mundo sabe que a Federação dá para os times da capital, que aconteceu com os times do interior?**

Almeida – Primeiramente, os times do interior não montaram Centros de Treinamento, eles evitam, são três meses de campeonato, às vez dois meses e meio, então não dá para construir uma grande equipe. Eu vejo assim, Ponta Grossa, Cascavel, Londrina, Maringá, Foz do Iguaçu que poderiam estar num nível bom como a capital e a Federação não vê isso. Porque eu acompanho o futebol de São Paulo, porque sou paulista, e a Federação Paulista de Futebol ajuda as quatro categorias, não é só uma não e o tem que o time que tiver oportunidade de ser campeão lá no interior de São Paulo, com certeza vai ser. Agora aqui no Paraná não, é feito o campeonato para três equipes, haja vista que eu me lembre, não sei se foi esse ano, se foi o ano passado, o Paravanaí foi entre os quatro e teve de jogar sete ou oito partidas fora de Paranaíba, como que um time que joga um campeonato todinho, joga dez, doze jogos fora de casa. Então é muito difícil, então a Federação tinha que ver isso aí, porque as grandes cidades do interior de São Paulo, digo, do Paraná estão ficando para trás porque não têm oportunidade de revelar os grandes jogadores.

**Apêndice 04****Entrevista: Itamar Antônio Bellasalma****Duração: 24:03****Data da entrevista: 31/08/2009**

**Itamar, para começar, quando você defendeu as cores do time aqui de Maringá?**

Itamar – Olha, eu vim pra Maringá em 1977 e fiquei até o início de 81, quando fui vendido pro Londrina, esse foi meu período de jogador aqui em Maringá.

**Itamar, como foi sua passagem, um balanço de sua passagem aqui pelo time maringaense?**

Itamar – Eu acho que foi vitoriosa, porque a gente conseguiu fazer um trabalho muito bom na época, eu cheguei aqui o Grêmio estava na repescagem, nós fomos campeões da repescagem, que era um torneio entre os clubes do interior e o campeão disputaria o título com os da capital e nós ganhamos a repescagem, ganhamos o primeiro turno da primeira divisão, com os clubes da capital e decidimos o título com o Coritiba e fomos campeões na ocasião em 1977. Então eu acho que foi um início muito bom e até a gente só tem a dizer coisas boas daquela época do Grêmio.

**Itamar, como era a realidade do futebol de Maringá, ultimamente o futebol de Maringá “não anda muito bem das pernas”. Eu gostaria que você falasse um pouquinho de como era a realidade quando você chegou aqui em Maringá.**

Itamar – Bom, eu cheguei tinha vindo do Palmeiras, o Marília me comprou e emprestou para o Grêmio de Maringá e eu aqui só tive coisas boas, naquela época, não é que havia empresas que estivessem colocando dinheiro, a Prefeitura não, nada disso. Havia sim o prefeito que gostava muito de futebol, o Dr. João Paulino, que já não está mais entre a gente. E o Dr. João Paulino gostava muito. Fez uma diretoria capacitada, é lógico, para se obter êxito você tem que ter pessoas capacitadas e foi feito uma diretoria, e essa diretoria angariava recursos na cidade, e o mais importante disso tudo é que o torcedor também, prestigiava muito na época o Grêmio. Qualquer jogo com equipes pequenas, mesmo do interior, eram dez, doze, treze, quinze mil pessoas no campo, então isso era uma fonte de arrecadação pra

diretoria poder manter a folha de pagamentos e os gastos necessários, então a comunidade ajudou muito o Grêmio essa temporada que eu estive aqui.

**Itamar, você falou de torcida, como você vê, em comparação, a torcida na sua época, em 77, quando você chegou pra torcida de agora dos últimos campeonatos paranaenses.**

Itamar – Bom, era uma paixão, uma paixão que era recíproca, o atleta que vinha jogar no Grêmio sabia que tinha uma torcida que cobrava e dava muito apoio, muito carinho, incentiva muito, então era importante isso. Porque nos sentíamos na obrigação de conseguir resultados, hoje não, hoje houve muita coisa, muita gente, muito clube, montou-se muitos times aqui em Maringá, que não foi virado nada porque não tem estrutura, não tem respaldo, o Grêmio teve, e eu acredito, não sei, posso até estar errado, que aqui o futebol é Grêmio de Esportes de Maringá, não adianta você montar, eu trabalhei como treinador no MAC, que era o Maringá Atlético Clube, Maringá Futebol Clube, fazia-se time bom, mas não tinha apoio da torcida, então eu acho que Grêmio de Esportes de Maringá foi e sempre será uma bandeira, a torcida de Maringá sempre gostou e acredito se, por ventura, fizerem novamente voltar o Grêmio de Esporte Maringá, aquele Grêmio que eu joguei, com um trabalho sério, com honestidade, ela volta ao estádio novamente.

**Você falou dos clubes que surgiram aqui, surgiu Maringá Futebol Clube, Maringá Atlético Clube, o Águia, vários clubes surgiram, depois do Grêmio, a maioria deles, até tinha alguns que tinham a mesma cor, preto e branco, como o Galo agora no final, mais recentemente, você acha que o que aconteceu para esses times abrirem e fecharem as portas, falta o que, apoio da cidade, do torcedor, o que ficou faltando para esses times darem certo na cidade?**

Itamar – Falta trabalho sério, uma seriedade na coisa, até teve gente que montou clube aqui em Maringá, mas não foi feliz, faltou seriedade e experiência. Eu acho que você pra fazer o torcedor ir ao estádio tem que fazer uma equipe boa, uma equipe que possa dar um retorno, você, é lógico, você vai perder jogo, mas vai perder jogo com vontade de ganha. E Maringá infelizmente não tem dado sorte nesse aspecto, então eu acho que fazendo a coisa com seriedade e, também, é lógico, fazendo uma equipe competitiva, o torcedor volta ao estádio. Agora Maringá,

eu continuo sempre dizendo, vou dizer eternamente, Maringá é Grêmio e não adiante você montar uma equipe de forasteiros, que é difícil de vingar em Maringá. Estou vendo nos jornais, vai vir Fulano pra cá, Beltrano prá cá, eu acho que isso daí o torcedor não cria vínculo, como existia naquela época, eu, por exemplo, vim para Maringá em 77 e moro até hoje aqui, então eu tenho vínculo aqui, eu posso falar um pouco porque eu senti isso, é uma coisa séria, você chega na imprensa o salário do atleta está atrasado três meses, o salário de não sei quem, o jogador não tem o que comer, então vira uma coisa negativa e o torcedor passa a não contribuir indo no estádio. Então é por aí que tem que fazer, fazer uma coisa com seriedade, aí pode se pensar num futebol novamente vitorioso em Maringá. Por que Maringá merece um futebol à altura.

**Itamar, você falou em fazer um time novamente, que conquiste as glórias que o Grêmio teve em 60 e 70, o que é necessário para montar um time campeão, que ostente o time de Maringá, o nome de Maringá no cenário estadual e nacional:**

Itamar – A seriedade, né, eu acho que tem que ser uma coisa bem clara, limpa, mostrar ao torcedor o que vai ser feito, qual o objetivo, o projeto, o recurso, de onde vai vir, porque não adianta nos pensarmos em Maringá e falar assim nós vamos numa empresa, nós vamos pedir 50 mil prá um, 50 pro outro, 50 pro outro, 50 pro outro, é muito mais fácil, no meu entender, você arrumar 50 mil sócios que [paguem] R\$ 100,00, R\$ 200,00 por mês, porque o povo cansou de tanta gente que veio a Maringá e quis sair daqui rico e no final não virou futebol e a pessoa que saiu também não deve ter ficado rico. Então eu acho que tem que haver isso, uma estrutura, começar na base, começar trabalhando lá em baixo, os garotos, porque Maringá e região é um polo muito grande que você pode formar muitos atletas aqui, não vou dizer que você não vá buscar jogadores lá fora, dentro da necessidade, mas a base, a maior parte da base sai aqui em Maringá, você pode ter certeza que em Maringá e região você monta uma equipe pra disputar campeonatos amadores, campeonatos juniores e também dar chance para esses meninos saírem, por exemplo, de um local que eles não têm um alicerce como pessoa, você tem que fazer ele vir, ele se enquadrar numa sociedade, ele ser um cidadão maringaense com intuito de, no futuro, ele ser um jogador do Grêmio, não um bandido mais na rua, que você vai ter. Então eu penso nesse aspecto, nesse aspecto você pode fazer. Ai entra também, lógico, se a Prefeitura quiser, faz um trabalho conjunto com

a Prefeitura, tudo organizado, essa criança, esse garoto, esse jovem, ele vai ter o respaldo pra estudar, vai ter uma alimentação, ele vai ter o esporte pra praticar, não é só o futebol, nós estamos no caso Grêmio, por causa do futebol, não é só futebol, tem tanta gente que joga basquete, vôlei e assim vai. Então eu acho que é por aí que eu penso, a gente deveria montar núcleos em Maringá, nos bairro, tiraria essa criança da rua, incluiria no esporte, faria um bem social, pra cidade e prá região também.

**Itamar, agora falando do título de 77. Queria que você falasse como foi, como que repercutiu isso aqui em Maringá, como que foi prá cidade mais um título. O time tinha sido campeão em 62 e 63, voltou a ser campeão em 77. Como foi isso para vocês, o tricampeonato, já que foi contra um time da capital.**

Itamar – Foi uma coisa fantástica. Eu que tinha vindo já de equipes grandes, cheguei na metade do campeonato e ainda, por sorte, fui artilheiro do campeonato e fiz os gols que o Grêmio foi campeão, tanto aqui quanto em Curitiba, eu fiz 1 a 0, gol de cabeça, em Curitiba, empatei de falta 1 a 1. Foi uma coisa fantástica, e naquela ocasião em 1977 o Grêmio Maringá foi convidado como campeão a participar do campeonato nacional, não era como hoje, era campeonato nacional, então você jogava com todas equipes grandes do futebol brasileiro e nós jogávamos, nós tínhamos uma equipe boa, uma equipe que jogou contra o Cruzeiro em Belo Horizonte, 0 a 0, o melhor jogador em campo foi o goleiro do Cruzeiro. Jogamos no Rio contra o Vasco, o Vasco precisava empatar para passar pra próxima fase, e nós já estávamos a quatro rodadas classificados. O Vasco empatou aos 48 minutos do segundo tempo e assim vai, entende, jogava com o Corinthians e o Corinthians suava para empatar com a gente. O Flamengo ganhou uma vez da gente aqui em Maringá, aos 4 minutos, gol do Vanderlei Luxemburgo, que era o lateral esquerdo, eles saíram vibrando. Então nós tínhamos um time que os outros também respeitavam a gente. Então você ia, jogava com equipes medianas, no casos como existe hoje, também e você saía, você ia lá, jogava, ganhava de três, ganhava de quatro, ganhava de dois, então era um respeito que os outros passaram a ter por esse fato do Grêmio ter sido campeão, desbancar o Coritiba, o Coritiba era sete anos seguido campeão. Então passaram a respeitar o Grêmio, e houve o 77, 78, 79, 80, houve um respeito muito grande em relação à equipe do Grêmio, trocou-se alguns jogadores, outros saíram, outros vieram, mas era uma equipe de respeito.

**Itamar, você tem saudade dessa época que vocês disputavam contra times grandes e vê atora o futebol de Maringá meio abandonado?**

Itamar – A gente sente, eu, por exemplo, fazem oito, nove anos que eu não vou a estádio. Eu fui há tempos atrás fazer uma matéria para uma pessoa amiga, mas que eu vá lá assistir um jogo, eu não vou porque vou lá ver doze pessoas no campo, naquela época, ia família, a minha família, como atleta ia, família do dirigente ia, do torcedor ia, fazia-se na época aquela aposta quem vai fazer o gol, que não vai fazer. Quem vai fazer o primeiro, quem vai fazer o segundo. Fazia aquele bolão e era gostos, porque era uma confraternização. No estádio você chegava, o jogo às 16:00 h., você chegava às 15:00 h subia no túnel e olhava o estádio, já estava enfurecido, querendo jogo, entende. Então era uma coisa gostosa de se ver e participar e motivava também a gente. Então a gente espera que num futuro bem próximo tenhamos novamente o futebol à altura que faça o torcedor sentir aquilo que nós tivemos oportunidade de participar.

**Itamar, na sua época os times do interior, ainda tinham uma certa força em relação aos times da capital. Hoje a gente não consegue ver muito mais isso. Atlético, Coritiba, eles são mais soberanos aqui no Estado do Paraná. O que você acha que mudou daquela época para agora, com os times o interior?**

Itamar – Bom, vou citar só um caso típico aqui do Paraná, o Atlético do Paraná tinha um campo que era barro. O Atlético Paranaense, onde hoje é a Baixada. O Atlético, você ia jogar lá dava nojo de você chegar e jogar contra o Atlético lá, ainda mais se chovesse era só barro. Hoje você tem um dos maiores ou melhores, também, estádio do Brasil. Então essa estrutura fez campo de treinamento, fez CT. O Coritiba, o Coritiba também tem seu CT hoje, então houve um impulso, foram crescendo e nós do interior não, nós do interior ficamos na mesmice. O Maringá tinha o Brinco da Vila, hoje não sei se existe, o que é o Brinco da Vila. O Grêmio de Maringá tinha um clube muito grande, com campo, tudo, não sei o que virou daquele. Cadê os campos de futebol prá fazer a prática do esporte. Nós falamos na violência no futebol, falamos, mas nós falamos, temos que ajudar tirando o povo prá praticar o esporte. Hoje em Maringá você olha, você não vê um campo. Você quer fazer uma “peladinha”, um joguinho, ou você vai na chácara de um amigo, ou vai num clube, acabou, não tem mais. Agora, você vai no Willy Davis, o Willy Davis

agora está virando um cimento, daqui a pouco o gramado também vai desaparecer, acredito eu, se não prestarem a atenção, vai desaparecer, então a gente vê por esse lado que também falta em nós, nós da sociedade e as autoridades olharem por esse lado, houve uma evolução dos grandes da capital, fizeram CT, foi se evoluindo, foi se trabalhando a base, o que é isso, surgiu de onde, daqui do Paraná. Mas o Keirisson, quanto tempo ele ficou no Curitiba, ele ficou cinco anos, antes de explodir e ser vendido pro Palmeira, e depois, não foi nem vendido pro Palmeira, foi uma ponte. Ele ia agora pro Barcelona. Então, esse é um caso típico, Maringá poderia ter isso também, eu acho que poderia, desde que se faça, como tem que se fazer no futebol, no meu entender, faz-se o trabalho correto de base e daqui dois, três, quatro, cinco anos você terá tudo isso também.

**Itamar, para você, o que contou mais na conquista do título estadual de 77. Você chegou ao decorrer do campeonato, já estava disputando a repescagem. O que contou, o que você encontrou quando você chegou aqui e o time do Grêmio, que você encontrou aqui e o que fez a diferença pra vocês serem campeões?**

Itamar – Olha, o Grêmio já tinha alguns jogadores bons, de qualidade na época, mas não estava rendendo. E até foi bom você colocar isso. Eu cheguei em Maringá num sábado e assisti o jogo do Grêmio, vim com minha família pra conhecer a cidade, a Colombo ainda era terra, então você vê que faz tempo, o Grêmio não tinha mais treinador naquela época, tinha trocado, tinha saído o treinador. E na conversa ainda perguntaram – “Itamar, você conhece algum treinador?”; eu falei “Eu tive um treinador recentemente no Marília, muito bom que está parado”; aí me falaram “Quem é?”; falei “Wilson Francisco Alves, que foi nosso treinador campeão”. E eu fui para casa, lógico, depois daquele acerto com a diretoria e no domingo fui embora prá me apresentar na quarta, quinta feira da semana seguinte, com a mudança, já com a família, quando eu aqui cheguei por surpresa minha o Wilson Francisco Alves, o popular Capão, já estava aqui. O Capão estava aqui, e aí nós, ele pediu alguns jogadores, também, trouxe Nivaldo, tinha Didi, que era um grande jogador, Didi, que Deus o tenha, já faleceu, enfim, era uma equipe boa, faltava encaixe e o dedo de alguém que pusesse a coisa no caminho e aí fez-se uma família, fez-se uma família, onde não existia, eu por ter vindo do Palmeiras, o Didi também jogou no Palmeira, não existia ciúmes, existia sim pra gente vitória, nós queríamos ganhar. Então isso

foi importante, o Capão colocou o time no lugar certo na estréia dele, eu me lembro bem, num domingo de manhã em Cornélio Procópio, eu estreei lá, ganhamos de 1 a 0, eu fiz um gol. E timo já cresceu, o time foi crescendo e o grupo cada vez mais se fechando. Nós nos fechamos, a Comissão Técnica, a Diretoria, os jogadores e a torcida, porque era uma coisa fantástica você ver a carreata que se fazia antes do jogo e depois do jogo em Maringá. Porque você jogava dez, você perdia uma. Então isso eu acho que foi muito bom, foi muito importante, a gente passou a viver Maringá, não é como hoje, o jogador quer ganhar 15, 20 mil reais, ele vem aqui e não põe o pé numa dividida, isso também tem que ser levado em conta. O atleta vir aqui com o propósito de fazer por merecer o salário que ele vai ganhar. Não adianta vir aqui e falar “Não, sou mais um”, eu acho que não é por aí. Nós temos que pensar, pensar grande. Eu penso em ficar aqui, por exemplo, mais dez anos jogando, é isso que o atleta tem que sentir, sentir amor por aquilo que ele está fazendo em prol da cidade de Maringá, aí sim eu acredito que vai ter uma sequência grande.

**Então, pra você o momento mais marcante de sua carreira aqui em Maringá foi o gol do título de 77?**

Itamar – Foi, foi porque quando se conquista alguma coisa. Eu tive uma passagem muito boa aqui, mas a maior de todas foi a conquista do título, que nós estávamos na repescagem, o time praticamente fora da disputa, porque nós iríamos disputar o interior para tentar ganhar, aí chegou-se numa final contra o Rio Branco de Paranaguá, nós ganhamos aqui, empatamos lá. E aí ficou o Grêmio Maringá e o Colorado, na época, o Paraná Clube, hoje Coritiba e Atlético. Em dois turnos, então nós jogávamos três vezes na capital, certo, e eles só saíam uma vez para vir aqui. Aí era turno e retorno, o campeão do primeiro turno e o campeão do segundo turno, nos fomos campeões do primeiro turno e no segundo turno o Coritiba ganhou a gente lá, se nós tivéssemos empatado, nos seríamos campeões direto. O Coritiba ganhou da gente 2 a 1, aí jogamos a final, aí houve um consenso entre, a diretoria do Grêmio reuniu com a gente, ia haver um sorteio, o Coritiba preferia decidir o título lá, na segunda partida, e nós, como nós tínhamos confiança na gente, no grupo de atletas, nós pedimos que fizéssemos o jogo aqui, então não houve nem sorteio. A diretoria foi na Federação, falando, não o primeiro jogo vai ser em Maringá, então deu certo, ganhamos aqui, empatamos lá e fomos campeões. Então eu acho que, é

isso aí, uma coisa, uma mão lavou a outra. Nós jogamos três vezes na capital e eles saíram só uma. Então isso ai fortaleceu o grupo, nós ganhamos o primeiro turno, nos fomos para Curitiba na partida final, nos fomos com moral, porque nós ganhamos aqui de 1 a 0, eu fiz o gol de cabeça, nesse gol aqui, não do túnel, do lado de trás aqui e lá nós estávamos perdendo. O Coritiba era um excelente time, eu sei decor o time do Coritiba, que era um timaço. Até jogava o Washington, o novo Pelé, que criaram na época, era um tremendo Aladim, era uma grande equipe. E lá nós saímos perdendo de 1 a 0, e eu empatei, a ainda um detalhe, pra você ver quando está predestinada, vontade, a qualidade, nós jogamos lá sem duas peças importantíssimas, na época, o Didi, que era nosso volante, todo mundo sabe e o Ferreirinha, eram duas molas principais do nosso time, eles não puderam atuar lá por suspensão e contusão. Jogou Assis e jogou João Marques. E fomos campeões.

**E como é que foi a recepção de vocês aqui em Maringá, depois do título, pra chegar aqui, como é que foi, como é que a cidade recebeu o tricampeões?**

Itamar – Bom, nós saímos de Curitiba já a festa era enorme, e nós paramos no caminho, nós paramos em Ponta Grossa, prá jantar, prá descansar. Chegamos em Maringá por volta de sete e meia, oito horas da manhã. Não tinha, como hoje, um carro pra trazer você, de bombeiro, nós viemos no ônibus que nos conduziu pra Curitiba, nós viemos no ônibus e no posto rodoviário aqui na saída de Maringá para Marealva, já tinha uma fila de carros esperando a delegação chegar. E essa fila veio até o centro de Maringá, que nosso endereço era a prefeitura, por causa do Dr. João Paulino, que ele, o presidente de honra do clube, o Prefeito na época. Foi uma festa exuberante uma coisa fantástica que marca pra gente que participou, marca na gente que já jogou em outros clubes, e jogou em clube maior, tudo, a gente fica sentindo falta disso. Hoje não, porque hoje eu já sou passado, não jogo mais, estão quem vive do passado é museu, mas foi uma coisa fantástica, a cidade, o que você fazia de Grêmio, você fazia chaveiro, você fazia camisa, você fazia boné, tudo que você fizesse , você vendia. Entende. Aqui em Maringá nessa época, era vendido ingresso antecipado. Quem quisesse ir no campo comprava, então você chegava no campo, você sabia que no mínimo treze mil pessoas, quinze mil pessoas tinha num jogo contra equipes, por exemplo, não menosprezando, Paranavaí, Umuarama, que eram cidade menor. Cornélio Procópio, Bandeirantes. Então você tinha e hoje a gente não vê. Eu tive o prazer de jogar aqui contra o Grêmio de Porto Alegre em 77,

eles foram campeões gaúchos, nós fomos campeões aqui. O estádio Willy Davis, eu nunca vi tanta gente, pra você ter uma idéia, até numa torre de iluminação tinha gente. Então eu acho que foi o maior público até mesmo no jogo do Coritiba, que nós disputamos o título. Então foi muito bom, foi gostoso, eu só tenho amigos em Maringá, entende, é lógico que inimigos sempre tem, tem aquele que diz não gosto do Itamar. Aqui tinha um jornalista, falecido, que uma vez nós fomos jogar em Pelotas e ganhamos de 4 a 0, fiz quatro gols e chutei uma bola na trave, ele falou o Itamar não jogou nada, mas o que fazer o quê, é a opinião dele. Agora, eu acho que a gente fica torcendo para que volte novamente a termos um futebol. E futebol é Grêmio, gente, e não adianta inventar moda, não adianta inventar moda, criar pelo em ovo. Aqui é Grêmio e não adianta, você pode montar o time que você quiser aqui, se não for Grêmio dificilmente vai vingar.

**Apêndice 05****Entrevista: Luiz Antônio Rocha****Duração****Data da entrevista: 04/09/2009****Luiz, de quando a quando você defendeu as cores aqui do Grêmio Maringá?**

Luiz – Eu cheguei aqui em Maringá na fase de 88 e fiquei até 96, o último, nos últimos times bons que o Grêmio conseguiu montar aqui em Maringá.

**Luiz, como foi essa sua passagem pelo Grêmio. Qual o balanço que você faz desses oito anos que você ficou aqui no Grêmio Maringá?**

Luiz – Tanto o balanço é bom, que eu estou morando aqui em Maringá, aprendi a gostar, aprendi a amar essa cidade e esse time, e então criei raízes, criei família, continuo até hoje aqui em Maringá.

**Como era a realidade do futebol na época 88, quando você chegou comparado com hoje em dia? Qual era a diferença mais gritante? O Adailson falou um pouquinho. Queria que você falasse um pouquinho, também, qual era a diferença gritante, que mais tinha de diferente do futebol de 88 pra esse futebol de hoje, que nem equipe tem?**

Luiz – Digo prá você, acima de tudo, o talento, hoje tanto o futebol paranaense quanto o futebol brasileiro, qualquer carência de bons atletas. Principalmente, 88 e 89 nós tínhamos grandes jogadores, grandes homens e grandes jogadores. Hoje o futebol se nivelou por baixo. Nós, que paramos de jogar bola, nós continuamos assistindo o futebol, nós prestamos muita atenção nisso. Acho que a coisa tá começando a nivelar por baixo, acho que quem faz trabalho de base, de categorias tem que começar a melhorar, para que o futebol, principalmente o futebol de Maringá volte a ser grande de novo.

**Luiz, como você vê essa realidade hoje aqui de Maringá, não tem uma equipe na primeira divisão, não tem o Grêmio, que foi tricampeão, acha que a torcida é um pouco saudosista, a torcida tem saudade dói Grêmio que foi campeão?**

Luiz – Tem muito, e nós ficamos tristes, tanto que esse dia vi numa reportagem, se você não bobear tem três times em Maringá, não é por aí a coisa, acho que falta se unir, falta, acho, acabou a vaidade, pelo menos em Maringá, pelo menos, tem muita vaidade entre as pessoas, essas pessoas se unir, para que realmente o Grêmio e Maringá e região volte a ter um time forte no paranaense e no cenário brasileiro.

**Na sua época, Maringá e Londrina eram equipes fortes, eram equipes tradicionais e eram do interior. Nos dias de hoje a gente não consegue ver muitas equipes tradicionais do interior. Que aconteceu?**

Luiz – Você frisou bem, Maringá, Londrina, Cascavel, Toledo, acho que acima de tudo, além dos diretores terem uma culpa, a Federação Paranaense também é uma grande culpada. A Federação viveu uma época que realmente o título era decidido só entre o trio da capital e acho que eles deixou muito a desejar, tanto que o interior deixou de montar time bom, porque sabia que não tinha condição de trombar com time da capital, então acho que a Federação também tem uma parte, tirando os diretores, os dirigentes, prefeitos, vereadores, todo mundo tem culpa, mas a Federação Paranaense tem uma parcela de culpa disso.

**Luiz, qual foi o momento mais marcante pra você, na sua passagem aqui em Maringá?**

Luiz – Acima de tudo as amizades. Tanto que nós temos amigos até hoje em Maringá. O Adoilson é um deles, já somos amigos há vinte anos, o Almeida é outro amigo, então acho que de tudo que o futebol me deu aqui em Maringá, a maior de todas foi os amigos que continuo tendo em Maringá.

**E depois que você saiu daqui, você passou por onde, jogou onde?**

Luiz – Não, eu vim para Maringá com meus trinta anos, já tinha vindo do Figueirense, gostei da cidade, tanto que quando ia renovar contrato e assinar com algum clube, o Grêmio vinha, cobria a proposta de algum clube, eu trabalhei com o Maringá até encerrar minha carreira aqui, em 97.

**Luiz, que história no futebol; o Adoilson contou da semifinal de 89 contra o Atlético. Que história marcou você como jogador, você chegou mais experiente: Que história marcou você como jogador aqui no Grêmio Maringá?**

Luiz – Muitas histórias. Acho que se a gente for um dia começar contar, nós iremos longe. Eu vou trazer as histórias de você ter feito amigos, hoje você anda em Maringá de cabeça em pé, todo mundo, qualquer lugar que você entra é muito bem dado, porque você deixou um nome muito bem montado na história de Maringá, então a melhor história que nós temos é ter deixado um nome bom e toda vez que se fala em montar um Grêmio Maringá a gente é sempre lembrado nos grandes momentos que Maringá teve.

**E dentro de campo, qual o momento que te marcou mais, o quê foi mais importante para você nesses oito anos aqui em Maringá?**

Luiz – Foi essa decisão mesmo com o Atlético, nós tínhamos, acho que naquele ano de 89, a melhor equipe não digo só do Paraná, mas uma das melhores equipes do Brasil, nós tínhamos tudo pra ser campeão paranaense e campeão brasileiro. Então, aí que o voto da Federação teve tudo para deixar o interior forte, se aquele ano o Grêmio de Maringá é campeão paranaense, nós disputávamos a série B do Brasileiro, aquele time ia dar continuidade e o interior ia acompanhar o crescimento de Maringá.

**Apêndice 06****Entrevista: Nedson Fernando dos Santos****Duração: 7:00****Data da entrevista:02/09/2009**

**Nedson, quando que você defendeu o time aqui de Maringá. De quanto até quando você ficou aqui em Maringá?**

Nedson – Eu defendi o Grêmio Maringá na época de 96 e depois o Maringá Futebol Clube, em 97, mas minha passagem no Grêmio foi mesmo em 96.

**E como foi essa passagem, esses dois anos aqui defendendo as cores dos times de Maringá?**

Nedson – Olha, pela cidade foi ótimo, mas como passagem de gestão da própria equipe da época o pessoal deixou muito a desejar com a gente, mas a gente jogava mais por gostar da cidade, por ser da cidade e por na época, por ter, por querer um lugar no sol, entendeu, porque a gente queria jogar em clube grande, a gente jogava pela cidade, pra ter, estar na vitrine e tentar chegar em algum lugar.

**Nedson, como era a torcida na época que você jogava aqui, o pessoal de 62 e 63, campeão, três e quatro, é verdade, e 77. Como foi aí prá você em 97, 98 96-97, 98. Como era o pessoal aqui, a torcida ia, o pessoal sabe que o maringaense ia, apoiava, como que era na sua época a torcida aqui de Maringá?**

Nedson – A gente tinha uma dificuldade grande, porque nosso presidente, na época, o Nilton Sílvio, ele não era muito bem visto pela imprensa e no caso pela torcida. Aí a cobrança era muito grande, devido o Grêmio de Maringá ter sido tricampeão paranaense, então a cobrança era grande. Porém era difícil, a torcida começava até a prestigiar, mas com o tempo, vindo e vendo que a equipe não tinha resultado ela parava de prestigiar, e na verdade eles vinha mais para falar mal do presidente do que pra dar força prá gente. Mas a gente sabia que no fundo, no fundo, eles gostavam da equipe. E a gente, nós éramos profissionais e a gente estava fazendo nosso trabalho que deveria ser feito. Na época uma equipe de amigos, porque a gente passávamos muita dificuldade, inclusive salários, eles não se pagava, era uma equipe praticamente de amigos. Só que foi bacana, na verdade eles prestigiavam,

na maioria das vezes, só que o presidente não era bem visto, como já relatei, então às vezes havia alguma discordância de alguns torcedores.

**Nedson, como era aqui em Maringá? Surgiram vários clubes, o Maringá Atlético Clube, o Maringá Futebol Clube, o Adap Galo, o Galo, o Águia, o Maringá-Iguatemi, agora recentemente. Queria que você falasse um pouquinho porque que todos esses times, na sua opinião, surgiram e sumiram?**

Nedson – Na minha opinião a camisa do Grêmio Maringá é muito forte aqui. Eu acho que quem entrar aqui e não for Grêmio Maringá, dificilmente ele continua, é minha opinião. E outra que, as gestões dessas pessoas, muito, muito amadoras e com isso o futebol de hoje não pode ter amador nesse ramo, hoje o futebol é como se fosse uma empresa, então a gestão é muito precária deles, muito, muito ruim. E o pessoal entra aqui, ou por coisa política, que era da época, ou prá ganhar dinheiro em cima do time, as pessoas entram com intuito disso, então ninguém leva a coisa a sério, por amor do clube não é como uma profissional, então eu penso que foi mais isso daí mesmo, o pessoal entrou só pra usar a imagem do Clube pra se promover.

**E esses times que não surgiram em Maringá e que vêm prá cá. Qual a sua opinião sobre os times que vem de fora e acabam ficando sede aqui em Maringá?**

Nedson – Olha, eu acho que não deveria deixar esses caras entrar aqui, porque é ridículo uma cidade do tamanho igual a essa de Maringá, totalmente, é muito triste, com a estrutura que nós temos hoje aqui, uma cidade a nível, se você contar aí no Brasil, com padrão de vida igual à cidade é muito raro de não ter um time de futebol ao nível dela. É o que já relatei, é a questão de gestão mesmo do pessoal, é ridículo e deixar o pessoal vir aqui e usar nossa estrutura aí é ainda mais triste prá quem já jogou, eu não vou no estádio, sou bem sincero, eu não vou ao estádio pra ver um time de outra cidade usar nossa estrutura. Eu acho totalmente fora de questão, eu não vou. E abomino esse tipo de situação, não gosto, só pra vim aqui pega um pouco de dinheiro que a gente tem aqui ainda, e usar a estrutura e mais nada. Eu torço muito pra que entre alguma pessoa, alguém, um profissional digno ou até que o prefeito ajude a montar, que montasse novamente o Grêmio Maringá, que eu

gostaria que meu filho, eu já tenho um filho hoje de 9 anos, freqüentasse o estádio de futebol pra torcer e aprender a gostar do Grêmio Maringá.

**Nedson, você falou que passou uma fase difícil aqui. Mesmo nessa fase difícil qual que foi o principal momento seu aqui no Grêmio Maringá e no Maringá Futebol Clube?**

Nedson – Eu tive um momento muito bom. Eu não tenho, apesar da torcida na época não gostar do presidente, eu não tenho nada prá falar dele; porque foi uma passagem pra mim, lógico, e ganhar dinheiro e não ganhei, só que nessa passagem eu tive uma oportunidade muito grande na época, de ser emprestado pro Santos. Então isso foi na minha carreira, na minha vida um aprendizado muito grande. Então eu acho que o melhor momento foi quando eu recebi a notícia. Quando eu estava disputando o campeonato paranaense, nós jogamos contra o Londrina, lá em, se não me engano, em Arapongas e quando acabou o jogo eu recebi a notícia da imprensa de Londrina que eu iria pro Santos na outra semana. Que eu seria emprestado. Eu acho que aquele dia foi um dia, além de ser torcedor do clube, foi um dos dias mais marcantes de minha vida, e depois, lógico, lá na frente, ocorreram alguns problemas que não convém falar, só que esse dia foi um dos mais felizes assim na minha vida.

**Nedson, pra terminar, qual uma história que te marcou aqui em Maringá, uma história que você... Conte uma história que sempre se recorde, que você vai contar pro seu filho, vai contar pro seu neto, da época que você jogava aqui em Maringá.**

Nedson – Uma história que conto muito prá ele, conto em roda quando a gente tá conversando, é de um clássico que teve aqui, Maringá, o clássico do café, as duas equipes sempre tiveram dificuldades, mas toda vez que se encontravam era uma rixa muito grande, eu vinha de um campeonato meio, sabe, não muito consistente e a imprensa pegava muito no meu pé, e num jogo contra o Londrina, em Alvorada do Sul, esse clássico eu não me esqueço, nós ganhamos de 1 a 0 o clássico que na época o Londrina fez um baita de um time prá, na verdade não cair pra segunda divisão, eu lembro que Maurício do Botafogo, alguns jogadores da época do Corinthians, agora não vou recordar nomes e nós ganhamos de 1 a 0, com nosso

time de hoje, de amigos, já falei pra vocês, nos ganhamos de 1 a 0 e eu fiz esse gol, então isso conto pro meu filho, eu conto em histórias de futebol prá todo mundo, e isso é uma das coisas que eu levo com muito carinho daqui da época que eu joguei aqui em Maringá.

**Apêndice 07****Entrevista: Reginaldo Ferreira de Lima****Duração: 8:07****Data: 03/09/2009****Reginaldo, quando que você jogou pela equipe aqui de Maringá?**

Reginaldo – Na verdade, eu joguei, eu vestia a camisa do Grêmio por onze anos, desde as categorias de base, dos infantis até o profissional, onde joguei por cinco anos. Então foi do final dos anos 70 até 1987, foram onze anos vestindo a camisa do Grêmio.

**E como você faz um balanço, assim, de sua passagem pelo Grêmio de Maringá?**

Reginaldo – Era uma outra realidade, era um tempo que nós, os garotos daquela época crescíamos com o sonho de jogar no Grêmio. O Grêmio de Maringá era referência do futebol profissional de toda a região. Então o sonho da garotada, e o meu não era diferente, então era de vestir a camisa do Grêmio, jogar no Willy Davis, fazer o clássico do café, esse era o grande sonho da garotada e aonde nós tínhamos aqui jogadores que três, quatro anos antes tinham jogado em times grandes, tinham sido campeões brasileiros, quer dizer, o futebol de Maringá, de Londrina ele era, tinha mais ou mesmo o mesmo nível, o mesmo valor dos times da capital. Era muito bacana, porque existia um equilíbrio e de forças, e nós tínhamos uma torcida que lotava o estádio, apaixonada e a gente então tinha esse sonho de jogar no Grêmio e de representar nossa cidade.

**Você falou que jogou até 87, então onze anos, dá 76. Então você pegou o título de 77, mesmo como Junior. Como que era a realidade naquela época?**

Reginaldo – Nós tínhamos em Maringá uma cidade principalmente muito ligada à política, e eu digo porque João Paulino foi o símbolo do político que vestiu a camisa do futebol. Quando ele, em seu primeiro mandato, lá em 62/63, já ajudou a fundar o Grêmio e o Grêmio até, coincidentemente, talvez ele foi campeão por três vezes, nas três vezes o João Paulo era o Prefeito de Maringá. Então era uma época em que se montava grandes times. O Grêmio foi lá no Palmeira e buscou o Didi, buscou Itamar, trouxe jogadores para poder compor aquele elenco que foi campeão paranaense em

77, não só em 77, mas durante os anos 78, 80. O Grêmio sempre teve times competitivos.

### **E como você hoje a realidade do futebol de Maringá?**

Reginaldo – Nós ficamos alheios ao crescimento, ao desenvolvimento do futebol. A mesma paixão que a gente tinha naqueles anos em que a realidade política era uma, por exemplo, nós tínhamos dois partidos, hoje o pluripartidarismo não permite que você tenha aí um grupo de empresários, de pessoas interessadas e com poder prá tocar o futebol que se reúnam e direcionem para o futebol, porque existe aí as divergências de muitos partidos que só acabam rachando. E uma outra situação que nos complicou aqui, a Lei de Responsabilidade Fiscal, existia uma participação muito grande do poder público, inclusive financeiramente nos times de futebol da época e o profissionalismo que dos anos 90 prá cá o futebol se profissionalizou, passou a ser um negócio, passou a ser um mercado e nós fomos perdendo espaço. Primeiro perdemos a vaga no Brasileiro da Série B, que nós tínhamos um calendário de um ano inteiro, depois o achatamento do campeonato regional que de cinco, seis meses, veio para três, nós fomos perdendo espaço, perdemos a terceira divisão e com isso o futebol de Maringá acabou ficando quase que no amadorismo, então o pessoal da cidade tocando sem condição financeira, longe do mercado, longe da condição de você revela jogadores, fazer negócios, fazer grandes jogos.

### **Na época que você atuou por aqui como era a torcida, como era o Willie Davids, como era atuar no Willie Davis?**

Reginaldo – A gente sabia que no mínimo, num paranaense se você jogasse com um Paranaíba, com um Toledo, com times de menor expressão, você tinha lá no mínimo quatro, cinco, seis mil pessoas, e clássicos era sempre acima de dez mil: dez, quinze, vinte mil pessoas, e a torcida, inclusive até pela localização de Maringá, pela localização do próprio estádio, facilitava muito, o torcedor sempre foi apaixonado, eu tive a oportunidade, o privilégio de participar de alguns grandes jogos aqui, contra times grandes, com estádio lotado, era muito bacana porque a torcida vivia o futebol de uma maneira que hoje já não vive.

**Reginaldo, surgiram vários clubes aqui em Maringá e praticamente quase todos eles, prá não dizer todos, acabaram fechando as portas. Tem algum motivo prá você, o que que pesou nesse fechamento desses clubes?**

Reginaldo – Os motivos são muitos, que culminam nessa situação, mas alguns principais, que eu já citei, que seria essa condição de você não se profissionalizar, não acompanhar a evolução do futebol, de perder o calendário que é onde a gente podia, a equipe estar jogando constantemente, da falta de condição de agora de ajuda do poder público, o futebol do interior, não só de Maringá, ele perdeu muito com isso. Então são fatores que fizeram então nós não nos profissionalizarmos, nós não nos profissionalizamos, nós não tivemos profissionais qualificados para administrar o futebol, como se administra hoje um grande negócio, um negócio, talvez um dos melhores negócios do mundo, é o que gente vê por aí. Nós ficamos então sem mercado, ser poder dá a condição para o torcedor de ver um grande time. Sem contar que o futebol ficou muito caro, ficou caro demais e o jogador prá vir para Maringá ele sabe que saí do mercado e saindo do mercado ele se desvaloriza, como nós não temos dinheiro pra pagar uma boa, eu vou te dar um exemplo, o time mais barato do Paraná, hoje no campeonato brasileiro da série b, é o Paraná Clube, ele deve custar por volta de oitocentos a novecentos mil reais mês. Coritiba e Atlético passam de dois milhões. E a gente faz futebol com cem mil reais, pra tocar um time de futebol, então você a diferença, e prá você levantar cem, cento e cinqüenta mil reais na cidade, de patrocínio, para fazer um time você já não consegue hoje. Então nós ficamos muito distantes da realidade financeira de uma grande equipe de futebol pela somatória de vários fatores, alguns desses que eu citei.

**Reginaldo, e qual o principal momento seu da carreira aqui, defendendo as cores de Maringá?**

Reginaldo – Eu diria que foram alguns jogos. Uma vitória contra o Flamengo, vitória contra o Corinthians, que eu tive oportunidade, foi um gol que ficou marcado, nós ganhamos de 1 a 0, eu fiz o gol. Num time que tinha Zenon, Biro-biro, Leão, Sócrates, Casa Grandes, era uma máquina, então momentos assim que a gente às vezes até hoje é lembrado na rua, aquele gol que você fez, eu estava lá, aquilo ficou marcado, isso é muito bacana, alguns campeonatos eu não tive o privilégio de ser campeão, alguns grandes jogos, grandes campanhas a gente participou, mas não

chegamos ao título, mas eu acho que o que marcou mais importante é isso, é você realizar aquele sonho de moleque de jogar no teu time do coração.

**Reginaldo, para terminar, qual a história que você conta desses onze anos de carreira aqui no Grêmio Maringá; que você sempre conta pra seu filho, pro seu neto. Que história você contaria para eles, uma história que ficou marcada pra você?**

Reginaldo – E, eu acho que é essa história de você perseguir um sonho, quando era muito difícil você jogar no Grêmio, porque o Grêmio sempre contratava, buscava jogadores das equipes grandes e a persistência, acreditar que você tenha condição, tenha potencial pra tar ali, lutar contra circunstância adversa, até porque ser prata da casa você não tinha a valorização que tinha, então de acreditar, de buscar o espaço, de conseguir o espaço, e de jogar, de me firmar como titular, de ter o respeito hoje quando você anda aí pela cidade, das pessoas lembrarem que você teve uma passagem, que você realmente ficou marcado aqui, então é isso que vale muito pra gente, que pretende passar o resto da vida em Maringá, do reconhecimento que a gente adquiriu dentro do campo.

**Apêndice 08****Entrevista: Luis Heitor Linhares****Duração: 12:55 – por telefone****Data: 11/09/2009****Querida que o Sr. Explicasse porque a escolha de Maringá como nova sede do Engenheiro Beltrão.**

Linhares – Olha, nós recebemos um convite do Município, através do vereador Zebrão, com apoio da administração pública, do prefeito, do deputado Ricardo Barros, aonde nos foi proposto aí a vida para Maringá, uma cidade maior. Engenheiro Beltrão hoje é, não conseguiu desenvolver a sua questão estrutural em relação ao crescimento da idéia, o que nos está causando sérios problemas, com a questão do Estádio Municipal aqui, que hoje é carente em razão das exigências da Federação Paranaense da CBF.

**Sr. Luís, e como está sendo a recepção de Maringá, da cidade em si, ao Engenheiro Beltrão?**

Linhares – Olha, nós temos sido bem recebidos, o município, em todos os setores, pela classe política, pelos vereadores, inclusive vereadores em diferentes lados têm demonstrado o apoio prá gente; a gente agradece realmente, que é muito importante, pelo futebol não poder se misturar com política, futebol é uma coisa, tem que ser independente de política, então tudo isso é importante pra que dê certo o projeto, a gente tem apoio, a gente tem motivação para se fazer um bom trabalho.

**Sr. Luís, quais são os planos para o ano de 2010?**

Linhares – Olha, 2010 é de montar uma equipe forte, o projeto da equipe seria alcançar o nível de classificação da série D, esse é meu objetivo maior, pela questão de calendário, isso é muito importante pro calendário nosso, nos temos essa opção até porque não houve Copa Paraná esse anos, então a vaga da Série D, que seria uma só no campeonato, acumula com a vaga da Copa Paraná, então ficam duas vagas para o Estadual.

**Certo, Sr. Luís, e como está a questão do nome? Já foi mudado, ainda está Engenheiro Beltrão? Seria Maringá Cidade Canção? Como está a questão do nome do clube aqui em Maringá?**

Linhares – Nós, nós fizemos já a documentação pertinente, as reuniões pertinentes, já foi decidido o novo nome, nós já fizemos as alterações estatutárias, já demos entrada na Federação pra questão de atualização cadastral do nome do novo time.

**E o nome será mesmo Maringá Cidade Canção Futebol Clube?**

Linhares – Exato.

**Sr. Luís, queria que o Sr. Falasse um pouquinho da história do Engenheiro Beltrão, enquanto esteve em Engenheiro Beltrão, agora se mudando para Maringá. Um pouquinho da história, quando foi fundado?**

Linhares – A INEB iniciou, eu iniciei aqui no futebol da aqui a INEB iniciou em 2003. Nós disputamos a Taça Paraná, que é um campeonato paranaense amador de futebol, que é um campeonato difícilíssimo e nós fomos campeões, em 2003. Na oportunidade nós éramos um clube amador, nós tivemos o convite do então presidente, Naeves Moura, pra transformar o grupo, o time em profissional. Aí nós fomos profissionalizados e nesse ano de 2004 nós disputamos a segunda divisão, a Série Prata na época. Nós começamos até com derrota, nós perdemos aqui pro Águia, que era de Maringá, o primeiro jogo e ao final do campeonato nós conseguimos ser campeão, empatando, nós tínhamos a vantagem do empate, nós empatamos então com o time do Aurélio Almeida, o Império de Toledo, que na época estava em Toledo. Então nós fomos campeões da série prata em 2004. Em menos, aí, de seis meses de profissionalização nós já estávamos na Série Ouro, que em 2005 nos iniciamos, debutamos. A nossa inexperiência em 2005 nos fez cair, na última rodada, o nosso goleiro, tomou até, um lance interessante, tomou um frango lá, e no último minuto e nós caímos perante a União Bandeirante. Em 2006 nós disputamos a série prata novamente, ficamos em quarto colocado. Na época dois times desistiram, na verdade o que aconteceu, o União Bandeirante desistiu e chamaram o Iguazu, aí posteriormente o ADAP fez a fusão com o Galo Maringá e abriu-se mais uma vaga, quer dizer, hoje nós estamos em Maringá em razão da fusão ADAP/Galo. Essa fusão gerou uma vaga, a Federação chamou o Império, o

Toledo, não o Império Toledo pra vaga, que já tinha sido rebaixado, nós pedimos na Justiça Desportiva a liminar e conseguimos a vaga que era devida a nós. Aí, disputamos 2007, montamos um time com oito dias. O Celso Spadotti, o Celinho, era nosso comandante, nós conseguimos montar um time rápido, acabamos em décimo primeiro, inclusive na frente do Irati, um ponto atrás do Londrina, nós quase passamos de fase mesmo montando dessa forma. Em 2008 fizemos uma campanha bonita, ficamos em quinto no campeonato, disputamos a Série C, do Brasileiro, aqui em Engenheiro Beltrão, inclusive com parte das arquibancadas foram isoladas, estruturas metálicas e a CBF não aceita, não admite, nós conseguimos pra jogar aqui, disputamos a série C e fomos muito prejudicados pela arbitragem, ruim do Paraná, que na época nós, na primeira fase os bandeiras eram do Paraná e alguns lances tiraram nós da segunda fase. Então debutamos na série C, não fomos bem em função disso, aí no ano agora, 2009, voltamos a disputar a Série Ouro, chegamos numa posição um pouco difícil, o orçamento um pouco apertado, nosso patrocinador principal, esse anos era uma usina local, aqui, não pode, em função da crise mundial, não pode acompanhar o time, isso causou uma série de dificuldades.

### **E como está a questão de investidores aqui prá Maringá?**

Linhares – Ainda há um pouco de instabilidade em função de estar em trânsito, então isso aí causa um pouco de instabilidade, mas a gente tem tido apoio sim, na questão da alimentação, de transporte, de algumas outras coisas, mas falta ainda fechar, aí, dois patrocinadores para dar uma sustentação maior, vamos conversar com o empresariado, o momento, também, do país não é daqueles melhores, então o futebol deve sofrer muito, não só nós, mas toda região e até todo o estado, aí. Porque realmente está muito magro os investimentos no esporte em função disso, dessa crise toda que vem aí.

### **Sr. Luís, o Sr. Chegou a acompanhar algum, em alguma época anterior os times de Maringá?**

Linhares – Não, nós estivemos inclusive em 2008, tivemos uma grata ajuda do Marcos Faleiros, uma pessoa que a gente tem admiração, Adilson, são pessoas que nos ajudaram muito em 2008, inclusive boa parte do time de 2008 era do Galo. Eram cinco jogadores que nós tínhamos aqui que pertenciam ao grupo do Galo, não

estavam usando e, no final acabamos na frente do Galo, com esses jogadores. Então essa amizade que nós tinha com o Galo era muito forte, a saída do Galo em 2009 pra nós, eu acho que pra região não foi boa, porque Maringá fica órfão de time de futebol e, pra nós, da região, região de Cianorte, Engenheiro Beltrão, Campo Mourão, Paranavaí, tira o brilho do interior, aqui, da nossa força.

**Sr. Luís, pra terminar, essa possível volta do Grêmio Maringá, pelas mãos do Aurélio Almeida, queria que o Sr. Falasse um pouquinho, se haverá uma disputa, uma rivalidade dentro de Maringá, pelo menos no futebol, fora não?**

Linhares – Olha, não vejo por esse lado, nosso objetivo é fazer um trabalho sério, um trabalho firme, econômico, sem muita extravagância. O Aurélio, eu conheço quando eu estava no futebol em 2004, ele já tinha rebaixado o Grêmio e já estava com o Império de Toledo, eu vi ele com o Império Toledo, depois eu vi ele com o Real Brasil, eu vi ele em cinco cidades já diferentes, estava em Brasília por último agora, agora tá de novo. Então fica difícil formar uma opinião sobre o trabalho dele, porque a mutação é muito grande, então a gente não vê um trabalho formado, não vi ele conquistar nada, só vi o time dele ser rebaixado, inclusive quando o Real Brasil subiu à primeira divisão, nós ajudamos muito o Real Brasil, nós emprestamos oito jogadores pra ele, entendeu, isso foi uma época que nós ajudamos e no final, aí depois ele caiu no ano seguinte, deu problemas de fraudes de documentos, lá; alguma coisa na Federação de um jogador lá tinha problema de idade ou de identidade, e no final ele acabou sendo rebaixado por essa situação. Então fica difícil de fazer algum comentário até porque o Grêmio por enquanto, eu só estou vendo de notícia, só vejo no rádio, jornal, blog essas coisa, eu não vejo o time do Grêmio num endereço estabelecido, treinando e disputando alguma coisa. Então o calendário do Grêmio também está muito complicado, vai ser só o ano que vem. Fica difícil formar uma opinião agora, depois também existe aí três Grêmios, a situação tá meio complicada, porque nós temos o Grêmio, o primeiro Grêmio, que realmente são os donos dos títulos, depois tem o outro Grêmio que foi campeão em 77, certo, foi com o Itamar até, que foi treinador nosso, então este é o verdadeiro Grêmio, o outro Grêmio, que é do Aurélio não tem os título que ele fala, por exemplo o AEREB, aqui, tem título de 2004, foi campeão da divisão de acesso, título ela tem, Campeão da Traça Paraná, Campeonato Paranaense de Amadores, são dois título paranaenses

que ela tem, certo, não podemos chegar em Maringá e dizer que nós somos campeões de 77, que isso não existe.

**Apêndice 09****Entrevista: Maurício Gonçalves****Duração: 5:36****Data: 08/09/2009**

**Sr. Maurício, de quando a quando o senhor defendeu as cores aqui do Grêmio Maringá?**

Maurício – de 1964 a 1972.

**Como foi essa passagem do senhor pela equipe aqui do Grêmio? 64, então o senhor foi campeão paranaense pelo Grêmio. Como foi essa passagem do senhor aqui na equipe maringaense?**

Maurício – O Grêmio foi campeão em 63, 64, vice campeão em 65 e 67. Também passou pelo campeonato brasileiro, Robertinho, em 1969. Portanto, nós fomos bicampeões estadual 63/64, vice 65, vice 67.

**E como foi essa participação do senhor no Robertinho, de 69?**

Maurício – É, a participação foi excelente, porque nós fizemos jogo no estado de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e fomos decidir com o Sport, no Recife, uma partida aqui e outra lá, aqui 3 a 0, lá 3 a 0, onde o Grêmio sagrou-se campeão do Robertinho, que praticamente era a segunda divisão do campeonato brasileiro. Existiam também um acordo pra que o campeão da segunda divisão e o campeão da primeira divisão, que na época foi o Santos, disputasse duas partidas pra ver quem seria o campeão brasileiro. Nós fizemos duas partidas com o Santos, 2 a 2, 0 a 0, aí não houve mais interesse na disputa e o Grêmio ficou praticamente como campeão brasileiro, ao lado do Santos em 1969.

**E como o senhor vê, hoje, a realidade do futebol aqui em Maringá?**

Maurício – É um pouquinho triste porque a gente não acompanha, nós tivemos uma fase áurea aqui no Grêmio de Maringá, e aí, com o futebol, televisão e outras coisas mais, trabalho, a gente tem pouca participação no futebol.

**Sr. Maurício, assim, o bicampeonato paranaense, duas vezes vice, o título aí da segunda divisão. Como que foi pra cidade essas conquistas do Grêmio.**

Maurício – Foram excelentes conquistas, porque o Grêmio foi fundado em 1963, 1962. Em 1963 já foi campeão. 64, bicampeão, 65 e 67 vice e campeão brasileiro, infelizmente a estrutura do clube era muito pequena e não estava preparado pros grandes evento que a equipe conseguiu.

**Sr. Maurício, como vê, hoje, a torcida? Como era a torcida na época do senhor e como é a torcida hoje, carente de um time?**

Maurício – Como eu disse, eu não tenho participado mais de futebol, faz tempo que eu não assisto uma partida aqui em Maringá, então o abandono por minha parte foi completo pelo futebol, porque justamente, pela divulgação por televisão de outras cidades disputando o campeonato paulista, campeonato brasileiro, então você se liga um pouquinho mais em jogos pela televisão.

**Com o título do Robertinho, como foi a recepção de Maringá prá vocês, quando vocês chegaram e venceram lá o Sport por 3 a 0?**

Maurício – Praticamente foi uma recepção de cunho nacional, porque a conquista do Grêmio de Maringá foi excelente, porque é uma conquista de segunda divisão, na época um pouquinho mais valorizado do que hoje. A equipe ganhou a segunda divisão porque existiu interesse em disputar o campeonato brasileiro, pra ver quem era o campeão nacional.

**Sr. Maurício, qual a conquista mexeu com a cidade, a conquista do Robertinho ou a conquista do bicampeonato, em 64?**

Maurício – É, tudo e qualquer conquista é, exige um esforço muito grande dos próprios atletas, mas eu acredito que o que ficou marcado mesmo, foi o campeão do Robertinho.

**Sr. Maurício, antes de terminar. Como, uma história marcante, o que que marcou, uma história que o senhor conta pro seu filho, pro seu neto, uma história que não sai da cabeça do senhor dessa época que o senhor defendeu as cores aqui do Grêmio.**

Maurício – É, o futebol a gente participa por muito tempo, então a nossa participação não foi somente no Grêmio, nós tivemos outras participações em campeonato

brasileiro e você sabe que cada partida é uma história, é um momento, é uma alegria ou uma tristeza, então são vários os tipos de alegria e tristeza no futebol, mas eu acredito que aqui em Maringá foi mais marcante mesmo, foi quando a seleção brasileira iria disputar o campeonato, a Copa do Mundo de 66 e nós jogamos com o Santos, onde o Santos venceu a equipe do Grêmio por 11 a 1.

**E, pra terminar, algum fato, pode ser em campo ou extracampo que tenha marcado o senhor, que o senhor guarde com carinho. Foi a conquista do bicampeonato, foi o Robertinho, o que marcou o senhor, o Maurício?**

Maurício – Como eu disse, toda conquista existe sua glória, eu acredito que o Robertinho foi o que mais marcou a todos os jogadores do Grêmio.

**Apêndice 10****Entrevista: Roderley Geraldo de Oliveira****Duração: 21:07****Data: 02/09/2009****Rodeley, quando, por quantos anos e de quando a quando você defendeu as cores do time de Maringá?**

Roderley – Eu sou Roderley, eu sou oriundo do futebol paulista, do Nacional Atlético Clube, em 1963 me transferi para o Esportivo Jacarezinho e, no mesmo ano, me tornei jogador do Grêmio de Esportes de Maringá. Tive o privilégio e felicidade de ser campeão paranaense pelo Grêmio de Maringá, não jogando, mas sim contratado em 63. Em 64, como titular absoluto da equipe do Grêmio, onde fomos campeões estadual. Ah, fui campeão paranaense, também por duas outras oportunidades no Coritiba Futebol Clube, no ano de 1968 e 1969. Tive a oportunidade de jogar em nove países da Europa, defendendo a equipe do Coritiba Futebol Clube, na década de 69, no ano de 69, na década de 60. Tenho o privilégio de ter meu pé gravado na calçada da fama do Estádio Pinheirão e mais ainda um livro relacionado à minha vida, minha história, minha passagem pelo futebol. Este é o Roderley que vocês não tiveram a oportunidade de conhecer pessoalmente, mas que está aqui dando um demonstrativo, uma prova de sua existência no futebol, com tudo isso conquistado. Eu estou, hoje, radicado em Maringá, já estou em Maringá há 47 anos, prestando relevantes serviços, não só ao futebol profissional como jogador, mas como cidadão, como pessoa humilde, prestando serviços à formação de novos atletas, novos talentos; e principalmente novos caráter, pra que os nossos jovens tenham oportunidade de se afastar do submundo da droga, da marginalidade e do mundo perdido que hoje os nossos jovens realmente direcionam suas vidas. Sou comentarista esportivo da Rádio Atalaia, num programa chamado A boca do povo, da boca do povo, que vai ao ar das 10 às 11 horas, nessa emissora, ou seja, Rádio Atalaia, junto com meu companheiro Toni Silva, que é o âncora, o titular da programação, e estou daqui pra frente inteiramente à sua disposição.

**Roderley, queria que você falasse de como foi sua passagem, você chegou em 64, foi campeão em 64, e ficou em Maringá até quando?**

Roderley – Eu estou em Maringá há 47 anos, desde 63, já estamos em 2010, próximo de 2010, de 46 a 47 anos. Tive grandes momentos no nosso futebol,

conquistamos grandes coisas, prá justificar a nossa presença aqui como profissional de futebol, ajudamos com essas conquistas de campeonato paranaense, ajudamos quer queiram, quer não, a escrever a história da nossa cidade, história essa que jamais seremos apagados, dessa sequência de conquistas, pra que Maringá na época que defendíamos fosse reconhecido a nível estadual, nacional e internacional, jogando contra grandes adversários como a seleção da Romênia, da Bulgária, Rapid de Quênia, e principalmente a seleção da Rússia, que em 1966, no mundial da Inglaterra foi a quarta colocada, mas meses antes dessa copa do mundo, ela se curvou perante o Grêmio de Maringá, por 3 a 2, no Estádio Willie Dais, onde nos deu esse grande privilégio e o orgulho de dizermos “Vencemos um dos principais, uma das principais seleções do futebol mundial”.

**Roderley, como que foi o futebol maringaense, como era a realidade do futebol maringaense quando vocês estava por aqui?**

Roderley – O futebol teve naturalmente diversas mudanças, antigamente se via abnegados, pessoas inteiramente voltadas a oferecer à população um futebol gratuito, que se trabalhava firme, não obtinha vantagens ou lucros, e o futebol ia muito bem, diga-se de passagem. Grandes equipes do nosso futebol, que conquistaram títulos, como Jacarezinho, Cornélio Procópio, Londrina, Mandaguari, foram lídimos representantes do futebol do interior. Mas com o decorrer do tempo, a mentalidade mudou, a política tomou conta desse e se envolveu com muita força porque quer queiram quer não o futebol é um veículo que promove, divulga o nome do cidadão, e eles começaram a se utilizar daquilo que o futebol poderia oferecer para alcançar seus objetivos políticos. E a coisa começou a enfraquecer, começou a ter a grande mudança, a grande transformação, e hoje o futebol é, infelizmente, ele é visto por políticos para se promover, pra se eleger. Ou por empresário que objetivam enriquecer e lamentavelmente nunca se vê ninguém interessado em oferecer à população os momentos de descontração, de alegria, de felicidade que o futebol era oferecido no meu tempo, na época saudosa do Grêmio Esportivo de Maringá, o glorioso Galo do Norte. Hoje é ruim, os interesses são outros, os objetivos são outros e o futebol se não fosse a sua beleza, a sua, o seu dinamismo, naturalmente não chamaria a atenção dos oportunistas, dos aproveitadores, muitos indivíduos paraquedistas que se atiram e onde cair, caiu, caiu em Maringá, procuram no futebol um meio de sobreviver, conseguindo a popularidade, o reconhecimento, a

fama, e conseqüentemente, se envolve com a política, se eleger, e acabam virando as costas para as dificuldades que o futebol, hoje, vive na cidade Maringá.

**Roderley, e como que você vê a torcida na época que você jogava, lotava o Willie Davis, como é que era a torcida na sua época, como você vê a torcida agora, que nem time pra torcer tem?**

Roderley – Não tem time porque não tem homens competentes, capacitados, profissionais e preparados para visualizar no futuro o que deve buscar em termos de jogadores talentosos, para se formar uma boa equipe primeiro, porque antigamente eu jogava contra o Grêmio, se eu era bom jogador, o Grêmio me contratava, e o Grêmio formava, eu falo pelo Grêmio de Maringá porque é quem defendi orgulhosamente, e aonde tinha bons jogadores, o Grêmio ia lá e contratava para se formar sempre uma equipe cada vez melhor, o ano que vem em relação a este ano, este ano em relação ao ano anterior e esta era a mentalidade, sem visar lucros, sem visar vantagens, porque na minha época dirigente de futebol nenhum era candidato, a, em termos políticos e nem um diretor ficou rico no meu tempo de futebol, porque eram verdadeiros abnegados, pessoas que se dedicavam integralmente ao futebol, deixando muitas vezes sua família, seus compromissos de trabalho, suas empresas, para se dedicar e engrandecer o nome da cidade, tocando futebol. Mas hoje mudou, hoje infelizmente não se tem público nos estádios, sobretudo não se tem boas equipes e não tendo boas equipes você não tem público nos estádios, sobretudo não se tem boas equipes e não tendo boas equipes você não tem público, não tendo bom público, não tem boas rendas, não tendo boas rendas não se tem realmente recursos financeiros para se tocar um futebol. E depois tantos os empresários, políticos, na época João Paulino, diga-se de passagem, o maior baluarte da história pública do futebol, o que mais ajudou, eles ajudaram tudo que puderam, mas começaram a chegar os oportunistas e esses desvios, desvios financeiros começaram a acontecer e o futebol é que perdeu para chegarmos ao momento que chegamos, com grande dificuldade para termos uma boa equipe. Porque tem os contadores de histórias, que prometem, mas passamos a acreditar como São Tomé, São Tomé, precisamos ver prá crer, porque de histórias já estamos cansados, de mentirosos estamos cansados, de oportunistas, aproveitadores e gente que vem à Maringá prá resolver o problema deles, no aspecto financeiro ou no aspecto político, e a cidade e a população fica chupando o

dedo sem ter realmente uma boa equipe, que o representa, represente a cidade com dignidade pra motivar o torcedor a ir ao estádio, manter realmente um bom público, manter uma boa renda e manter financeiramente uma equipe, do jeito que se promete, do jeito que se faz dificilmente teremos uma grande força futebolística, daqui prá gente enquanto não surgirem pessoas sérias e honestas jamais vamos alcançar esses objetivos.

**Roderley, e assim, surgiram vários clubes aqui em Maringá, depois do Grêmio, nenhum vingou, todos acabaram fechando as portas. Você tem alguma explicação para isso tirando a seriedade que você já falou, que faltou um trabalho sério. Você tem alguma outra justificativa para isso?**

Roderley – São incompetência, incapacidade, falta de credibilidade no mercado pra buscar recursos e amorismo. Hoje em dia qualquer pé de chinelo, qualquer Zé ninguém é dirigente de futebol e discute comigo, por exemplo, com 52 anos de experiência futebolística profissional de igual pra igual, com se eu pouco soubesse e eles com alguns meses ou poucos anos entendessem tudo, então acabou a humildade no futebol. Acabou o objetivo de se formar uma grande equipe, de se dar ao público um momento de alegria, de descontração, de felicidade aos domingos, pra se fazer um futebol financeiro e um futebol político. Então a política entrou no meio, o objetivo financeiro entrou no meio, e a incompetência entrou no meio, a incapacidade entrou no meio e o amorismo entrou no meio e é por isso que o futebol de Maringá hoje é um fracasso.

**Roderley, a gente sabe, o futebol tem aquela coisa de criar heróis e vilões, na época que você jogava aqui, você presenciou alguma, algum fato que criou um herói ou que criou um vilão?**

Roderley – Olha, o herói é o que jogou, que defendeu com galhardia, com amor, com dedicação, com respeito ao público, o dirigente que fez, com o mesmo espírito, um trabalho para hoje ser lembrado, então quem faz um bom plantio, naturalmente colhe bons frutos. Eu quero, vou citar pra vocês nomes marcantes que a história esqueceu, eu vou lembrar o nome de Domingos José Mansur, Navarro Mansur, o presidente do Grêmio, Osvaldo Molina, João Bercezzi, Aníbal Matias, Doracy Pagani, Homero Monteiro e assim por diante, David Zacarias, Sérgio Soares, e Dr.

Surita, uma infinidade de abnegados que por muito tempo se dedicaram a manter a grandeza do futebol em Maringá, mas depois desses nomes se deu fracassos, fracassos e mais fracassos, oportunistas, oportunistas e oportunistas. E eu não vou dizer ladrão, ladrões e ladrões, porque eu não vi roubar, eu só vi o fracasso acontecer, o dinheiro entrar e o dinheiro não ser aplicado devidamente, honestamente e profissionalmente.

**Roderley, quando vocês foram campeões estaduais. Qual foi a repercussão no Estado, era um time que era novo, não era um time, time que tinha dois ou três anos de fundação e um time que chegou e desbancou os times que tinham uma tradição no estado?**

Roderley – O Grêmio de Maringá foi fundado em 1961, em 1963 ele foi campeão do Norte do Paraná e campeão do estado. Em 1964 ele foi bicampeão do norte e bicampeão do estado, em 1965 ele foi tricampeão do norte e vice campeão do estado, então uma criança que nasceu grande e adulta, ela só por ter uma resposta, o grande espírito profissional, a grande competência, a grande capacidade, a grande honestidade e a grande vontade de fazer de Maringá uma cidade respeitada no cenário desportivo, não só do Paraná, do Brasil e do exterior e isto é o grande resultado, vitórias, vitórias e vitórias. Fez com que a história registrasse a nossa passagem. Derrotas, fracassos e perdas são para os bandidos que entraram no nosso futebol quando ele começou a decair e lamentavelmente está decadente, está sem nomes respeitáveis para futuramente administrar as coisas do nosso futebol, porque eles perderam as características, não têm hoje competência e o respeito da população para transmitir ao torcedor a confiança que o torcedor precisa pra dar a ele esse voto de confiança, acreditando que eles tenham competência e capacidade profissional, honestidade, idoneidade e transparência pra transformar novamente o futebol de Maringá num futebol respeitado, até certo ponto temido por nossos adversários, portanto que nós éramos superiores a eles, uma equipe formada lha pouco anos, um jovem clube que surpreendeu no cenário esportivo do Paraná, do Brasil e que teve grandes momentos, chegando ser até campeão brasileiro, mas lamentavelmente surgiram os ladrões que roubaram a história, a riquíssima história que o futebol de Maringá conquistou no passado com grande esforço, com grande sacrifício.

**Roderley, na sua época os times do interior, você falando de Cornélio Procópio, do Mandaguari, aqui de Maringá mesmo, os times do interior tinham uma força maior dentro do estado. O que aconteceu pros times da capital ficarem tão soberanos, como eles estão hoje em relação aos times do interior?**

Roderley – Pra começar, nós ficamos a sermos campeões temporariamente porque os grandes homens foram se afastando, foram se aproximando os oportunistas, aqueles que lá de fora, lá de cima estão vendo que futebol era o grande veículo pra ele se promover politicamente e buscar os seus objetivos financeiros. E os bons caráter foram se afastando, foram cansando, foram dando a oportunidade, o espaço pros oportunistas. E os times da capital eles tem uma estrutura, eles são clubes de uma capital, com dois milhões e pouco de habitantes, se dividir pra quatro equipes, dá quinhentos mil torcedores e o Coritiba que tem hegemonia, tem a grande torcida da capital, leva uma grande vantagem sobre o Atlético, que é menor, é mais frenética, é mais vibrante, mas é menor. E o Colorado, que se transformou em Paraná Clube, que também tem uma grande, uma boa fatia, infelizmente eles tem uma estrutura, um patrimônio, eles tem como se manter, tem número, tem um quadro associado respeitoso enquanto que em Maringá, no interior do Paraná, os associados pagavam uma mensalidade e o dinheiro realmente ia pro bolso dos nossos dirigentes. Isso foi cansando os empresários que ajudavam, o comerciante, o empresário da indústria, o poder legislativo ajudou, cansou e está aí o grande resultado, fracasso e mais fracasso.

**Roderley, antes de terminar queria que você falasse qual foi o diferencial da equipe que você estava em 64, que foi campeã estadual. Qual que era o diferencial dela para as outras equipes, para as equipes do estado mesmo. Qual era o diferencial do Grêmio de Maringá?**

Roderley – Você perguntou diferencial referente aos nossos adversários, Primeiro, qualidade técnica, nós éramos melhor, dificilmente, nem sempre vence o melhor, porque num campeonato de vinte clubes, aonde você tem dezoito jogos no primeiro turno, na competição trinta e seis jogos, você compete e consegue um número maior de pontos conquistados e um número menor de pontos perdidos, você já mostrou uma grande superioridade. Uma qualidade técnica, segundo aspecto, financeiro, Maringá não tinha nada, o Grêmio de Maringá, a não ser um plantel de vinte

jogadores. E as rendas de Maringá eram vinte e cinco, vinte, vinte e cinco, trinta mil torcedores por jogo. Então não havia problemas financeiros porque nós levávamos o público ao campo. Porque levávamos, porque nós tínhamos uma qualidade acima de todo mundo e nós éramos, quer queiram quer não, o grande orgulho da torcida e do povo de Maringá. E isto fazia com que nós tínhamos um compromisso, uma responsabilidade muito grande em não decepcionar essa confiança que o torcedor depositava em cada um de nós, coletivamente o conjunto era muito qualificado, muito bom. Treinador excelente, dividindo tudo isso, nós tínhamos um treinador que sabia levar uma equipe entrosada, homogênea, padronizada e com personalidade prá dentro do campo. Atacantes que fazia gol e zagueiros eficientes que não permitiam a superioridade do adversário, eram superior aos atacantes adversários, nossos atacantes superior aos zagueiros do adversário, um meio de campo coeso, cheio de qualidade, de virtudes, então nosso time era melhor. Essa é a grande razão de que eu posso dizer categoricamente enquanto o Grêmio de Maringá foi grande, ele foi grande porque ele foi superior a todos. E sobre isso a história pode responder para você, com os títulos que Maringá conquistou.

**Roderley, e agora, prá terminar, uma história que te marcou, pode ser do título de 64 ou do tempo que você defendeu. Uma história que você guarda na memória, que foi uma coisa marcante pro Roderley.**

Roderley – Isso foi em dois momentos da minha carreira. O melhor e o pior, o máximo e o mínimo. Eu sou jogador oriundo do futebol de São Paulo. Joguei no Nacional Atlético Clube da capital de São Paulo, Nacional esse que em 1968 nós éramos a sexta força do futebol paulista, perdemos pro Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos e Portuguesa, aí viemos, veio o Nacional na sexta colocação do campeonato de 1968. Lamentavelmente em 1961 nós fomos rebaixados pra segunda divisão. Isso é uma dor irreparável, inesquecível, é o mínimo que um jogador pode chegar no fundo do poço e eu cheguei. Mas, em contrapartida, eu disputei cinco títulos no Paraná e dos cinco, três eu venci. Eu sou um vencedor porque numa perda não supera os três títulos conquistados, e não eu ganhei, eu ganhei justamente com o espírito de companheirismo, o espírito de maringaense, que nós tínhamos, nós partíamos para o povo, para a torcida e isso, e essa foi a grande gratificação que eu tive, a grande alegria de oferecer para Maringá o título de 1964, atuando, muito acima dos dois outros títulos que eu tive conquistado pelo

Coritiba em 1968, 1969. Nos três títulos como titular absoluto, jogando todas as partidas desses respectivos campeonatos. Tenho orgulho muito grande de ter marcado Pelé, uma base de dez vezes na minha carreira, tenho um orgulho muito grande também por ter meu pé gravado na calçada da fama, no Estádio Pinheirão e os dez, nove países que o Coritiba me ofereceu de presente, eu que estive, tive oportunidade de conhecer e jogar, o que engrandeceu e enriqueceu a minha carreira futebolística. Estamos sempre à disposição pro que você precisar e deixo a todos um forte e sincero abraço e a minha gratidão por essa oportunidade.

**Apêndice 11****Entrevista: Krienger Ramos – Zuring****Duração: 22:25 – por telefone****Data: 11/09/2009****Quando o senhor defendeu as cores, aqui, do Grêmio Maringá?**

Zuring – Quando?

**Isso**

Zuring – Eu cheguei através do meu amigo Roderley, Edgard, que tinha assinado contrato com o Grêmio, ele viera do Jacarezinho. E nós jogamos juntos em São Paulo, no Nacional de São Paulo, onde disputava a primeira divisão em 1959. Depois nós rodamos por aí, eu fui para outros clubes, eles foram para outros clubes. E em 1964 eu tinha chegado do Chile, eu joguei dois anos no Chile, futebol chileno, e eu fui no Nacional de São Paulo, eu morava em São Paulo, eu fui ver um treino no Nacional de São Paulo e eu encontrei o Roderley lá. Aí disse para mim que estava em Maringá e tal. Mas eu falei “como é que é lá, Maringá? Onde fica isso?” “É Paraná, rapaz. Lá tá formando um time, foi campeão e tão formando um time bom, assim, assim, assim, assim e tal, um time espetacular, cidade nova.” “Onde fica”. Ele falou prá lá de Londrina. Londrina era conhecida na época, Maringá era menos. E eu estava sem clube, ele falou você vem pra cá e eu fui. Então cheguei em Maringá em 1964. E assinei contrato aí, aí nos formamos um senhor time, já tinha um time bom, né, aí teve uma reforma de jogadores, jogadores novos, contratados, aí nos fomos bicampeão paranaense, 64, foi em 65, 66, nós fomos tricampeão, que antigamente jogava norte, no norte, tricampeão do Norte, aí nos ficamos vice campeão do estado.

**Seu Zuring, o senhor ficou aqui até quando?**

Zuring – Eu fiquei até o ano 2000 aí em Maringá.

**E como foi essa passagem como jogador, o balanço que o senhor faz, foi uma passagem positiva pelo time de Maringá?**

Zuring – Ah, foi. Eu, nós conseguimos elevar o nome da cidade de Maringá e o futebol do Grêmio através desse plantel, o plantel anterior, o de 63 e o nosso que foi de 64, 65, 66, 67, que nós fomos bicampeão paranaense, nós fomos campeões do

Torneio Roberto Gomes Pedrosa, que hoje é a segunda divisão, né, nós fomos campeão, o primeiro campeão interestadual do Paraná, foi o Grêmio de Esportes de Maringá, com esse título em cima do Sport Clube Recife, lá em Recife. Mas primeiro nós passamos pelo Paraná, houve eliminatória, depois nós eliminamos Santa Catarina, eliminamos um time do Rio Grande do Sul, depois nós eliminamos um time de Minas e nós jogos jogar a final com o Sport Clube Recife. Mas nessas alturas eu tinha sido jogador e era treinado, já nessa época então eu fui jogador e como treinador campeão brasileiro nesse clube que chamava-se Grêmio Esportivo Maringá, que fez o nome do futebol maringaense, foi o Grêmio Esportivo Maringá, que foi da nossa geração, minha, do Roderley, do Edegar, Haroldo, esses nomes mais famosos da época do clube, então foi uma geração, o Maurício, goleiro. Então nós tivemos um excelente time nessa época, nós ganhávamos tudo, aí, né, e depois de 1970, encerrou-se a atividade do Grêmio Esportivo Maringá, 1969, por falta de verba o plantel, eu me machuquei, não jogava mais. Aquele plantel famoso se desfez, formou-se outros times, outros plantéis, até razoáveis, mas não conseguiu o êxito que nós tínhamos conseguido com essa geração.

**Sr. Zuring, qual que foi o momento mais marcante da carreira do senhor como jogador aqui em Maringá e como treinador também?**

Zuring – Bem, eu como jogador tive um título do bicampeonato no jogo em Maringá que nós decidimos o bicampeonato, eu fiz o primeiro gol, que nós ganhamos de 2 a 0, do time que tinha sido campeão em cima do Coritiba, do Atlético, surgiu um time, o Seletto de Paranaguá, que era um time ali do litoral, formaram assim um plantel aquele ano, então eles paparam tudo os times da capital e nós aqui do norte, superando o Londrina, Apucarana, na época, Arapongas, que tinha aqueles times bons também, nós fomos tricampeões aqui do Norte, Aí nos fomos jogar com o Seletto e na última partida nós ganhamos lá de, nós empatamos lá 2 a 2, por sinal o Roderley fez o gol de empate, de cabeça, no finzinho do jogo e nós viemos jogar em Maringá por uma vitória, nós éramos tricampeões paranaenses. Eu fiz o primeiro gol e o Roque Etálio, então foi um dia muito emocionante. Mas teve outras conquistas, o tricampeonato da zona norte, eu fiz um golaço, estava 2 a 2 contra o União Bandeirante, era o batero oficial do clube. Então fiz gols decisivos, aí, eu era um meia-esquerda naquela época, geralmente jogava-se com ponta direita, um meio direita, um centro avante, um ponta esquerda, esses caras é que tinham que fazer

gol, mas eu que tinha sido atacante quando eu iniciei a jogar na profissão de jogador de futebol, eu fui atacante, então eu tinha muita facilidade em bater na bola com as duas pernas, pé esquerdo, pé direito, eu chutava muito forte, então eu fazia muitos gols, foi uma das minhas grandes conquistas, eu fiz muitos gols pelo Grêmio. Então eu tenho grandes recordações de excelente plantel que tive na minha mão. Como treinando também, como treinador eu fui técnico revelação, em 1967 pra 68 no Paraná. Aí eu iniciei minha carreira como treinador do Grêmio, fui treinador muitos anos, fui roupeiro, fui tesoureiro, eu fiz tudo nesse clube aí, que é meu time de coração, foi o Grêmio. Por sinal, abandonei o futebol, que eu tive um acidente, um problema de rim, tive que operar o rim e não pude mais jogar futebol em 1967 para 68, aí me tornei treinador, depois eu fiz de tudo aí, meu time do coração e me aposentei como técnico profissional pelo Grêmio de Esporte de Maringá, consegui minha aposentadoria através do Grêmio, também, e por sinal uma aposentadoria até boa na época.

**Sr. Zuring, comparando a passagem do senhor como treinador e como jogador. Qual foi mais vitoriosa, como jogador ou como treinador?**

Zuring – Ah, foi como jogador, né, como jogador conseguimos formar um plantel, principalmente eu e o Haroldo, um volante, nós por três anos consecutivos, nós éramos maior, porque jogava futebol, jogava quatro zagueiros, dois jogadores de meio de campo e quatro atacantes. Então as famosas meia-cancha na época. Então eu e o Haroldo fomos por três anos consecutivos a maior dupla de meio de campo. Haroldo e Zuring, então a minha passagem pelo futebol foi mais, como vencedor, como jogador, do que como técnico, técnico eu consegui ser vice campeão do estado, tricampeão como treinador do Grêmio de Esporte Maringá, do norte, fui campeão brasileiro, como treinador, também, do Robertinho, mas a minha maior glória que eu tive foi como jogador. Que nós tínhamos um cioso plantel, jogadores famosos, era Miro, Maurício, Roderley, Pinduca, Edson Faria, Haroldo, Zuring, esse foi o time mais famoso lá. Adanúbio, Valter Prado, Edegar, o maior artilheiro de todos tempos do futebol paranaense, Zuring e o ponta esquerda era o Luís Roberto, então era um senhor time.

**Sr. Zuring, você ainda acompanha o futebol de Maringá ou depois de 2000?**

Zuring – Infelizmente, rapaz, o futebol hoje não tem mais aqueles dirigentes da cidade, jogadores que jogam com amor ao clube, eu mesmo fui, apesar de toda a fama que nós tínhamos aí, em Maringá, eu assinei contrato em branco lá, assinava em branco na palavra do treinador. Ele ficava lá por sinal, até eu, Haroldo, Edegar, foi os jogador na época que fez os contratos mais caro aí, eu fiz o contrato e ganhei um Volks, no contrato e o cara me assinou um papel, o falecido Bercelli, o seu Navarro Mansur, que foi um dos maior presidente do Grêmio, pegaram um papel que valia um carro, e não é que daí um tempo, eles me deram o carro, porque era a confiança assim que a gente tinha no clube. Então tem essas passagens todas que agora eu posso revelar, pra uma entrevista que estou dando para você. Assinei contrato em branco em Maringá, eu Edegar, o Haroldo, Roderley, o Roderley ganhou uma casa, o Roderley ganhou uma casa para assinar o contrato. Era essa época foi maravilhosa mesmo, na nossa época.

**Sr. Zuring, como era a estrutura do Grêmio quando o senhor veio para cá?**

Zuring – A estrutura do Grêmio era a seguinte, não tinha. Quem tocava futebol era fazendeiro ou comerciante, o nosso diretor, o tesoureiro nosso era português, Aníbal Matias, falecido hoje, grande dirigente, César Valebom, que mexia com café, sacaria de café, agora ele está, não sei, o meu amigo Cesinha, Navarro Mansur, o Sr. Garcia, o Sr. Molina, a colônia portuguesa e a nossa torcida que ia ao estádio. Nós íamos jogar, naquela época Maringá, se não me engano tinha 67 mil habitantes quando cheguei, não chegava a 70. O nosso público era oito, nove mil pessoas por jogo, rapaz, então quando veio aqueles grandes clubes, a seleção da Rússia, Santos, Palmeira, nossa, lotava esse campo pra dez, onze, quinze mil pessoas, naquela época a gente jogava pra esse publico, aí outra época tinha bingo, que tocava futebol, naquele bingo ele rifava carro, caminhão, então o clube a cada sessenta, noventa dias fazia essas promoções e eles nos pagavam e nós recebia em dia, jogador na época recebia em dia, por sinal ganhava bom salário, bicho muito bom na época. Maringá, Maringá tinha aquela disputa com Londrina, existia naquela época Curitiba, Londrina que era a capital do café na época, e Maringá, aqui, então a disputa no futebol, nessa geração nossa de 64, 65, 66, 67, 68, a supremacia era nossa no futebol paranaense, principalmente em cima do Londrina, que seria um caso assim Corinthians e Palmeira, rivalidade mais ou menos esses times, Guarani e Ponte Preta, são clubes do locais, essa rivalidade de cidade, que Londrina sempre

foi maior que Maringá e hoje continua, mas não é mais bonita do que Maringá, a verdade é essa. Nossa querida Maringá. Então tinha essa disputa, nós conseguimos através do futebol divulgar o nome de Maringá no Brasil todo, ganhamos da Rússia, empatamos como Palmeiras, seleção da Bulgária, seleção da, uma infinidade de times grandes. Então divulgamos muito o nome de Maringá nessa época, por isso que nós ficamos, marcou a nossa passagem no futebol maringaense através de todas essas conquistas.

**Sr. Zuring, eu queria que o senhor falasse um pouquinho desse jogo contra a Rússia. O goleiro da Rússia, era o Yashin, o Aranha Negra. Como foi esse jogo pra vocês que eram do interior do Paraná enfrentando o melhor, considerado por muitos o melhor goleiro do mundo?**

Zuring – Do mundo, inclusive eu tenho fotos aqui, que houve uma contusão de um jogador nosso, aliás da Rússia e nós estamos de volta, assim dele lá, o cara está deitado e no fundo aparece o Yashin, grande goleirão. Esse jogo foi marcado pelo seguinte, a Rússia chegou em Maringá, porque você é de uma geração, existia aquela guerra fria, você está gravando isso aí? Então é bom para você escutar essa. Nós, eu, mas antes de eu jogar contra a Rússia, era mais moleque, agente ouvia muitas notícia daquela briga entre os Estados Unidos e a Rússia, e a propaganda que se ouvia no mundo e nós mais através dos Estados Unidos, os americanos que nós sabíamos mais aqui, nós acreditávamos que russo matava criança e comia, tá sabendo, era aquela guerra fria. Então a seleção da Rússia, quando veio para o Brasil, aqui foi aquela coisa, só União Soviética, União Soviética, e foi aquela tensão, principalmente chegando em Maringá, cidade pequena na época, eles ficaram concentrados no Hotel Bandeirantes, que era o único hotel mais luxuoso da cidade e a imprensa, os noticiários da semana toda, eles chegaram com um dia de antecedência, eles tinham jogado com o Atlético Mineiro, em Minas, numa quarta feira e depois vieram pra cá e chegaram na quinta aqui, ou na sexta feira de manhã. Eles tinham ganho de 4 a 1 do Atlético Mineiro, lá no campo do Atlético Mineiro. Então chegou com aquela fama, de russo lá, e no sábado eles foram treinar no Country Clube e a imprensa deu a notícia toda que eles, após o treino deles ali, eles comeram sanduíches, tomaram suco de laranja, isso pros times de futebol brasileiro aqui, e os nossos não acontecia nada disso, você tomava um café de manhã, comia um pastelzinho ai nos barzinho da cidade, no centro, onde é o Cine Maringá, no

centro aí, tinham uns bar ali do lado, hoje parece que é a Igreja do Bispo Macedo, é isso. Nós chegava aí, tomava uma xícara de café, comia um pastelinho senão um quibe e ia pro campo treinar. E quando nós soubemos disso, no dia que acabou o treino deles lá, nego comendo sanduíche, presunto, queijo, suco de laranja e tal, nós comíamos na época tinha ali em cima, pra quem vai é a saída pra Paranavaí, subindo o Baixadão, tinha o Bar Fim da Picada, Restaurante Fim da Picada e o cara botava feijão, até era feijão com tranqueira, sabe, e agente comia lá, feijão, pé de porco, arroz, feijão, cada bistecão, então ficou aquela “puta” propaganda, e chegou no domingo, aquela euforia, que os homens tinha ganho de 4 do Atlético Mineiro, que era um dos times grandes do futebol brasileiro, como é até hoje, e nós time do Paranaíba, lá, então nos fomos e ganhamos deles então foi aquela sensação, então a partida contra a Rússia foi marcada por toda essa, esses acontecimentos, aquela euforia pra ver como é que era os russos, e aquela propaganda da guerra fria, que vivia a Rússia e os Estados Unidos, que a gente imaginava que os russos comiam criança, que matava isso, que matava aquilo, a propaganda era essa mesma, a gente tinha má impressão da Rússia, como nós hoje nós temos da China, da Coreia do Norte, que agora já escruta mais comentário na época da Rússia era isso. Então foi um dos grandes acontecimentos e nós conseguimos ganhar e eles tinham esse famoso que até hoje na história do futebol mundial, é o maior goleiro de todos os tempos, Yashin, nós ganhamos, nos estávamos ganhando de 2, acho que ganhamos de 2 a 0, 3 a 0, coisa assim. O Idegar que fez o último gol ainda esse goleador ai na seleção.

**Sr. Zuring, como era a torcida de Maringá, o senhor falou que a cidade era bem menor do que é hoje e levava nove mil pessoas no estádio. Como era o apoio da torcida pro time do Grêmio?**

Zuring – A torcida, existiam dois locutores esportivos na época, não sei qual dos dois que botou esse apelido na torcida. Antônio Paulo Cuca e o Ferrari Júnior. Os dois maiores, e repórteres na época Ari Bueno de Godói, Valdir Pinheiro, era uma nata de pessoal da rádio aí, que faziam um trabalho magnífico. E Frederico Barbosa, do rádio, tinha o Frank Silva, ainda não era o dono do Diário, o Diário não era essa bola, que é um dos maiores diários que tem aí hoje, e não tinha popularidade, era a Folha do Norte, ou não sei o quê do Norte, o Frederico, o Frederico Barbosa fazia parte desse pessoal, eu ao sei qual foi o cara que inventou e botou o nome de

Torcida Guerreira e cravou na Torcida Guerreira, que se tornou aquela torcida que foi angariando e a pessoa se orgulhava de ser da Torcida Guerreira através de nossas conquistas dentro do campo. Através de nossas conquistas, nós fizéssemos que eles se tornassem a maior torcida do estado, naquela nossa geração que foi de 64, 63, 64 até 1969, 69, que nós estivemos na crista da onda, depois dessa época surgiu o Grêmio de Esportes Maringá, através do Êlnio, que deve ser um desportista, radialista que mexe com jornal, ele formou um time o Grêmio de Esportes Maringá, na cidade de Marialva, que o futebol tinha 'abrido' falência, má administração da época e não poderia usar esse nome. Então ele botou Grêmio de Esportes Maringá, e houve novas conquistas novamente, em 1977 aí disputou o Campeonato Brasileiro, até o Itamar fez aquele gol famoso, lá em Curitiba que nos deu o título e não era só Itamar, era Nivaldo, Didi, Ferreirinha, era um senhor time, o Olavo de goleiro, era um timaço, que tinha também, que levou o nome, mas tudo com nossa gloriosa camisa preta e branco, que nós tínhamos feito história anteriormente, e a torcida nunca aceitou qualquer outro tipo de camisa, cor de camisa, ou emblema, sempre puxando a tradicional do Grêmio Esportivo, que é da nossa geração.

**Sr. Zuring, e prá terminar, Maringá foi marcante na carreira do senhor como futebolista?**

Zuring – Maringá foi marcante na minha carreira, marcou a minha vida como atleta profissional, como treinador, como pessoa, como cidadão benemérito, já recebi esse título da Prefeitura, tenho com grande orgulho aqui na minha sala, as homenagens da Câmara de Vereadores, das nossas conquistas e da minha família que eu formei, minha esposa, meu filho Weverton, Weverton 15 anos, a Maria Stela é gerente de uma grande loja de produtos masculinos aí no centro, têm meus netos aí. Então Maringá pra mim foi a grande fase de toda a minha vida, como cidadão, como pessoa, como esportista, eu agradeço até hoje e agora que estou mexendo com a internet aqui, estou clicando Maringá aqui, to sempre vendo esses impe roxo, ipê amarelo, nessa avenida nossa que corta a cidade, a nossa linda catedral e não deixo de clicar o Estádio Willie Davis, deve ter outro nome agora, não sei, deve ter o nome de João Paulino, o nosso grande presidente de honra, prefeito e tantos dirigentes que nos ajudaram na época, o Sr. Belizaário Meneghetti, essa família da usina, aí, que nos ajudou tanto, enfim até esqueço o nome daquelas pessoas que marcaram na vida do futebol de Maringá, eram pessoas ligadas à cidade, a

comunidade maringaense, e ao clube nos ajudavam muito. Então eu só tenho de agradecer de coração, de ter sido convidado pelo Edegar e pelo Roderley na época, de eu ter assinado contrato com esse Grêmio maravilhoso, de que eu participei como atleta, como cidadão, e como esportista e como tudo. Meu muito obrigado também por dar essa entrevista a você, espero ter contribuído. Ah, outra coisa, outro dia vi aqui numa internet não sei o que cliquei e ele disse que houve racismo contra o Pelé, por lá, eu não contei que nós perdemos, nós perdemos de 11 a 1 do Santos também. Eu vi lá que houve racismo, não houve racismo nenhum. O Pelé quando veio jogar aí de frente ao Hotel Bandeirantes, aí tinha quatro a cinco mil pessoas na chegada do Santos. O Pelé não teve nada disso, que eu vi não sei como eu cliquei aqui, o cara bota lá que houve racismo, não houve nada. O Pelé foi bem recebido aí, tomamos de 11 do Santos, ele teve de sair antes que a torcida queria pegar ele, enfim essa idolatria, e ele era moleque ainda, que tava no esplendor da carreira, não era aquele homão tudo que tem até hoje. Então não houve nada de racismo. O Santos veio e ganhou. O Santos tinha jogado em Assunción no Paraguai, o Pelé machucou mais ou menos, teve uma luxação no ombro e então foi pedido que nos fizéssemos uma exibição, que o Santos ia dar. O Santos fazia muita excursão fora do Brasil, que não vivia o Campeonato Brasileiro que é bom o grande clube brasileiro só ia jogar pra Europa para arrecadar dinheiro, então pra fazer uma exibição, veio, de jogador do Santos você tomava quatro, cinco, seis daqueles grandes Clubes de São Paulo, Palmeira, Corinthians e esse time era levado do Santos na época pra fazer exibição, cara, nós tomamos de onze, mas foi um espetáculo pro público, marcante na época.

**Apêndice 12****Entrevista: Cláudio Viola****Duração: 15:19 – por telefone****Data: 11/09/2009**

**Viola, para começar, queria que você falasse desde quando você trabalha com o esporte aqui em Maringá. Desde quando você acompanha o futebol aqui da cidade?**

Viola – Trabalhar diretamente, não é, na prática mesmo foi em 1989, eu sempre acompanhei como torcedor, não é, observava, ia a campo desde criança, porque sou nativo. Então os Grêmios, já a partir de 68 sempre acompanhei, mas trabalhar, de me envolver mesmo como repórter isso aconteceu a partir de 1989, coincidentemente, quando fundou o Maringá, Maringá, Maringá, Maringá Esporte, o Maringá Atlético Clube, o MAC, que foi aquele time que o Elnio Pohlmann fundou para disputar a Segunda Divisão, e a primeira partida até que eu trabalhei foi exatamente como essa, foi no Campeonato que o MAC subiu para a primeira divisão, 89, contra o Londrina, então envolvimento direto é a partir de 1989, que acompanhava bem de perto mesmo, de me envolver com os times.

**Viola, dos clubes que você acompanhou aqui de Maringá, quais foram eles? Você falou do MAC, o Galo agora por último. Quais os clubes que você já acompanhou na prática, como jornalista, aqui em Maringá?**

Viola – Olha, como jornalista, o Grêmio de Esportes Maringá, que foi quando eu comecei a trabalhar, tinha então o Grêmio de Esportes Maringá, que tinha sido fundado em 1974, 1975, que tinha conquistado o título de 1977, esse foi o Grêmio que acompanhei, acompanhei mais atentamente, e depois surgiu o Maringá Atlético Clube, eu acompanhei também, mais tarde o Maringá Futebol Clube, só pra que se tenha uma compreensão, o Grêmio, alvinegro, o Maringá Atlético Clube, tricolor, que tinha as cores da bandeira de Maringá, que era branco, vermelho e amarelo; depois o Maringá Futebol Clube que era tricolor também, preto, branco e verde e, depois o Galo Maringá, que foi o time, antes do Galo Maringá, um novo Grêmio porque o Grêmio de Esportes Maringá desapareceu e aí surgiu o Grêmio Maringá Sociedade Civil, que é esse Grêmio que está tentando ressuscitar agora, foi campeão da Segunda Divisão em 2001, e disputou os campeonatos de 2002, 2003, 2004, caiu para a Segunda Divisão, e depois, a partir de 2005 acompanhei o Galo Maringá, que

acabou por se deteriorar, por abandonar o campeonato no ano de 2008, chegou a disputar 2008, e abriu mão do campeonato de 2009. Então, os clubes profissionais na Primeira Divisão que eu acompanhei como profissional, como jornalista esportivo foram esses.

**Viola, durante esse período aí, desde o Grêmio até hoje, qual foi o momento mais marcante do futebol local para você?**

Viola – Seguramente foi o ano de 1977, aliás a década, a segunda metade da década de 70, que foi a fundação do Grêmio de Esportes Maringá, que foi o ressurgimento do Grêmio de 74, e esse time que foi campeão em 77, então o ano de 77 foi o mais marcante, foi quando vieram os grandes jogadores prá cá, quando a diretoria tinha coragem de fazer investimento na contratação de grandes jogadores, tipo Itamar que até hoje vive na cidade, Didi, Nivaldo, Ferreirinha, Freitas, depois outros jogadores como Cafuringa, João Paulo, então muitos grandes jogadores foram, defenderam o futebol profissional de Maringá nesta época de 74 até 81, foi campeão em 77, o Grêmio de Esportes Maringá, depois de 81, foi vicecampeão, estava sempre ali, disputando, é, a condição de ficar entre os quatro primeiros colocados. Esse bom momento durou até, eu diria até 88, 89, altos e baixos, mas era uma equipe competitiva, mas pra resumir mesmo, o momento mais marcante foi em 77, 77 a 81, que nesse período o time foi campeão, teve um título e um vicetítulo, que foi aquela final que perdeu pro Londrina, no jogo lá no Estádio do Café, eu acho que esses são os momentos pontuais do futebol profissional que acompanhei bem de perto.

**E o pior momento, Viola, qual foi?**

Viola – Rapaz, eu acho que o pior, aí as opções são maiores, viu, pra você detectar o bom momento é um pouco difícil, agora foram muitos, não é, eu acho, eu vi com muita tristeza o desaparecimento do MAC, por exemplo, estava na Primeira Divisão, porque houve uma época que Maringá, aliás isso é histórico, teve duas oportunidades, Maringá teve dois times na Primeira Divisão, foi em 89, tinha o Grêmio de Esportes Maringá e o Maringá Atlético Clube, mas esse Maringá Atlético Clube, em 90 faliu assim de uma forma melancólica. Com jogadores sendo despejados de repúblicas e dirigentes sendo caçados pelas ruas. Tinha um jogo marcado, me parece em Goioerê e o time do adversário ficou lá esperando e eles não apareceram, por conta de que abandonaram o campeonato. E depois, agora

mais recentemente, também o desaparecimento do Grêmio, do Aurélio Almeida, que também foi uma fase muito melancólica, o time caiu para a Segunda Divisão, o time se endividando, esse Aurélio que está voltando agora, eu acho que foram, assim, esses dois os piores momentos que acompanhei bem de perto.

**Viola, jogos que marcaram o futebol de Maringá. Pontue uns dois, dois ou três jogos que para você nesse período que você acompanha, dois ou três jogos que tenham marcado para você e para o esporte de Maringá.**

Viola – Olha, prá mim, aquele jogo de 77, foi o da decisão do campeonato, a primeira partida contra o Coritiba aqui, 2 a 1, aquele, trinta e três mil pessoas no Estádio, o Grêmio ganhou aqui e depois com a vitória que teve aqui foi a Curitiba, no Couto Pereira, e empatou, eu acho que esse foi o jogo realmente marcante. Depois pelo Campeonato Brasileiro, eu acho que 78 ou 79, não estou certo, que o Grêmio teve uma participação no campeonato, na época Campeonato Nacional, que era por convite, as equipes eram convidadas, e fez um jogo contra o Grêmio de Porto Alegre aqui, que foi realmente uma coisa extraordinária, também com o Estádio lotado, e o Grêmio, prá surpresa do país todo, venceu aquela partida, 1 gol do Itamar. Eu acho que esses dois jogos foram os mais importantes que eu presenciei.

**Viola, e você que acompanha o futebol a certo tempo, como você vê esse projeto para 2010. Maringá possivelmente com três equipes profissionais disputando o campeonato paranaense?**

Viola – Eu acho que é complicado, agora do jeito que está você tem que esperar pra ver, não é, as propostas, está acompanhando essa transferência do Engenheiro Beltrão, me parece a coisa mais palpável, porque o Engenheiro Beltrão já está na Primeira Divisão e se fizer essa transferência já está transferindo uma estrutura, que já está montada, que já existe, palpável, se bem que eu ache até que a torcida vai ter dificuldade pra assimilar essa idéia, mas assimila, isso é uma questão de tempo, pode passar um ano, dois e depende, é claro, dos resultados. Então, é importante a estrutura já existe, eu acho que é a coisa mais viável. No caso do Grêmio é tudo muito, muito, duvidoso, muito, uma névoa, agente não sabe exatamente, quer dizer, a diretoria anuncia que vai estabelecer o time, mas não tem uma república, não tem campo pra treinar, não tem uma conversa para utilização do campo, não tem nada de concreto, veja só. O Muller veio aí, mas também não disse nada com nada, a gente não tem uma informação concreta, isso a gente precisa esperar pra vem e tem

essa possibilidade do Maringá Esporte Iguatemy, mas a gente vê também que é um time que, na verdade, tá preocupado em formar aí seus jogadores, não tem responsabilidade nenhuma. Eu, portanto, dessas três propostas que estão aí, a que me parece mais concreta é a do Engenheiro Beltrão, não que eu esteja apostando nela, mas eu acho que é a mais palpável, não é, a que você sente, que você vê, porque há alguma coisa de concreto, agora os outros são só projeto, e projeto, sabe como é, tanto pode dar certo como não. Tem que ser tipo São Tomé, esperar para ver.

**Viola, surgiram várias equipes em Maringá e muitas delas, o Águia, o Maringá Atlético Clube mesmo, várias equipes surgiram...**

Viola – É, eu esqueci do Águia, quando falei dos clubes, deixei passar o Águia, se bem que o Águia não chegou à Primeira Divisão, mas merece ser citado, sim.

**Vários clubes então acabaram fechando as portas. Pra você que acompanhou, acompanha o futebol de perto, tem algum motivo pra esse fechamento de tantas equipes aqui em Maringá?**

Viola – Não, até financeiro. O motivo básico é financeiro e não é um fenômeno exclusivo de Maringá. Se você observar, você vai ver que grandes cidades do país estão sem futebol. Ribeirão Preto, Marília, Presidente Prudente, pra citar o estado de São Paulo, Cascavel tem dificuldade, Ponta Grossa, há quanto tempo não tem futebol, Londrina, que diria, Londrina está na Segunda Divisão do Estadual, portanto não é um privilégio, privilégio entre aspas, de Maringá essa dificuldade, mas eu acho que o problema é exatamente o resultado das buscas de recursos, não há interesse de investimentos, de patrocinadores no futebol do interior, por conta de que não tem a mesma visibilidade que tem nos grandes centros, principalmente de equipes que participam da primeira divisão, a ausência de calendário, você pra montar um time para disputar um campeonato paranaense que dura dois meses, pouco mais de dois meses, você tem dez outros meses do ano para manter esse time sem disputar nada. impossível, então o que determina a falência do futebol do interior é a ausência de calendário, essa dificuldade para se chegar à Série C, até pra chegar na Série D não é fácil, e é pra poucos, quantas vagas o Paraná tem para a Série D? E aí em função da ausência de calendário, ela gera a indisposição do patrocinador de participar do projeto, e se não há patrocinador não tem dinheiro, e se não tem dinheiro não tem como você manter, porque afinal de contas um time de futebol é

como uma empresa, as pessoas precisam receber salários, os atletas precisam se alimentar, precisam ser transportados, isso tudo demanda, isso tudo determina a necessidade de recursos e a ausência desses recursos é que determina a falência ou a semifalência do futebol no interior. Essa é a minha leitura.

**Viola, e pra você, qual seria uma alternativa pra essa falta de calendário para os times do interior, até que eles consigam um patrocínio, consigam se manter ativos aqui?**

Viola – Então, aí é a necessidade de decisão política, política no ambiente esportivo, mas política que as federações tivessem a sensibilidade de solicitar, apresentar um projeto pra CBF pra que ela mantivesse, para manutenção desses. Eu acho que uma solução seria, é fácil, você detectar o problema e não apontar solução. Eu acho que a criação de campeonatos nacionais regionais, não é, no caso esses campeonatos Copa Sul, Copa Sulina. São competições, seriam competições pra manter essas equipes em atividade, termina, por exemplo, o Campeonato do Paraná, o Campeonato Estadual Paranaense, Campeonato Estadual Catarinense, Campeonato Estadual Gaúcho, aqueles que acontecem nos estados todos, então essas equipes inativas eles deveriam ter à disposição uma competição organizada pela CBF, com alguns subsídios da CBF, porque a CBF tem recursos para isso, que ela fatura extraordinariamente, e poderia manter esse campeonato aí, valendo alguma coisa, valendo Copa do Brasil, enfim, alguma coisa que desse além dos dois ou três meses de Campeonatos Estaduais, mais três ou quatro, quiçá cinco meses de campeonatos regionais envolvendo, campeonatos interestaduais, no caso por regiões, Campeonato da Região Sul, da Região Sudeste, da Região Norte, da Região Nordeste, eu acho que se não houver esse tipo de preocupação vai ser impossível pros clubes do interior do Paraná e das outras unidades da federação sobreviverem.

**Viola, você foi um dos compositores de um dos hinos de um dos Grêmios.**

Viola – Junto com o Antônio Roberto de Paula, que é companheiro, também jornalista.

**Exato, queria que você falasse de como foi pra você compor o hino de um time de futebol aqui de Maringá.**

Viola – Então, foi uma coisa assim, o Antônio Roberto de Paula e eu começamos pelo Maringá Futebol Clube, foi o primeiro hino que nós cometemos, por assim dizer. Era um time tricolor, tal, e a gente achou a idéia interessante, mas aí o time não sobreviveu, teve aquelas dificuldades todas e por conta de que nós tínhamos feito o hino do Maringá Futebol Clube, quando se montou o Grêmio novamente, esse novo Grêmio, o Grêmio pós-Grêmio de Esportes Maringá, que o Grêmio de Esportes Maringá tem o seu hino, que é de autoria de Frambel Carvalho, o hino que foi composto na década de 70. É aquele “Salve, Salve, alvinegro do Norte / A você o nosso grito de gol”, esse é o hino clássico do Grêmio de Esportes Maringá, da autoria do também jornalista Frambel Carvalho. Nós fizemos o hino desse novo Grêmio, que acabou sucumbindo também e, mais recentemente, do Galo, mas porque isso, a gente ficou conceituado como compositores de hino, mas não, as pessoas procuram, inclusive gente nos procuraram, tinham vontade de fazer e fizemos, assim como foi recentemente com o do Galo de Maringá, mas pra nosso infortúnio nenhum dos times que nós fizemos o hino conseguiu sobreviver, a não ser o Grêmio, esse que está sendo resgatado, consiga ressurgir, mas o Antônio Roberto de Paula e eu não tivemos muita sorte com nossos hinos ou os times que mereceram nossos hinos não tiveram muita sorte e acabaram desaparecendo.

**Apêndice 13****Entrevista: Elnio Silveira Pohlmann****Duração: 08:19****Data: 03/11/2009**

**Seu Elnio, quanto tempo o senhor esteve envolvido direta ou indiretamente com o futebol aqui de Maringá?**

Elnio - Bom, eu, eu cheguei em Maringá dia 17 de dezembro de 1951, de 59 perdão. E no dia 20 de janeiro de 1960, eu assumi o Esporte Clube Operário, já fui presidente por dois anos. De forma que depois que eu assumi o Operário eu tentei profissionalizá-lo, realizei partidas de futebol com clubes profissionais, o Botafogo do Rio. Naquele tempo, o Agnaldo Timóteo, que é um fanático torcedor do Botafogo, fazia o “showbol”, ele vinha com o Botafogo fazia o amistoso e ele dava um show musical. O Operário, eu pretendia profissionalizá-lo porque na época, o Grêmio Esportivo Maringá, que era o clube representante de Maringá, já estava fadado a desaparecer, ele tava numa crise muito grande. Então desse tempo em diante, eu só tive uma parada em 2000, eu parei 2 anos em função das turbulências políticas.

**Seu Elnio, e assim, como que era o apoio da cidade na época que o Grêmio, foi bicampeão, tricampeão, como que era o apoio da cidade, era um apoio diferente do apoio que o futebol tem hoje?**

Elnio - Bom, o futebol na década de 1960 tinha um fato que hoje dificilmente se repete, não só em Maringá, mas em todo Brasil, nós tínhamos o café na sua verdadeira epopéia. De 1960 a 1970, o café predominou no mercado, e os plantadores, e colhedores de café, eles tinham dinheiro, então o Paraná vivia uma época rica. De 1970 pra cá, a coisa começou a mudar, aí já não tinha café, houve um êxito rural, o povo da lavoura veio pra cidade, se criou os grandes problemas sociais. Então Maringá tinha ajuda em geral, todo mundo era torcedor, só tinha um time, se fundou o Grêmio Esportivo Maringá, que era o terror, ganhava de todo mundo. Naquele tempo, não tínhamos ônibus pra jogar, os ônibus da Viação Garcia eram com estrutura de madeira, não tinha vidro, só o pára-brisa, o resto era coberto de lona, você ia daqui a Londrina “comendo” um pó danado. Então o futebol do Paraná tinha o sul e o norte, o norte era de Maringá a Cornélio e o sul era

Paranaguá, Ponta Grossa, Curitiba, e nada mais do que isso. Os clubes do Norte que se projetaram com o café, como o Grêmio, por exemplo, não tinha problema de apoio.

**Seu Elnio, assim, várias equipes surgiram e fecharam as portas aqui em Maringá, qual foi o principal motivo pro senhor desse fechamento de vários clubes aqui na cidade?**

Elnio - Olha eu posso te falar com tranqüilidade porque eu acompanhei o futebol de Maringá, da década de 1960 pra cá, o principal fator que nós não temos um clube com durabilidade, com estruturação patrimonial, é porque o passado nos ensinou a manter times de camisas para ganhar títulos, porque desde o primeiro momento, em que o Grêmio se envolveu com o time de futebol, ele tinha sempre um padrinho chamado Prefeito, e esse foi o grande mal do futebol de Maringá, porque todos acreditavam no momento, todos eles que entravam no Grêmio, eles queriam explora politicamente. Veja bem, quando o João Paulino era promotor em Mandaguari, veio para Maringá, ele queria ser prefeito, e ele viu no Grêmio, um trampolim, então ele se apegou ao Grêmio. Foi Prefeito, gostou e aí começou a todos os outros prefeitos queriam ajudar o Grêmio, então ninguém pensava em fazer patrimônio. O Grêmio Esportivo Maringá chegou a edificar um projeto, colocou a maquete na prefeitura, porque o João Paulino era prefeito, e ele era o tesoureiro, venderam dois mil títulos patrimoniais numa área de dois alqueires no Maringá Velho a cem metros da avenida Brasil e não construíram, apenas iniciaram. E eu me deparei com esse problema quando fui presidente do Grêmio de Esportes Maringá, eu procurei unificar todo patrimônio, porque eu via que o passado não nos exemplificava com durabilidade, eu sabia que um time de futebol ia ajudar enquanto o prefeito estava ajudando. Esse foi o grande mal e foi o grande pecado do futebol de Maringá, todos os dirigentes se acomodaram no apoio do prefeito, e acharam que o prefeito bancava com 10, 12 empresários de peso na cidade, eles mantinham o time ano a ano, e isso foi acabando porque as dificuldades foram aumentando, o café sumiu e os clubes não pensaram no passado em construir patrimônio para ter sustentação.

**Seu Elnio, e pra terminar, o senhor acha que hoje em dia é bem mais difícil que no começo fazer o futebol aqui em Maringá? E por quê?**

Elnio - Olha, o futebol de Maringá ele está difícil de fazer, porque o futebol de Maringá foi envolvido de pessoas que exploram a comercialização de jogadores, o futebol de Maringá, não tem mais a tradição do amor, da paixão, o futebol de Maringá hoje é uma juventude, que os velhos torcedores, grande parte já morreram, e os novos, que podiam seguir os exemplos do pai, o gosto do pai, de torcer por um clube de Maringá, não fazem porque estão sendo iludidos por pessoas que vem pra comercializar jogadores. Então hoje mudou a filosofia, hoje não tem mais paixão no futebol, hoje ninguém mais faz futebol em Maringá por amor, eles fazem futebol pra promover jogador, eles querem ter um time que participe do campeonato pra poder veicular o jogador, porque se não tiver, o jogador é livre e aí vem outros clubes e levam. E o que o investidor quer? Vem na cidade, explora a cidade, põe um pouco de dinheiro, engana a cidade e leva os valores daqui, e nunca vai ter time de duração, nunca vai fazer um clube com patrimônio, um clube com camisa, um clube pra ser campeão como foi o Grêmio no passado, então hoje ninguém tá preocupado com isso, eles tão preocupados em revelar jogador, e pra revelar jogador tem que disputar campeonato, então por isso Maringá pode ter 4 ou 5 times em 2010.